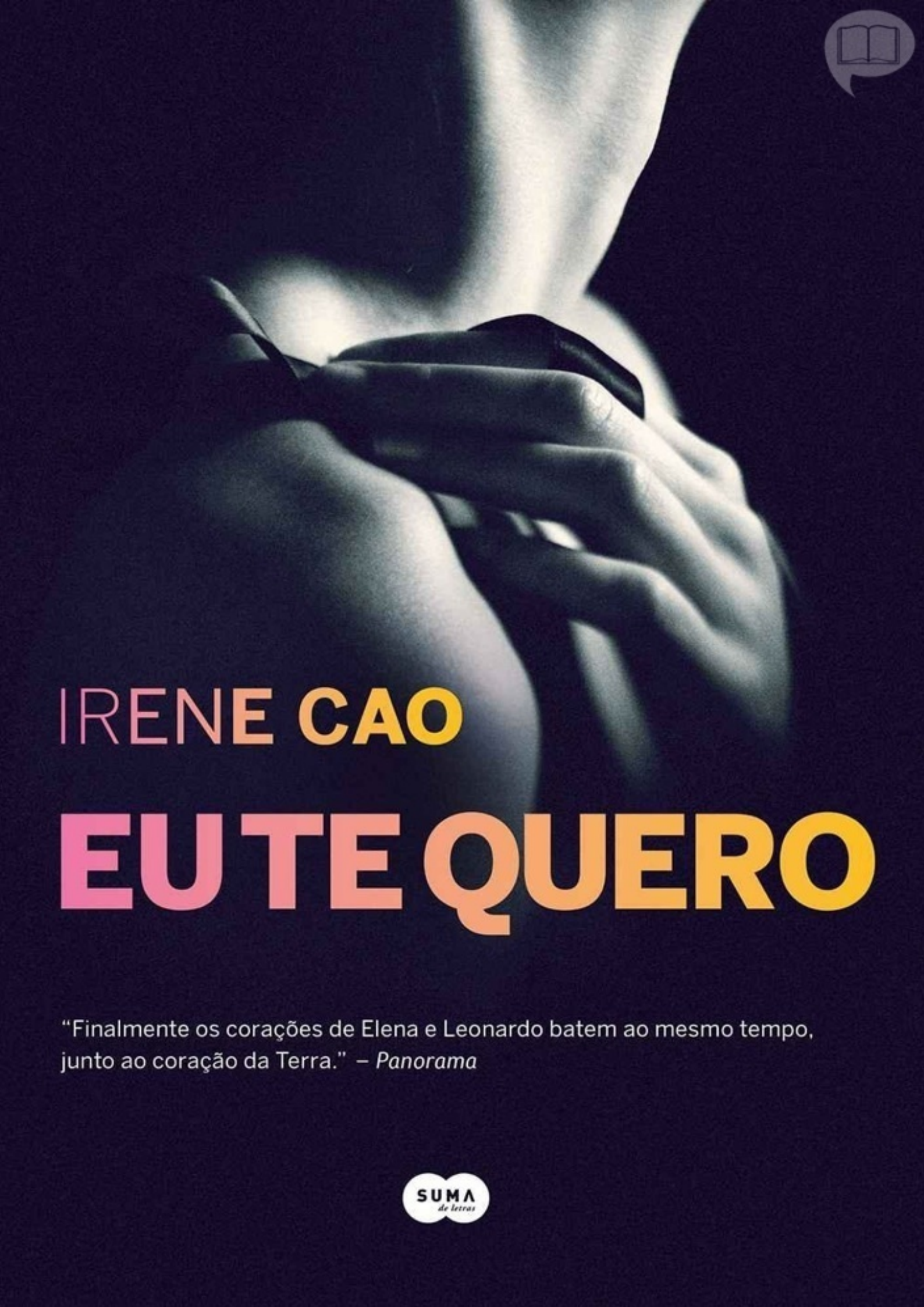

IRENE CAO

EU TE QUERO

"Finalmente os corações de Elena e Leonardo batem ao mesmo tempo, junto ao coração da Terra." – *Panorama*

SUMA de letras

Elena perdeu tudo. Os dois homens mais importantes de sua vida. A alegria do trabalho bem-feito. O carinho e a segurança com Filippo e a paixão e o sexo arrebatador vividos com Leonardo. Seus dias são uma descida ao inferno. Nada parece ter sentido, nem mesmo o mundo da arte ao qual se dedicava tanto. Toda noite vai a boates, bebe demais e acaba saindo com um homem diferente, mas nunca encontra o prazer que sentia com Leonardo – seu corpo não reage e o desespero a domina.

Em Eu te quero, a vida de Elena mudará de forma inesperada. Em uma manhã, o destino fará com que acorde ao lado de Leonardo sem entender o que está acontecendo. Entre o sonho e a realidade, ela terá de decidir mais uma vez que caminho seguir e se um futuro junto a seu amado ainda é possível. O que significa o convite tão especial do homem que não conseguiu esquecer? Ela decide se arriscar em um tudo ou nada. Mas o passado é um demônio que Leonardo não conseguiu vencer... e o último perigo pode ser fatal.

No volume final da trilogia italiana, continuação de Eu te vejo e Eu te sinto, Leonardo e Elena precisam vencer as lembranças do passado para viver um grande amor.

1

Com uma batida seca fecha a porta do quarto 405. Entra e insere o cartão magnético no interruptor da parede. A luz invade o cômodo, é um branco desagradável, que cega.

Então, com um gesto apressado, desliga todos os interruptores, menos o do abajur na mesinha de cabeceira à direita. Uma mancha de claridade na escuridão total do quarto torna a atmosfera mais íntima e quente. Senta-se na beira da cama e estica o braço para regular a intensidade da luz.

— Assim está melhor. — Tenta não parecer ansioso demais enquanto fala, mas sei que um desejo ardente o consome. E eu sinto a mesma coisa.

Concordo. Estou de pé, um pouco depois da entrada.

Ele me olha. Seus olhos brilham com uma luz suave, são tão líquidos que parece que posso nadar dentro deles. Levanta-se da cama e se aproxima. Ele me agarra pelos cabelos, obrigando-me a inclinar a cabeça para trás, e começa a me beijar na boca com paixão.

Eu o satisfaço, deixando a bolsa cair no chão. Sinto minha voracidade, meu desejo, minha ânsia, sinto seu calor, sua saliva, a generosidade com a qual está me oferecendo seu corpo. Pronto. Começa outra noite de delírios, uma noite de sexo e loucura que se junta a uma lista tão extensa que perdi as contas: encontros demais, tão diferentes, e ainda assim tão inutilmente parecidos.

Ele é meu novo amante e eu o conheço há poucas horas. Sei apenas que se chama Giulio, é de Milão e é ator. Ou melhor, quer ser. Nós nos conhecemos — se é que se pode dizer isso — esta noite na Goa, uma discoteca onde às sextas, a essa altura, sou frequentadora assídua. Ele me olhou assim que pisei na pista, e não tirou os olhos de mim nem um minuto. Dançamos até a exaustão, eu me divertia tocando nele e ele se esfregava em mim, numa brincadeira muito explícita, de alto teor erótico. Nos rostos das suas amigas se alternavam olhares de inveja e desprezo, que, em vez de me fazerem desistir, sem querer me provocavam uma sutil excitação.

— Por que não vamos embora dessa confusão? — perguntou Giulio a certa altura. E então aqui estou eu, no quarto 405 do hotel Duca d'Alba. Tudo pago pela produtora do filme, um thriller em que ele faz um papel pequeno.

Minhas mãos agora se perdem desesperadas no emaranhado de seus cabelos loiros. Giulio me aperta contra o armário embutido e levanta minha

perna, flexionando-a: meu joelho pressiona seu quadril. Nossas línguas se devoram, ardem, lutam num ritmo cada vez mais enlouquecido. Então ele desliza para baixo, afunda a cabeça entre minhas pernas, debaixo da minissaia, e aperta minhas coxas em suas bochechas ásperas. Um rastro úmido insinua-se dentro da calcinha: sou carne molhada, e sua língua é desgraçadamente impaciente. Demais.

Agarro sua cabeça com força e o afasto, obrigando-o a se levantar. Ele não desanima e com um gesto decidido arranca minha saia, deixando-me de tanga, meia-calça, cinta-liga e botas salto 12. Depois começa a desabotoar minha blusa, se introduz debaixo do meu sutiã para procurar os mamilos com os dedos frenéticos. Então estico a mão até o zíper de sua calça jeans e o aperto até senti-lo crescer ainda mais. Eu o olho no rosto, mas na verdade não o estou vendo, meus olhos estão cheios de álcool e cansaço. Com mais força ainda eu o empurro na cama e o obrigo a se sentar na minha frente. Esta noite sou eu que mando.

— Tire a roupa — ordeno.

— Tudo bem. — Sorri, desamarrando os sapatos com calma. — Gosto das dominadoras.

Começa a se despir. Primeiro os sapatos e as meias, depois tira a camisa pela cabeça e fica nu da cintura para cima. É magro, mas tem o tórax cheio de músculos grossos como uma armadura. Ele me encara com olhos que parecem a ponto de se dissolver e arranca o cinto devagar, colocando-o na cama.

Tiro sua calça, puxando-a pelas pernas, e a deixo cair no tapete, ao lado da minha saia. Depois pego o cinto com firmeza na palma da mão e o estalo no ar como um chicote. A fivela, batendo na mancha de luz fraca refletida no chão, emite um brilho e sacode o silêncio com um som metálico. Giulio está com um sorrisinho divertido nos lábios, parece realmente à vontade, e eu também estou. Ele está pronto para entrar na parte boa da brincadeira.

Eu me encaixo entre suas pernas, deixando que seu joelho me aperte, e lentamente começo a esfregar a borda do cinto em sua pele nua. Do pescoço desço pela linha do tórax, desenhando uma espiral em volta dos mamilos, e chego até o umbigo. Depois subo de novo, ainda mais devagar. Ele sente cócegas, sua pele se retrai, o couro áspero o tortura. Ele está todo arrepiado, leio isso em seu olhar. Passo o cinto por trás de sua nuca e o amarro, como se fosse uma coleira. Fica impressionante sobre sua pele clara, parece uma cobra preta com uma cabeça de ferro reluzente. Vê-lo

assim me deixa loucamente excitada.

— O que você quer fazer comigo? — ele sussurra, enquanto eu me levanto. Seus olhos verde-água estão queimando agora. Ele abre meu sutiã, aproxima-se de um dos meus mamilos, que estão exatamente na altura de sua boca, e passa a língua em volta dele.

— Shhh, já, já você vai ver — sussurro, e o empurro na cabeceira da cama.

Fico de pé e, sem parar de olhá-lo, tiro uma das meias. Levanto seu pulso esquerdo, passo a meia em volta dele e a aperto com um nó na ponta. Depois faço o mesmo com o pulso direito e amarro a extremidade dos laços à haste de ferro da cabeceira. Aperto forte, até machucá-lo. O nylon fio 60 se estica, mas não rasga. Arranco com violência sua cueca também, com a mesma força que um homem usaria.

Eu o deixo assim, nu e imobilizado, e me aproximo da mesinha no canto. Com calma sirvo meio copo de uísque, como se ele não existisse. Sinto a excitação crescendo, sinto isso pelo batimento cardíaco que aumenta, pela testa que pulsa. Meu peito parece mais inchado, arde. Talvez eu esteja ultrapassando o limite, mas não me importo, não existe espaço para pensar, esta noite. Só existe espaço para o prazer.

— E eu? — Giulio me olha como um animal na gaiola. — Não vai oferecer um pouco pra mim também? — pergunta, implorando.

— Vamos ver se você vai se comportar bem primeiro — respondo.

Ele balança a cabeça, triste, mas sei que está gostando da brincadeira.

Agarro a cadeira da escrivaninha e a arrasto até o lado da cama. Coloco o copo no chão, depois me sento e olho para ele, esticando uma perna sobre seu tórax. Meu pé, agora, caminha sobre sua pele, massageia seu pau duro, insinuando-se entre os pelos do peito com os dedos, e sobe, até tocar de leve o pescoço e acariciar a boca.

Giulio abaixa a cabeça e com a língua procura o arco do meu pé, onde a pele é mais fina. Meu pé se curva, busca seus beijos, se enfia entre seus lábios e deixa que ele o chupe... Dentro e fora, infinitas vezes. Choques elétricos minúsculos começam a subir pela minha perna, chegam até meu sexo, mas param ali, na superfície. Não vão adiante. Não consigo sentir nada mais profundo.

— Muito bem — sussurro, convincente. Eu não sinto nada, mas ele é bom nisso, tenho que admitir.

Pego o copo do chão e dou para ele beber.

— Obrigado — diz, passando a língua nos lábios.

— Você merece — respondo, com voz macia.

Então me levanto de repente, derrubo a cadeira para trás com um chute e subo na cama, de quatro em cima dele. Minha língua com gosto de uísque desperta e começa a deslizar por sua pele, do pescoço ao umbigo, para cima e para baixo. Gosto de lambê-lo. Ele tem um cheiro bom, de Armani Code, ou talvez mais de Gucci Guilty. Cubro sua barriga de beijos, primeiro delicados, depois subitamente malvados, como se de repente eu tivesse sido mordida por uma tarântula.

Ele sopra em mim sua respiração excitada. Tudo começa a se esticar abaixo de sua cintura. Seguro sua ereção e a esfrego na renda da tanga, primeiro devagar, depois cada vez mais forte. Busco meu prazer através do seu. Tiro a calcinha e agora deixo que minha carne morna o receba por alguns instantes.

Depois me afasto e o molho com um pouco de saliva, segurando-o nos lábios. Ele deixa escapar um gemido engasgado. Então me afasto e coloco uma das mãos sobre sua boca, enquanto com a outra me abro e o enfio dentro de mim, deixando-o pressionar as paredes elásticas. O sangue pulsa, o coração não. Eu me mexo para cima e para baixo, mas não sinto nada. Seguro o cinto que amarrei em seu pescoço e aperto um pouco mais, quase o sufoco. Um lampejo de espanto atravessa seus olhos, uma veia incha na testa, mas ele gosta, vejo que está excitado. Mas eu continuo sem sentir nada. Nada, a não ser um leve enjoo por causa da quantidade de álcool que bebi esta noite.

Estico a mão e apago o abajur também. A escuridão me faz sentir mais protegida. Do lado de fora, um feixe de luz branca finíssimo entra através da janela e desenha uma linha na parede acima da cama. Eu a observo, para dar uma direção ao meu olhar. Giulio está dentro de mim, mas é como se eu estivesse sozinha. Estou fingindo um orgasmo e não sei se faço isso mais por ele ou por mim.

Eu o deixo gozar dentro de mim, depois me afasto e escorrego para fora da cama. De repente, uma ideia se materializa no meio dos meus pensamentos confusos: o único modo que me fará gozar realmente é ir embora daqui e deixá-lo amarrado. Será um prazer puramente sádico, talvez, mas pelo menos tem um lado divertido. Eu devo ter refletido em voz alta, porque acho que ele percebeu alguma coisa.

— Elena? — ele me chama, enquanto já estou procurando a roupa no

tapete.

Não respondo.

— Ei, pequena, o que você está fazendo? Onde foi parar? — Sua voz está levemente alterada.

Pequena? Nós nos conhecemos havia cinco horas e ele já está me chamando de "pequena". Talvez ache que está num set de cinema. Ouço-o tentando se soltar, mas não consegue. O nylon não me deixa na mão.

— Estou aqui — sussurro —, mas daqui a pouco não estarei mais.

— Merda, Elena! — Ouço a cabeceira da cama batendo forte na parede. — Você não pode me deixar assim.

Coloco a calcinha e acendo a luz. Vejo que ele está tentando rasgar as meias com os dentes. Solto um sorrisinho.

— Vamos, pequena, me solta — insiste. — Não tem graça. — Ele me dá uma olhada sombria. Por incrível que pareça, seu pau ainda está duro. — Daqui a pouco tenho que filmar a última cena. Estão me esperando no set às seis. — Com o canto do olho, enquadra o relógio na mesinha de cabeceira que marca quatro horas. — Me solta, merda! — Sua voz fica dez vezes mais alta.

— Você grita assim na cena em que o matam? — pergunto, com uma ponta de sarcasmo.

Quase sinto pena dele. Ficou famoso por causa da propaganda de uma marca de bombons e agora que conseguiu esse pequeno papel num filme já se comporta como se fosse candidato ao Oscar. A tentação de deixá-lo ali é enorme, mas depois volto atrás e resolvo salvá-lo.

— Calma — eu o tranquilizo. Aproximo-me devagar, subo nele, tiro o cinto de seu pescoço e o desamarro, soltando primeiro um nó e depois o outro. — Está livre! — anuncio, dando de ombros, e num pulo estou fora da cama.

— Ah, não, putinha... — Uma mão me segura por trás, agarrando-me pelos cabelos. — Aonde você pensa que vai? Agora você vai me pagar. — A raiva se confunde com o desejo em sua voz.

Não sei por quê, mas esse seu ataque selvagem me provoca e me excita. Com um golpe violento, ele me empurra contra a parede. Por trás abaixa minha calcinha e com os pés abre minhas pernas. Então, apertando meus quadris, me curva para a frente e de uma vez afunda dentro de mim todo o pau ainda muito duro e grosso — eu o sinto maior que antes, mas talvez não deva confiar nos meus sentidos, agora. Ele me preenche num

impulso raivoso, e eu me alimento de sua brutalidade. Suas mãos se firmam em meus seios e seus dentes afundam em meu pescoço. Ouço-o gemer de puro prazer e me esforço para fingir que sinto a mesma coisa, enquanto aperto desesperadamente as mãos na parede. Então, com decisão, ele me pega pela bunda, desliza para fora e depois entra de novo com mais violência, pressionando tão forte que eu berro. Mas não estou gozando. Não sei mais o que é o prazer, desde aquela última noite com Leonardo. Desde que ele foi embora, há sete meses, meu corpo ficou vazio e mudo, não sabe mais responder aos estímulos.

Giulio para por um instante.

— Quer mais? — rosna no meu ouvido.

— Sim, por favor. Quero gozar — murmuro, sem fôlego. Na verdade, só quero que essa tortura acabe o mais rápido possível.

Ele solta um gemido grave e aumenta o ritmo, empurrando mais fundo, mais forte, mais rápido, até o último golpe: terminou, estou livre para me largar no chão, exausta, a cabeça rodando, o estômago embrulhado.

Fico assim um pouco, enquanto Giulio se veste na velocidade da luz, claramente com a cabeça já no set. Vê-lo desse jeito, um menininho que só pensa em si mesmo e que já perdeu qualquer interesse por seu brinquedo, me causa uma mistura de ternura e aversão: não sinto nada por ele, como não sinto nada pelos outros homens com quem estive depois de Leonardo. Nenhum deles soube fazer meu corpo vibrar de prazer como ele. Nenhum deles soube fazer voltar a bater meu coração, que continua bombeando apenas por hábito, porque lhe arrancaram o amor.

Giulio me puxa para si e me procura com a boca quente. Depois dá uma última ajeitada no cabelo em frente ao espelho e abre a porta.

— Foi uma noite incrível, Elena. Espero vê-la de novo. Você tem meu telefone. Me liga.

— Claro — respondo, abaixando o olhar. Mas nós dois sabemos que não farei isso: tudo termina aqui, entre essas quatro paredes silenciosas.

Saímos juntos do hotel e, na rua, nos despedimos. Cambaleio e sinto a cabeça pesadíssima, mas ainda tenho forças para chamar o táxi que vai me levar para casa.

Salto no Campo de’ Fiori para caminhar um pouco e respirar a plenos pulmões o ar fresco da noite romana, um alívio para esse mal-estar que navega entre minha barriga e meu estômago. Pelo menos por um instante.

Mas a paz dura mesmo apenas um momento, porque o enjoo volta logo, exigente e incontrolável. Vejo tudo duplicado. Estou caindo de bêbada, como tantas outras noites há muitos meses.

Por que acabei nesse estado desta vez também?

O motivo é claro até demais. Passar as noites fora de casa me enchendo de álcool e sexo foi o único jeito que encontrei para sobreviver à sensação de vazio deixada por Leonardo. Passaram-se poucos meses, mas já me parece uma vida: ele dizendo que me ama, eu deixando Filippo um pouco antes de descobrir que Leonardo tem uma mulher, Lucrezia, que não pode viver sem ele. E, depois, meu desespero por ter perdido tudo. Dói demais pensar nessa história e há tempos impus a mim mesma não fazer isso. O único remédio é apagar, começar uma vida nova, caótica, intensa, sem sentido, porém nova.

Respiro fundo algumas vezes, esperando que isso me ajude a acalmar o enjoo, e olho para cima, antes de ir para casa. É uma noite de primavera e a lua é um disco que se perde no céu. Atravesso o Campo de' Fiori, um deserto silencioso e mágico. Há somente a barraca de um vendedor ambulante, que chegou algumas horas adiantado para a feira da manhã. Tenho que tirar esses saltos de qualquer jeito e desabar na cama, por isso acelero o passo.

Ainda moro com Paola. Ela, a essa altura, não se espanta mais em me ver voltar tarde da madrugada, embora ultimamente esteja cada vez mais preocupada comigo, já que não consigo encontrar um pouco de lucidez nem no trabalho. Mas suas paranoias não têm a ver comigo, ela já deveria ter entendido que, apesar de tudo, não faço nada de mau e sou capaz de cuidar de mim mesma.

Enquanto subo as escadas lutando para manter o equilíbrio, cada degrau me parece a última dificílima etapa de uma escalada que me deixa sem fôlego. O enjoo aumenta, a cabeça ainda está rodando e meu passo está mais cambaleante do que antes.

Quando chego ao corredor do andar, confiro se estou diante da porta certa. Na campainha leio CECCARELLI. Tudo bem, consegui desta vez também. Procuro o buraco da fechadura e, depois de algumas tentativas desajeitadas, consigo inserir a chave e abrir. Entrei, mas a maçaneta escorrega da minha mão e o resultado é a porta batendo atrás de mim com um estrondo. Droga! Só falta Paola acordar...

Tiro as botas com dificuldade, para fazer menos barulho, e, descalça, me arrasto pelo corredor. Segurando a ânsia de vômito, sigo em direção ao banheiro e tropeço no peso de porta de pedra em forma de gato.

— Ai! Merda, que dor! — exclamo em voz alta, segurando a unha do pé. Malditos gatos! Estão espalhados por toda a parte, e eu, nesse momento, não consigo enxergar nada direito, já é lucro me manter de pé.

Mais um passo e estou no banheiro. Finalmente, achei que não conseguiria. Procurando o interruptor do espelho no escuro, derrubo no chão um vidro de Chanel nº5, o perfume de Paola. Barulho assustador de vidro caindo nos azulejos, líquido espalhado por todos os lados no piso, um cheiro atordoante que do nariz chega diretamente à cabeça e depois lá embaixo, ao estômago... Que catástrofe! Não vou aguentar, eu sei.

— Que confusão toda é essa? — Paola aparece na porta do banheiro de roupão, o rosto inchado de sono, os cabelos todos desgrenhados. Esfrega os olhos e me olha como se estivesse em frente a um fantasma. — Elena, tudo bem?

— Claro que vou comprar outro perfume pra você — murmuro, apoiando-me com a mão na pia e respirando fundo.

— Você está verde — ela diz, aproximando-se. — Quanto você bebeu?

— Fica tranquila... Está tudo bem. — Eu a mantenho a distância com a mão. — Eu me viro sozinha. — Tento afastá-la, enfrentando os suores frios.

De repente, sinto uma espécie de caldo fervente que da barriga sobe até a garganta. Uma ânsia de vômito dobra minhas pernas. O estômago está em ebulição. Instintivamente levo a mão à frente da boca, mas já sei que não vou resistir, meu corpo já não consegue mais segurar a nojeira que engoli a noite toda. Inclino-me para a frente e vomito. Na pia.

— Elena, que droga! — Paola me sustenta e segura minha testa; depois, quando parece que terminei, me acompanha com paciência até o vaso sanitário. Enquanto tira o cabelo do meu rosto com a mão, sinto outra ânsia e vomito de novo. Quando vai acabar essa tortura?

Fico com vergonha: estou um trapo inútil e nesse momento sinto apenas uma profunda aversão por mim mesma. Desabo no chão, dando a Paola um olhar perdido e um sorriso pateta. Então começo a tremer. Ela, tomando cuidado para que eu não me suje, me coloca encostada na banheira e limpa minha boca com uma toalha úmida. Sou um corpo indefeso em suas mãos. Dou uma olhada distraída ao espelho. Meus lábios estão arroxeados, meu rosto parece o de uma menina doente e febril.

Paola, agora, está secando minha testa. Eu a olho com uma expressão um pouco ausente, mas cheia de gratidão, como fazem os sem-teto que encontro pela rua de madrugada.

— Elena... — Balança a cabeça. Sua voz é uma mistura de ternura e bronca. — Qual é o sentido de ficar nesse estado?

Não sei, sinceramente.

— Mas a noite foi boa, sabe? Eu me diverti muito — digo num sopro, e então me abandono encostada à parede da banheira, sem forças.

Paola tem que levantar quase meu peso todo para me levar ao quarto. Depois me ajuda a tirar a roupa, me coloca na cama e me cobre. O estômago continua me incomodando e sinto arrepios por toda a coluna. Ela me obriga a comer um pedaço de pão para absorver os sucos gástricos, prende o lençol ao colchão e se senta na beira da cama, no espaço que meu corpo fraco deixou livre. Olha ao redor e balança a cabeça. Meu quarto está uma bagunça total, realmente, parece o de um adolescente perdido. O tapete está cheio de papeizinhos de chocolate After Eight, na estante mora uma coleção de latinhas vazias de Coca-Cola e garrafas de cerveja, enquanto na superfície da escrivaninha está derramada uma caixa aberta de Kellogg's de chocolate. Em todos os lugares há roupas emboladas, sutiãs e calcinhas por todo canto... Ou seja, a confusão reina soberana, dentro e fora de mim.

Paola, sentada ao meu lado, lembra minha mãe, que cuidava de mim quando eu ficava doente e não ia à escola. Parece que seus olhos estão na minha frente.

— Já é a segunda vez essa semana. Você diz que está se divertindo, mas vendo você assim é difícil de acreditar.

Faço que sim com a cabeça, respondendo a uma pergunta inexistente e deixo que as pálpebras se fechem. Finjo estar quase pegando no sono. Agora não me sinto nem um pouco capaz de aguentar um sermão, seria mortal, embora no fundo eu saiba que ela tem razão.

Paola tira uma mecha de cabelo do meu rosto e continua:

— Você está jogando sua vida fora, Elena. Eu queria tanto que entendesse isso. Sei que não quer me escutar, mas vou falar assim mesmo...

Continuo me escondendo atrás dos olhos fechados. Estou jogando minha vida fora, talvez seja verdade, mas qual é o problema? Jogar a vida fora é um alívio, me livrar de mim mesma é garantia de saúde mental, faz

com que me sinta mais leve. Sofri tanto depois de Leonardo, mas tanto, que achava que não poderia suportar, mas a certo ponto, querendo ou não, até a dor se esgota. Então, dentro sobra um vazio que é pior ainda. E eu, para preenchê-lo, comecei a abusar de tudo: do sexo, da comida, do álcool, ou seja, do que pode me dar vida, embora eu saiba muito bem que nunca vou conseguir ficar satisfeita.

— Hoje falei com Ricciardi — diz Paola, com cautela. — Ele não está aborrecido com você, quem sabe se você lhe pedir desculpas e vocês esclarecerem tudo ele a aceita de volta no trabalho.

— Aquele babaca — murmuro, magoada, retomando as forças por um segundo.

Ricciardi é o diretor dos restauros de Villa Medici. Depois que os trabalhos em San Luigi dei Francesi terminaram, como prometido, padre Sèrge nos indicou, a mim e a Paola, para um novo emprego e fomos aceitas na equipe. Mas desde o início comecei a odiar aquele homenzinho parrudo e pedante. Me dava broncas só porque algumas vezes chegava atrasada e um dia que estava um pouco tonta, depois de uma noite dançando até de manhã, acabei fazendo uma confusão com as cores. Resumindo, no fim das contas eu explodi e me demiti, batendo a porta. Não sou mais a Elena de antes, e até algum tempo atrás só pensar em fazer uma coisa desse tipo seria impossível. Mas eu fiz, e com certa satisfação. Até parece que agora vou implorar que ele me contrate de novo. E, além do mais, não é tão ruim estar desempregada: tenho tempo para fazer o que bem entender. Sem receber ordens de ninguém.

Mas parece que Paola tem outra opinião:

— Ricciardi pode até ser um pouco babaca, mas você tem sua parcela de culpa. Lembre-se de que apesar de tudo é um trabalho, Elena.

Viro a cabeça, irritada, os olhos ainda fechados. Chega! Não aguento mais a filosofia do sacrifício que Paola tenta imprimir em mim todos os dias e não pretendo ficar escutando mais uma palavra do sermão.

Você, querida Paola, não me venha com lição de moral agora, porque não vou aguentar. Eu sei, sujei seu banheiro de vômito, quebrei seu perfume, deixei tudo um nojo só, e sinto muito, mas por que você tem que me torturar com Ricciardi nesse momento? Mergulhar de cabeça no trabalho para você foi um antídoto para a dor, um jeito de esquecer Gabriella, sua amante de anos, e ao que parece está até dando certo... Mas o que posso fazer se para mim não é assim e preferi o caminho da

negação? Talvez se entregar à diversão sem limites seja menos elegante como estratégia de fuga da realidade e, tudo bem, talvez às vezes eu tenha perdido um pouco o controle, mas finalmente me sinto livre, sem complexos e, principalmente, sem preocupações. E agora pare com isso, Paola, por favor, será que eu tenho direito de dormir em paz, pelo menos?

— Claro, Paola, tudo bem... Vou fazer o que você falou — resmungo, com dificuldade, virando-me na cama. — Mas agora preciso dormir.

— Está bem, Elena. — Ouço Paola se afastar e fechar a porta.

Afundo a cara no travesseiro e penso em todos os excessos dos últimos tempos, na minha febre de liberdade, na minha busca desesperada pelo prazer. Por mais que me esforce para não sentir, a dor ainda está lá, onde se fixou quando deixei Leonardo ir embora. Uma lágrima amarga escorre pelo meu rosto. Choro por mim mesma, pelo mal que quis me fazer a qualquer custo com Giulio, esta noite, e com os outros amantes que tive recentemente. Achava que iria me livrar dos fantasmas do passado e, em vez disso, estou ainda mais vazia, incapaz de ter prazer com aquilo que *com ele* me deixava louca: sexo. Eu sei, não é usando os homens que vou resolver meu problema. Mas pelo menos assim me iludo que estou me esforçando para encontrar um pingo daquela normalidade que agora me parece inalcançável. Mais cedo ou mais tarde aparecerá o cara certo, que vai destravar o mecanismo emperrado. "Ele vai chegar pra você também!", Gaia sempre me diz. E desejo muito que ela tenha razão.

Ela encontrou o cara certo. Daqui a uma semana se casa e eu serei sua madrinha. Gaia Chinellato, a rainha das relações públicas venezianas, e Samuel Belotti, o campeão de ciclismo: o casamento do ano! No início da "história" deles, se é que se pode chamar assim, eu não teria apostado um euro, mas... Mas amanhã ao meio-dia pego um trem para Veneza e daqui a pouco minha Gaia, minha melhor amiga, será a esposa de alguém.

Sorrio, no escuro, sozinha. De repente meu corpo parece mais leve. Já está amanhecendo, mas ainda tenho um pouco de tempo para mim, para retomar as forças antes do grande evento.

Sonhe com os anjos, Elena. Amanhã você terá que enfrentar outra pequena batalha.

2

Estou em Veneza há apenas dois dias e esta cidade já me reconquistou: eu pertenço a ela, não posso fazer nada. É uma Vênus deitada sensualmente sobre as águas da Laguna, que nos enfeitiça se a olharmos por muito tempo. Aqui tudo permanece sempre igual, apesar do fluxo contínuo da maré.

Voltar ao meu apartamento depois de meses de ausência foi como me entregar a um abraço em que felicidade e melancolia se misturam nas lembranças. Como me apaixonar pela segunda vez pela mesma pessoa. Por sorte, pago um aluguel realmente simbólico ao proprietário da casa, assim não fui obrigada a abandonar meu refúgio veneziano mesmo morando em Roma.

Mas estes cômodos ficaram vazios, imóveis desde o instante em que fui embora. Apenas minha mãe entrou aqui de vez em quando para tirar o pó, mas deixou tudo em perfeita ordem. Os livros, os CDs, os DVDs, as folhas com meus rabiscos, os diários nas gavetas: cada coisa está em seu devido lugar, embora eu tenha certeza de que ela deu uma olhadinha em tudo, curiosa do jeito que é.

Nada mudou realmente, nem o ar. Às vezes tenho a impressão de ainda sentir o cheiro de Leonardo, apesar de ter se passado mais de um ano desde a última vez que fizemos amor aqui dentro. Eliminei os sentimentos que tinha por ele — talvez —, mas não ainda sua lembrança, que de vez em quando volta a me visitar como um fantasma. Se eu pudesse, apagaria tudo da minha cabeça como em *Brilho eterno de uma mente sem lembranças*: revi esse filme há pouco tempo e desejei com toda a força que existisse de verdade um modo para reprogramar as recordações. Eu me submeteria ao tratamento tranquilamente, sem as dúvidas de última hora do protagonista interpretado por Jim Carrey. É uma besteira achar que não mandamos no coração: eu coloquei uma mordaça no meu e o tranquei numa gaveta, jogando a chave fora. Vamos ver se ele consegue fazer estragos mesmo assim...

Esta noite, porém, as gatas no cio da minha vizinha Clelia se dedicaram a me lembrar de que estamos na estação do amor. A Praça San Vio parecia o Far West e à janela do meu quarto subiam uivos e ganidos de arrepiar a pele. Eu me revirei por horas na cama, com saudades dos gatos falsos de Paola, tão bonitos e silenciosos. Procurei na outra metade da cama uma

mão para apertar, um corpo onde me aninhar, mas eu estava sozinha. Estou sozinha. Não desejo o amor, só o sexo já é suficiente para mim. Gaia diz que transar por transar não tem nada a ver com a minha personalidade, porque, apesar de tudo, continuo sendo um espírito romântico... Mas ela não tem a noção completa do quanto o amor me desiludiu. Agora eu só quero distância do amor.

Estou indo para a casa dela agora. Hoje à noite haverá uma festa surpresa de despedida de solteira. É claro que Gaia não desconfia de nada, acha que será um jantar tranquilo só de meninas e, em vez disso, terá que se submeter a todos os tipos de humilhações e vexames que nós, suas amigas mais queridas, carinhosamente lhe preparamos.

Toco o interfone e, enquanto subo as escadas para chegar ao loft, vejo Gaia empurrando porta afora Samuel Belotti, o homem que daqui a quatro dias se tornará seu marido. Ele fica agarrado como um gato ao umbral para roubar um último beijo dela. E ela parece gostar bastante daquilo.

Dou uma tossida forçada para anunciar minha presença e interromper a animação deles.

— Oh, nossa madrinha... — Samuel se vira e me dá um de seus sorrisos estilo capa de revista.

— Espero não ter atrapalhado nada. — E aí Gaia também começa a rir.

— Samuel já estava de saída — ela me responde, decidida, fincando nele dois olhos ardentes. — Não é? — conclui, e o beija apaixonadamente, com língua e tudo. Parecem duas pessoas depois de um longo jejum.

— Podem se agarrar à vontade, hein — resmungo, debochando, e dou as costas a eles em protesto. Ao fazer isso, percebo que, de pé, no corredor do andar, está um sujeito de ar sério, olhos de falcão, cabeça raspada e fone *bluetooth* enfiado no ouvido direito. É o empresário de Belotti. Levanta os ombros e me olha resignado. Já deve ter se acostumado com essa cena melosa e constrangedora.

— Tem certeza mesmo que eu devo ir embora? — pergunta Samuel, colocando uma mão no traseiro de Gaia.

— Sim! — rosna ela. Eu sei que, se não houvesse esse reencontro de amigas, ela ficaria grudada naquela boca com todo o prazer. — Xô, xô — sussurra, então, e com empurrões o expulsa definitivamente.

— Cuidem dela por mim — Samuel me diz como se tivesse intuído algo sobre o destino que Gaia terá assim que ele for embora. — E tratem de deixá-la inteirinha!

— Fique tranquilo. — Pisco para ele. — E não agarre muitas mulheres esta noite — acrescento, em voz baixa. Pelo que eu sei, seus amigos organizaram a despedida de solteiro dele em Pádua. Imagino que ele também acabará destruído.

— Só preciso agarrar uma — murmura, dando uma olhada sensual para Gaia. — E, de todo modo, não posso dormir muito tarde: amanhã tenho uma competição cronometrada — diz em voz alta, peito estufado e olhar orgulhoso.

— Bem, boa sorte — respondo com um sorriso, e faço menção de entrar.

— Ganhe, amor! — grita Gaia lá de dentro.

— Pode apostar! — Ele joga um beijo para ela e desce as escadas correndo, escoltado pelo empresário.

Desde que Gaia anunciou que se casaria, no verão passado, vi Samuel apenas três vezes, mas ela me contou absolutamente tudo sobre ele, a ponto de eu poder dizer que o conheço quase como se fosse meu amigo da vida toda. É um atleta de sucesso, determinado e claramente competitivo, e quando enfia na cabeça que vai ganhar uma prova ou conquistar a mulher de sua vida, ninguém pode detê-lo. Além disso, é lindo de morrer: traços viris, perfeitos, perfil grego, lábios carnudos e dentes tão certinhos e brancos que a cada sorriso penso em um comercial de pasta de dente. Claro, seu sotaque do Vêneto é fortemente acentuado, mas tem uma voz profunda e belíssima. É o tipo de pessoa que sabe como encantar as mulheres e se tornar simpático aos homens. E, além do mais, é rico: tem um loft em Monte Carlo, uma mansão no interior do Vêneto e uma coleção de motos de corrida à qual não deixa de acrescentar uma peça nova todos os meses. De um cara desse tipo seria de se esperar um ego gigantesco, no mínimo, mas não é exatamente assim. Quero dizer: é convencido, mas não de um jeito insuportável. Como todas as pessoas conscientes do próprio talento, é muito seguro e extrovertido, mas quando exagera, é facilmente perdoável.

Depois de tê-lo conhecido um pouco — enfim, depois de pelo menos ter lhe dirigido a palavra — abandonei os preconceitos que tinha no início e entendi que, se ele fazia com que Gaia o desejasse, não era por estratégia ou desinteresse, mas só por causa de sua segunda grande paixão: a bicicleta. Tudo bem, foi Gaia, que nunca vi tão decidida e apaixonada, que me convenceu completamente. Refletindo melhor, estou superfeliz que ela

tenha escolhido ele e não Brandolini: por mais que parecesse um conto de fadas, o amor com o conde não seria um amor sincero. Resumindo: posso desempenhar meu papel de madrinha nesse casamento com total convicção.

Ao entrar no loft dos noivinhos, percebo que as outras meninas já chegaram. Alessandra, a irmã mais nova de Gaia, que mora em Londres e é casada há dois anos com Kevin — uma espécie de Lenny Kravitz em versão "rasta" —, está na cozinha às voltas com uma bandeja de *vol-au-vent.* Valentina, Serena e Cecilia, amigas do ensino médio, as três solteiras e empolgadas, estão sentadas no sofá bebericando Bellinis e beliscando amendoins. Parece que acabaram de sair de uma exaustiva sessão de maquiagem e cabelo, e brilham em seus vestidinhos justíssimos. Não sei se estou à altura da noitada, com minha calça jeans confortável e minha camiseta vintage, mas reparo que Gaia também optou pelo mesmo modelito que eu. Pelo menos fiz o esforço de usar os Paciotti salto 12, que certamente valorizam o visual.

A ideia da despedida de solteira foi de Valentina. Ela também trabalha como relações-públicas em casas noturnas e quando soube da minha chegada a Veneza me envolveu logo na organização da festa surpresa. Não foi fácil guardar segredo de Gaia, considerando sua curiosidade insaciável e minha famosa incapacidade de resistir às perguntas ardilosas, mas consegui, e agora posso responder com um orgulhoso aceno de cabeça a Vale, que pisca o olho para mim.

Quando chegamos à terceira rodada de drinques, tocam a campainha.

— Quem é? — pergunta Gaia, interrompendo uma história chatíssima sobre seu penteado de noiva.

— Deixa que eu atendo — diz Valentina, correndo para abrir.

Nós a ouvimos cochichar com alguém.

— Ooh-ooh! Acho que é uma entrega para a senhorita Chinellato. — Fala alto, para ser escutada.

Depois vem até nós com uma enorme bolsa de papel rosa numa das mãos. Com a outra dá a Gaia um estranho buquê colorido.

— Que flores lindas! — exclamam todas, para gargalhada geral. No lugar das rosas há 25 calcinhas de renda enroladas em forma de botões.

— Maravilhosas! — Gaia, empolgada, pega uma tanga e a balança na nossa frente. Ri feito uma louca. — E o que tem naquela bolsa ali no chão? Devo me preocupar?

— Suuurpresa! — Eu a abro e tiro um véu de noiva de mentirinha. É uma coroinha de strass da qual desce um pano macio de seda branca. — E você ainda não sabe o que te espera esta noite! — digo, colocando o véu em sua cabeça.

Gaia abre os braços e sorri.

— Tudo bem, podem fazer de mim o que quiserem. Não me importo, sei que estão com inveja porque vou me casar com o homem mais gato do planeta! — Levanta os olhos ao céu, com jeito resignado.

Um "uhhhh" coletivo ergue-se do sofá e Gaia cobre a boca com as mãos, como se tivesse dito uma bobagem.

Enquanto isso, pego a bolsa e continuo vestindo a noiva: um corpete de renda preta e seda rosa e uma cinta-liga com apliques de strass e plumas, para usar diretamente em cima da calça jeans.

Depois de meia hora de preparativos desajeitados, a noiva está pronta. Arrumada desse jeito, parece uma versão moderna da Cicciolina na época de ouro. Quase sinto vergonha por ela. Como vamos fazer para arrastá-la para a rua? Felizmente Gaia sempre leva tudo na esportiva.

— E agora vamos comemorar na Molocinque — anuncia Valentina, exultante, puxando Gaia pela cinta-liga.

— Ele, não esperava isso de você! — Gaia me olha com os olhos de uma vítima sendo castigada e continua balançando a cabeça. E você ainda não viu nada, minha amiga...

— Vamos, noivinha, prepare-se para o pior! — Eu lhe ofereço o braço, para lhe dar coragem, e então todas nós juntas nos jogamos na rua.

Atravessamos a Piazza San Marco sob os olhares perplexos e divertidos dos turistas. Colocamos na mão de Gaia um cartaz que diz: BONITOS OU FEIOS, VOU BEIJAR TODOS! No caminho daqui a Rialto estabelecemos que ela tem que beijar pelo menos três pessoas na boca. Ela topa logo a brincadeira e, superando todas as nossas expectativas, beija em sequência: uma mulher loira muito bonita e bem cuidada, que depois descobrimos que é uma nobre russa descendente dos Romanov; um velhinho animado que diante de tanta fartura parece a ponto de fazer pifar o marca-passo que traz no peito; um garoto de 16 anos em plena ebulição hormonal; e um homem casado, com a esposa tolerante ao lado (duvido que, com essas preliminares, se separem justamente esta noite).

Quando chegamos a Rialto, damos uma parada no Bancogiro, um

barzinho famosíssimo aos pés da ponte, onde servem diversos tipos de almôndegas e espetinhos de carne e peixe. Nosso grupinho desfila orgulhoso pelo lugar, atraindo os olhares de uma clientela quase toda masculina. Nós nos sentamos numa mesa comprida no meio do bar, e Gaia continua monopolizando a cena, nem um pouco preocupada com a atenção que desperta. No lugar dela, eu estaria roxa de vergonha, mas Gaia, ao contrário, parece completamente à vontade, desenvolta e autodepreciativa como só ela sabe ser. Claro, os litros de álcool que a fizemos entornar também ajudaram.

Depois de termos nos empanturrado até dizer chega, por volta da meia-noite chegamos ao Piazzale Roma. Há uma limusine branca nos esperando, só para nós, pronta para nos levar à discoteca. Gaia não esperava por essa.

— Vocês são completamente doidas! — grita eufórica e bate na mão de todas.

Entramos e ficamos confortáveis nos assentos de couro preto, servindo-nos de taças de champanhe e cantando aos berros o repertório mais brega da música italiana dos anos 1980, com a participação das luzinhas que piscam e cintilam no interior do carro. O conjunto é uma mistura mortífera de cafona e surreal e nós temos perfeita consciência disso, mas talvez seja justamente esse fato que torna tudo tão divertido.

Em menos de vinte minutos estamos em frente à Molocinque, a discoteca em que Gaia trabalhava até o ano passado, antes que Belotti pedisse sua mão em casamento. É claro que estamos na lista VIP, o que significa um minitapete vermelho até a área privativa, mesa reservada em posição estratégica, consumação ilimitada.

Lá dentro, outras garotas se juntam ao nosso grupo. Até porque, com o trabalho que tem e com o homem com o qual vai se casar, Gaia é conhecida por meio mundo.

A noite segue o roteiro clássico da despedida de solteira e, embora a trama seja sempre a mesma, um pouco patética em alguns momentos, Gaia brilha com luz própria, mesmo fantasiada de diva pornô. Está na pista, linda como uma deusa, e se desmancha em sorrisos, beijos e abraços. Todos querem falar com a futura noiva. As garotas lhe perguntam com ar sonhador como é seu vestido e alguns homens imploram que ela pense melhor no assunto, ou, pelo menos, curta uma última aventura. Pobres iludidos: Belotti já deixou todos eles para trás.

Servem-nos uma garrafa de 12 litros de Moët & Chandon, que chega à

nossa mesa entre fontes de luz. Daqui a pouco chegará a torta, mas antes, socorro, vai acontecer o momento mais brega. O DJ interrompe a música e, depois de ter chamado Gaia para se sentar no meio da pista, anuncia a entrada do stripper. Ela arregala os olhos como se tivesse acabado de levar um jato de água fria e me procura entre os numerosos rostos que se aglomeraram ao redor. Sei exatamente o que está pensando agora, porque é o que está na minha cabeça também, um flashback da nossa amizade que dura quase vinte anos, uma sequência de nós duas com todos os visuais pelos quais passamos (e aos quais nos sujeitamos): cabelo estilo Joãozinho e calça Levi's 501 no ensino fundamental, botas Dr. Martens e mochila Invicta no ensino médio, calça Diesel de cintura baixa e bolsa alternativa na faculdade. Unidas para sempre por uma única, solene promessa contra o mau gosto: *nunca na vida vamos comemorar nossa despedida de solteira com um stripper*.

E aqui estamos nós.

Eu me escondo atrás de Valentina, a verdadeira responsável por tudo aquilo: com sua rede de contatos conseguiu convocar um dos California Dream Men. Juro que tentei honrar a promessa feita a Gaia e me opor a esse ritual grotesco, mas Valentina foi mais forte e, no fim, venceu.

Nosso homem apresenta-se em versão *Oficial e cavalheiro,* uniforme branco completamente aberto no peitoral reluzente e chapéu de capitão, sorriso branquíssimo e sexo bem marcado. Enquanto tem início a clássica musiquinha de Joe Cocker e o stripper começa a balançar os quadris, me dou conta de uma coisa: curtir esse nosso sonho de meninas estilosas indo por água abaixo é, no fim das contas, mais divertido do que eu imaginava. Pelo menos visto daqui, de trás da cabeleira abundante de Valentina. Não posso garantir que Gaia, lá no meio da pista, pense do mesmo jeito.

No meio-tempo uma multidão de mulheres descontroladas vai ao delírio, chovem gritinhos indecentes de todos os lados, e Max — típico nome de stripper — vai até Gaia e a convida a se juntar a ele numa dança sensual. Na realidade ele é bem gostoso e dança maravilhosamente, mas a performance é uma agonia do início ao fim. Gaia faz umas caras que por si só valeriam o show, eu rio muito, já perfeitamente à vontade no papel de Judas, e quando Max fica de tanga vermelha em forma de elefantinho e começa a balançar a tromba como se fosse um laço, acho que vou ter um infarto. No fim, Max vira-se de costas para o público, se planta na frente de Gaia, a essa altura já esgotada, e, cobrindo as pernas com um lençol

dourado, tira a cueca. Alguns instantes de suspense e eis que o lençol se abre magicamente como uma cortina, e o nu total entra em cena apenas para ela.

Sinto muito, Gaia, não consegui salvar você deste horror!

Quando a festa acaba, estou exausta e bêbada. Na saída da discoteca, Gaia, que está de novo com suas próprias roupas, se despede das meninas. Depois se vira para mim e me ordena em voz baixa, com a pouca lucidez que lhe resta:

— Como você terá que pagar muito caro pelo que me fez, vem comigo e vamos continuar a noite juntas. E é claro que vamos dormir na sua casa...

Sei que não posso negar isso a ela, é o mínimo que posso fazer.

Chegamos ao Piazzale Roma em um táxi pego às pressas e resolvemos dar uma parada no Muro, o bar aonde íamos com mais frequência na época da faculdade e ainda um tempo depois.

É uma madrugada de lua cheia, são quase quatro horas e é fim de noite para todo mundo. O local está se esvaziando lentamente. Gaia é logo parada por alguns curiosos que a bombardeiam de perguntas sobre o casamento que se aproxima. Não sei com que energia consegue responder de modo sensato sem se enrolar. Enquanto isso, fico olhando do balcão. Nico, o barman, me cumprimenta, caloroso.

— Bem-vinda de volta, *amor*! — diz. — Onde você esteve todos esses meses?

— Fui morar em Roma.

— Pra sempre? — Faz uma expressão desesperada.

— Sei lá... — Levanto os ombros. — Acho que não... Não sei. — Pergunta difícil demais, principalmente considerando a hora e meu nível alcoólico.

— A Coca-Cola de sempre? — pergunta ele. Em suas lembranças eu ainda não bebo álcool. Parece que se passou uma eternidade.

— Não, imagina, faz um dos seus drinques pra mim.

— Jura? — Arregala os olhos.

— Isso... Algumas coisas mudaram.

Enquanto espero, olho ao redor com ar distraído e de repente o vejo. Está encostado em uma coluna, com aqueles olhos verdes muito claros que nem a escuridão da noite pode esconder. Não vi mais Filippo desde o dia em que nos deixamos, naquele bar na ilha Tibertina. Um véu de melancolia

ofusca meus olhos, mas por sorte dura apenas um instante. Será que ele percebeu que estou aqui? Bem, de todo modo vale dar o primeiro passo: no fundo eu devo isso a ele. Pego o drinque de Nico e vou ao seu encontro.

— Oi. — Eu me planto bem na frente dele e arrisco um sorriso morno.

— Oi, Elena — responde, surpreso. Parece ter notado minha presença só agora. Está levemente constrangido, sinto-o distante. Dou um passo à frente, queria lhe dar dois beijos no rosto, mas depois penso melhor: um muro invisível o separa de mim. Nada de beijos ou abraços, está escrito na sua testa. Bibi não existe mais, só existe Elena, e ela não tem permissão para se aproximar demais.

— Como você está? — pergunto, sem ultrapassar o limite de segurança.

— Bem. — Dá de ombros. — E você? — pergunta em tom neutro.

Não consigo decifrar a expressão de seu rosto. Não sei se é gentileza, uma espécie de aborrecimento disfarçado, raiva escondida ou até indiferença. Certamente mantém mais distância que o necessário.

— Um pouco exausta, mas bem. — Sinto que estou com a expressão abatida por causa do cansaço e de todo o álcool que entornei desde o início da noite. Devo estar um monstro. — Sábado Gaia se casa — acrescento, como uma nota explicativa.

— É, eu soube. — Esboça um sorriso.

— Sou a madrinha, sabe? Esta noite fizemos uma festa pra ela — digo, com uma empolgação exagerada.

— Você vai ficar aqui só para o casamento? — ele se interessa, ou finge fazer isso, com o olhar para baixo.

— Sim. Segunda-feira volto pra Roma — respondo, depois que ele levantou os olhos do chão. — E você, quais são as novidades? Acabou abrindo o escritório?

— Abri, há dois meses, na Piazza Santo Stefano — confirma, deixando transparecer uma ponta de satisfação. — Também comprei o apartamento. — Ele me olha quase com um vestígio de saudade.

Pelo modo como falou, imagino que se trate *daquele* apartamento: o que tínhamos visto juntos, aquele onde ele e eu deveríamos ter ido morar.

— Agora vou ser escravo do financiamento pelos próximos vinte anos, mas vale a pena. — Portanto, ele se mudou para cá definitivamente. — E você, está trabalhando? — ele me pergunta.

— Mais ou menos... Estou. — Minha voz vacila. Por um instante meu pensamento para na imagem de nós dois felizes no apartamento. — Faço

alguns trabalhos de vez em quando — continuo, arrumando os cabelos atrás da orelha. Falo disso superficialmente, não quero lhe dizer que pedi demissão e que moro na casa de Paola.

— Bom — diz ele, em tom gélido.

É nesse exato momento que uma garota morena — muito jovem! — de calça jeans, jaqueta curta e sapatilhas surge da porta do banheiro e, agarrando-o pelo braço, lhe diz:

— Fil, vamos?

Fil? Vamos? Mas aonde será que quer ir?

Infelizmente, para onde quer que eles vão, ele parece ansioso para levá-la.

— Claro — responde, e coloca uma das mãos nas costas dela. Depois se vira na minha direção com uma expressão entre o embaraço e o triunfo. — Então tchau.

— Tchau... — respondo, apatetada, com o drinque que por pouco não escorrega da mão. Eu os olho indo embora pensando que, no fundo, eu mereço.

Por isso é que no início ele estava tão seco e indiferente. É claro que aquela ali é sua nova namorada, ou algo do tipo. Certamente é muito bonita, alta e magra, traços de boneca. Talvez um pouco boneca demais para ser o tipo dele, mas os gostos mudam e ninguém sabe disso melhor que eu, que, de vegetariana e abstêmia, me tornei, em um ano, carnívora e meio alcoólatra. O que me perturbou mais, porém, é que ela o tenha chamado de "Fil": sabe-se lá por que, sempre achei que eu era a única a fazer isso. Para dizer a verdade sempre achei que seria a única que ele poderia amar... E só agora me dou conta do quanto são bobos alguns pensamentos que temos apenas por hábito.

Sinto-me estranha. Tento decifrar a emoção que o encontro com Filippo deixou em mim e não consigo dar um nome para ela: é alguma coisa no meio do caminho entre uma profunda solidão e uma sensação extrema de liberdade, misturada com alívio e melancolia. Convivemos por seis meses e é impossível esquecer os momentos passados juntos, antes e durante nossa vida de casal. Sinto que ainda gosto dele, mas nada além: meu coração não parou nem um segundo enquanto ele estava na minha frente e conversávamos, minhas pernas estavam firmes e não tremiam, minha barriga estava em paz. Por mais que seja cruel reconhecer, sei que não o amo mais. Nunca tive tanta certeza disso. Este encontro é a última prova,

um segundo e definitivo adeus.

— Tudo bem? — diz Gaia, reaparecendo no horizonte.

Conto a ela brevemente sobre o encontro com Filippo.

— Você sabia? — pergunto.

— Não, é a primeira vez que o vejo com outra — diz, quase aliviada. — Ele sofreu como um cão.

— Eu sei. — Aperto os lábios com firmeza. — Obrigada por me lembrar disso.

— Ei. — Gaia faz carinho no meu ombro. — Sei que você também ficou mal.

— Não se preocupe. Já passou.

O mal que não passou é outro, mas não é esse o momento de pensar nele.

Quando entramos no meu apartamento, tiro logo os sapatos e corro para o quarto para pôr a calça do pijama e uma camiseta.

Por incrível que pareça, Gaia também quer ficar confortável.

— Posso colocar sua camiseta da escola? — pergunta, fuçando numa gaveta da cômoda. — Ela me lembra dos velhos tempos.

— Eu costumo usá-la pra fazer faxina, mas se você faz tanta questão...

Gaia faz uma cara de nojo e esfrega as mãos na calça jeans.

Começo a rir.

— Eu estava brincando.

Ela põe a camiseta com a caricatura de Marco Polo e, procurando aflita no armário, me pergunta, preocupada:

— Cadê seu vestido? — Ela se refere ao vestido de madrinha, ou melhor, como ela diz, de *dama de honra.*

— Betta está fazendo alguns ajustes — respondo.

— Por quê? Qual é o problema?

— Nada, não se preocupe. É que ela quer arrumá-lo direitinho pra mim, deixá-lo todo engomado e passado a vapor. Quer que esteja sem uma prega sequer. Você sabe como é minha mãe...

— Santa mulher! — Sorri. Depois se enfia na cozinha, abre o congelador e examina seu interior. — Isto aqui é do ano passado? — pergunta, pegando um pote de sorvete de baunilha.

— Boba, eu comprei ontem. — Balanço a cabeça. — Mas você não está de regime pro casamento?

— Estou me lixando. A essa altura, o que eu podia fazer já fiz.

— Eu não quero nem saber. — Coloco as mãos na frente, pre ven do que, depois, ficará com raiva de mim porque permiti que se em pan tur ras se.

— Vamos, Ele, não fique no meu pé, pelo menos esta noite! — Procura duas colherinhas na gaveta da cozinha. — Em vez disso, venha me fazer companhia.

Pois é, eu também tinha considerado isso.

Aponta o controle remoto para a televisão e começa a mudar de canal até encontrar a MTV, com Shakira rebolando sensualmente. Nós a olhamos, admiradas, enquanto se contorce numa rua ensolarada com uma maquiagem e um visual perfeitos.

— Você realmente acha a bunda dela bonita? — pergunta Gaia.

— Acho — concordo. Gaia sempre considera as divas como rivais em potencial. Ela me mata de rir.

— Não é um pouco grande demais? — insiste.

— Não, Gaia, eu garanto: é linda.

— Pois pra mim parece bem desproporcional.

Faço uma estimativa em voz alta:

— Na verdade duas nádegas suas correspondem a uma da Shakira.

Ficamos em silêncio. Com o álcool circulando nas veias, os efeitos não são exatamente animadores, porque agora nós duas estamos nos perguntando se é um elogio para Gaia ou para Shakira. Mas não conseguimos sair disso.

— Samuel adora *essa aí* — conclui ela. Suspira, afundando a colherinha no pote. — Mas eu não me preocupo: com certeza não é linda desse jeito ao vivo.

— Obrigada, Gaia. Agora que você me disse isso, posso dormir sossegada.

A teoria da minha amiga é que todas nós precisamos ser consoladas sempre que vemos uma mais bonita.

— Estes vídeos são todos retocados — ela continua, com extrema segurança. E sei que está fazendo por mim também, porque me ama e realmente quer que eu não saia humilhada da comparação com Shakira.

— Claro, e além do mais os maquiadores fazem milagres, não é? — acrescento, deixando-me ser levada pela conversa.

— Falando em maquiadores... Marquei com a melhor para sábado.

Jessica Moro, aquela que maquia as estrelas no Festival de Cinema. É ótima! — Seu rosto se ilumina enquanto muda de assunto. — E depois Patrick vem me pentear.

— Você vai ficar maravilhosa.

Já vi o vestido: apesar de não ter podido acompanhá-la, Gaia me envolveu na exaustiva busca, me mandando fotos pelo celular dos provadores das lojas de noiva de todo o Norte do país. No fim, escolhemos um Dolce & Gabbana marfim, com corpete e saia grande e armada, estilo dama dos anos 1700.

— Talvez eu esteja ousando demais, principalmente com as luvinhas três- -quartos, mas eu sentia que aquele vestido era meu...

— Você vai ficar maravilhosa. — Com certeza já disse isso, mas repetir ajuda.

— Escute, Ele... Você acha que casar com Samuel é a coisa certa a se fazer? — solta essa de repente, em tom humilde.

Arregalo os olhos. Será que ela está mudando de ideia agora?

— Por que me pergunta isso?

— Não sei... — Faz um bico e fecha a cara. Parece um cãozinho abandonado. — É que estou morrendo de medo!

— Venha aqui — sussurro com doçura, pegando-a em meus braços. — Pra mim é a escolha certa. Caso contrário, você acha que eu seria sua madrinha? — eu a tranquilizo.

Segue-se um longo silêncio. Então Gaia me confessa:

— As coisas estão um pouco estranhas entre nós ultimamente.

— Em relação a quê?

— Em relação *àquilo*. — Levanta os olhos ao céu. — Não transamos há um tempo.

— Há quanto tempo?

Começa a contar nos dedos.

— Considerando a Milão-San Remo, o Tour des Flandres, a Paris-Roubaix, que são as corridas mais importantes pra ele... Deve fazer dois meses!

— Jura? — pergunto, tomando cuidado para não parecer impressionada demais.

— Juro! — Dá um suspiro. — Não acha isso triste?

— Bem... — Não sei direito o que responder. Estou quase lhe dizendo que é ainda mais triste transar e não ter orgasmos, como no meu caso, mas

me censuro: estamos falando dela, agora, não de mim. E minha missão de melhor amiga é cortar o clima. — Querida, depois do que você me fez gastar pelo vestido de madrinha, não está autorizada a mudar de ideia. Estou avisando.

Gaia sorri, depois volta a ficar preocupada por um instante.

— Achei que esta noite ele tinha vindo à minha casa pra compensar...

— Ai, meu Deus, se for assim — engulo —, e tenho certeza de que é assim, estou arrependida de ter participado da organização da festa!

— Você está de brincadeira? Foi uma surpresa incrível!

— Diga a verdade: no final das contas você gostou do stripper. — Pisco para ela.

— Esquece isso, Ele... — Segura o rosto entre as mãos. — O dele era micro! — E faz um gesto inconfundível com os dedos.

— Não acredito.

— Juro!

— Tudo bem, no próximo casamento vamos reservar um superdotado pra você! — Olho o relógio na parede e percebo que está quase amanhecendo. — Vamos pra cama?

— Só se deixarmos a luz acesa. Senão você pega logo no sono.

— Isso. A intenção era essa mesmo — rebato.

— Puxa, mas eu ainda quero conversar!

— Era o que eu temia...

Estamos na cama conversando há um bom tempo, ou melhor, Gaia está falando. Deitou no lado mais perto da janela, exatamente onde dormiu Leonardo na última vez que fizemos amor neste quarto. A tensão por conta do casamento a torna ainda mais tagarela que o normal, se é que isso é possível. Ela me fez um relato detalhado de Samuel Belotti; a essa altura eu poderia escrever uma tese de doutorado sobre ele.

Estamos de frente uma para a outra, os joelhos dobrados se encostando.

— Podemos pelo menos apagar a luz? — pergunto. — Meus olhos estão doendo.

Ela concorda, conformada, mas com um olhar de advertência que quer dizer “ainda não está na hora de dormir”. Apago o abajur ao lado da cama e ficamos no escuro.

— Ele?

— Hein... — resmungo.

— Desde quando somos amigas?

— Desde o primeiro ano do ensino fundamental.

— Quantas vezes dormimos juntas? Mil?

— Quase isso.

— Tenho vontade de chorar quando penso que talvez não aconteça mais.

Meus olhos se acostumaram com a escuridão, então percebo seus traços vagamente. Com a pele fresca de esfoliante e o rabo de cavalo, parece uma adolescente. Poderíamos muito bem estar na época da escola, rindo e conversando baixinho na cama da casa dela, com sua irmã Alessandra roncando ao nosso lado em seu saco de dormir do Snoopy.

— Espero que aconteça outras vezes. Se não houver jeito, eu vou me enfiar entre você e Samuel — declaro.

Gaia cai na gargalhada.

— O que foi? — pergunto, apertando a cabeça no travesseiro.

— Você se lembra daquela vez no acampamento de verão nas Dolomitas... Naquela noite em que Vincenzo, o napolitano, teimou em querer dormir no meio de nós duas?

Eu também caio na gargalhada, recordando aquela cena. Tínhamos 13 anos, Gaia o fizera acreditar que nós duas estávamos apaixonadas por ele e que à meia-noite, depois da habitual ronda da vigilância, deixaríamos que ele entrasse pela janela. O infeliz ficou esperando no frio a noite toda, enquanto nós, do lado de dentro, lhe mandávamos mensagens em código sem sentido, que ele se esforçava em decifrar na inútil esperança de que abríssemos.

— Éramos duas grandes bobocas...

De repente, sinto saudade das meninas que fomos. Do que aconteceu entre elas, por serem tão crescidas hoje e terem permanecido pequenas por dentro. Aos 30 anos parece que nada mudou, embora Gaia esteja prestes a se tornar uma esposa e talvez um dia uma mãe também, e eu tenha acabado de sair da fase mais turbulenta da minha vida amorosa.

— Vamos conversar mais — diz Gaia, docemente. — Por favor, não durma. Faz tanto tempo que não ficamos tão juntas assim. Sinto falta.

— Eu também — murmuro.

Mas, antes que eu possa me dar conta, desabo em coma no travesseiro. Boa noite, Gaia. Você sempre pode contar comigo.

3

Na véspera do casamento vou à casa dos meus pais pegar o vestido. Desde que cheguei a Veneza, minha mãe passa horas e mais horas trabalhando nele. Lavou à mão, colocou de molho com amido de arroz, secou protegido de fontes de luz direta, passou e engomou: fez praticamente os mesmos serviços de uma tinturaria especializada. Mas tenho certeza de que devo lhe agradecer, porque o lindíssimo vestido de chiffon que Gaia escolheu para mim estava meio acabado, depois de ter viajado seis horas apertado na minha mala. Quando o peguei da bagagem, parecia um pano de chão, mas agora ficará perfeito: tudo ganha vida nova quando passa pelas mãos de Betta.

Toco o interfone da casa Volpe quase ao meio-dia. Subo e encontro minha mãe na cozinha. E onde mais poderia estar a essa hora? Está preparando um bolo de batata aos quatro queijos e espinafre, que engorda só de olhar. Meu Deus, como sinto falta dos quitutes com os quais minha mãe me mimou vergonhosamente durante trinta anos!

— Sua filha adorada chegou! — eu a cumprimento. Largo a bolsa no sofá e vou para a cozinha.

— Oi, querida. — Sem tirar as mãos da massa, inclina-se para que eu dê um beijo no seu rosto. — O vestido está no seu quarto — diz, como se tivesse sido um trabalhinho à toa.

— Obrigada, mãe. Vou ver o milagre. — Estou indo, mas sua voz me detém.

— O azul metálico não é ousado demais para um vestido de madrinha?

— Foi Gaia que quis. Mas, pelo menos uma vez, gostei imediatamente de um vestido escolhido por ela. — Se fosse o clássico rosa-bebê de dama de honra americana, eu me suicidaria.

— Pode ser... — Minha mãe dá de ombros, não totalmente convencida. Depois inclina a cabeça de lado, examinando-me nos olhos. — Fale um pouco de você: tudo bem? — pergunta. Ela nunca deixa passar nada.

— Tudo bem. Por quê?

— Não sei, estou achando você muito pálida — diz, com uma mistura de preocupação e repreensão.

— É mesmo? — Olho meus braços e minhas pernas, mas não percebo grande diferença em relação à minha cor de sempre: rosa pálido com uma forte tendência ao branco cadáver.

— Você poderia fazer um bronzeamento artificial esta tarde — ela me sugere.

— Sim, claro — rebato, dando uma risadinha —, assim, amanhã, no lugar das bochechas, estarei com dois bifes na brasa.

— Então ponha um pó, um blush, essas coisas — diz, com jeito de maquiadora profissional experiente. — Enfim, você tem que colocar um pouco de cor, Elena. Você é a madrinha! — reforça dando ênfase à palavra, como se amanhã coubesse a mim o cargo mais importante da vida. — Você tem o dever de estar *quase* tão bonita quanto a noiva.

Suspiro, essas coisas nunca me interessaram.

— Gaia me ama de qualquer jeito, sabe? Mesmo eu sendo branca azeda.

— De todo modo, amanhã de manhã vou dar um pulo na cerimônia — muda de assunto rapidamente. — Estou morrendo de curiosidade para ver Gaia. E, além disso, quero lhe desejar felicidades. — Ir a casamentos, mesmo de pessoas que não conhece, é quase um passatempo para ela. É um hábito da vida toda.

Então solta essa, com uma naturalidade que, aos olhos de qualquer um, menos dos meus, faria com que a frase parecesse completamente casual:

— Ela teve uma sorte danada com aquele ciclista...

Socorro. Sei aonde quer chegar.

— Você não pensa mesmo em se casar, não é? — ela me pressiona, com o tom clássico de veneziana azeda. — Você é alérgica ao vestido branco.

— Com meu tom de pele cairia muito mal, não acha? — tento cortar o clima.

— Filippo era um menino tão bom — continua ela, inabalável, e chega a dar suspiros e levantar os olhos ao céu. Como qualquer mãe, ela também acabou se apaixonando pelo namorado perfeito da filha.

— Mas você só falou três vezes com ele!

— O que isso tem a ver? Não precisava muito para perceber que era uma ótima pessoa. — Meu Deus, fala dele como se tivesse morrido! Ela o está santificando. Então me encara nos olhos e dispara uma de suas bombas: — Mas você nunca gostou dos bons... Esta é a verdade.

— Talvez sejam eles que não gostem de mim — rebato prontamente. Acho que já tivemos essa conversa um milhão de vezes, é um teatrinho do qual sei de cor todas as falas. Mas, no fundo, não posso deixar de lhe dar razão: contra a minha vontade, eu me encaixo no clichê das mulheres que

preferem os babacas. Tenho vontade de me bater por causa disso!

— É que estamos tão preocupados com você — diz, num tom repentinamente mais doce. — Você chega aqui e não aparece, nunca fica com a gente...

— Mãe, puxa, você sabe que eu não tive um minuto livre com a despedida de solteira de Gaia e todo o resto — eu me justifico. — Mas agora estou aqui — esboço um sorriso.

— Espero que fique para o almoço. — É mais uma súplica que um convite.

— Claro! — Meu sorriso aumenta, e belisco sua bochecha. — Mas só por causa do seu bolo de batata, está achando o quê?

— Ah, filha ingrata! — Balança a cabeça, fingindo uma expressão contrariada. Na realidade, consegui arrancar um sorriso dela.

— Tudo bem, vou ficar um pouco por sua causa também, mas só um pouco — esclareço, sapecando-lhe um beijo. Espero tê-la acalmado assim e, finalmente, vou ao quarto ver o vestido.

Meu Versace está lá, pendurado do lado de fora do armário em todo o seu esplendor, e tem um cheiro bom. Betta fez um ótimo trabalho, como sempre! Quanto mais eu o olho, mais gosto dele. Talvez seja por causa daquele tom de azul metálico, ou porque adoro vestidos tomara que caia, ou porque essa altura só um pouco acima do joelho é perfeita — esconde as pequenas imperfeições da celulite nas coxas, que detesto! —, mas, olhando-o agora, me parece elegante e sofisticado em sua simplicidade. Eu o tiro do cabide e coloco em frente ao meu corpo. Espio minha imagem refletida no espelho da parede. Será que vou conseguir entrar nele? Tenho a terrível impressão de que encolheu, mas talvez seja apenas o reflexo do espelho retrô. Tomara que dê certo, porque se eu não conseguir fechar o zíper nas costas estou frita. Decidi (ou melhor, Gaia também decidiu isso por mim) combiná-lo com uma bolsa-carteira e sapatos *peep toe* lilases, que neste momento descansam no closet do meu apartamento.

Tomando cuidado para não estragar, coloco o vestido na cama. Quando me viro, não consigo evitar o confronto cara a cara com o espelho. Eu me examino, desta vez com mais atenção, da cabeça aos pés. Com certeza, minha aparência não é nada boa... Temo ter que dar razão à minha mãe e a todas as suas preocupações. As noites passadas fora de casa, as refeições irregulares e alguns drinques a mais me causaram um belo par de olheiras e uma cor acinzentada. E, além disso, uma pequena ruga surgiu entre as

sobrancelhas, no meio da testa, como se tivesse sido cavada por uma dor horrível e constante. “Não existe pensamento desagradável que uma bela massagem facial e um bom creme não possam eliminar”, é o que Gaia sempre diz. Nunca acreditei muito nisso, mas talvez tenha chegado o momento de experimentar.

— Elena, venha comer! — A voz da minha mãe ressoa estridente através do corredor. — Está pronto!

— Já vou — grito e corro para lá.

Dou um beijo no meu pai, que acabou de voltar da associação Arci e já está em seu lugar pronto para se jogar no prato, e eu também me sento. A mesa está posta como se fosse um banquete nupcial. Só de olhar todas essas delícias, já estou com água na boca, mas logo me invade o pensamento de que um único grama a mais poderia me impedir de entrar no vestido. O bolo me sorri do prato, convidativo e maligno, ameaçando se transformar em pneuzinhos de gordura. Eu me rendo imediatamente e, sem piedade, agarro o garfo e o espeto. Sabe-se lá quando vou ver de novo esta maravilha nos tristes dias romanos que me esperam...

Depois de ter saboreado um almoço magnífico e ajudado minha mãe a arrumar a cozinha, vou até meu pai na sala.

Todo feliz, ele me conta sua última performance com a companhia de teatro amadora da qual faz parte. Eu concordo, esforçando-me em parecer concentrada — na verdade eu realmente gostaria de vê-lo no palco —, mas quando meu pai termina seu relato, entre nós cai um silêncio pesado que não sei como preencher. Ele suspira e, olhando para a frente com a timidez e o embaraço daqueles pais doces e um pouco severos da sua geração, me pergunta:

— Me diga a verdade, Elena, está tudo bem?

— Claro — eu respondo, um pouco hesitante, mas, espero, plausível. — Por que não deveria estar?

— Não sei. — Balança a cabeça, pensativo. — Desde que você terminou com aquele rapaz, Filippo... — toma fôlego, como se ficasse constrangido ao pronunciar esse nome —, você se tornou tão esquiva e reservada. Estou um pouco preocupado com você, é isso. Queria saber o que se passa pela sua cabeça.

— Bem, não acho que estou diferente do meu normal — respondo, fechando-me em mim mesma com duas voltas de chave.

— É que não nos falou mais nada sobre você — continua ele. — E você costuma nos contar sempre tudo, pelo menos para sua mãe.

Está fazendo um esforço claro para sair do papel que sempre teve na família, o de pai discreto e de poucas palavras, que prefere se movimentar nos bastidores e mandar a mãe para o reconhecimento do inimigo. O fato de ele estar tão angustiado assim por minha causa e que me diga isso de um jeito tão direto me deixa preocupada também: será que sou realmente um fracasso aos olhos dos meus pais? Por um momento tenho o impulso de chorar em seu ombro e deixar sair toda a dor que não botei para fora até agora. Mas não consigo. Eu me sinto como se estivesse anestesiada. Não tenho nem vontade de tentar.

— Pai, estou bem — continuo meu teatrinho, com o sorriso mais tranquilizador do mundo. — Acabou e fui eu que quis. Ponto. — Como faço para lhe explicar que não é por causa de Filippo que estou mal?

— Sim, mas não a vejo em paz, Elena — insiste, procurando em meu rosto a verdadeira resposta que não estou lhe dando com palavras. — Está escrito na sua cara que há algo errado.

— Claro, não foi um período fácil, mas tudo está mudando pra melhor, garanto a você. — E tento fazer uma expressão séria, mas ao mesmo tempo positiva e otimista. Tomara que ele caia nessa.

— Está bem — ele me diz, enfim. Mas na verdade não está nada bem. Ele não caiu, mas preferiu não me atacar com essa farsa, dolorosa para os dois. Como eu amo você, pai, neste momento. — Seja como for, para qualquer coisa, você sabe que pode contar conosco, com sua mãe e eu.

Claro que sei. Mas existem algumas dores que ninguém pode aliviar, nem as pessoas que mais amam você no mundo. Deve-se apenas esperar com paciência que elas se apaguem, e enquanto isso continuar a viver.

— Vamos jogar uma partida de trunfo? — pergunto, pegando o baralho da mesinha de centro. Meu pai é louco por cartas e desde pequena me obrigava a exaustivas sessões de jogo: é uma coisa que sempre nos uniu, e que agora espero que o distraia.

— Vamos, como você quiser — ele me diz com um suspiro. Sabe que é uma manobra para fugir do assunto, mas concorda.

Enquanto estou embaralhando as cartas, ouço o iPhone tocar.

— Só um segundo, pai...

Levanto-me para ir atender. Com certeza é Gaia. Deve ter me ligado vinte vezes desde hoje de manhã. O que será que ela quer agora? Vai ver

que é uma consulta de última hora, algo do tipo se o tom de batom que combina mais com ela é o madrepérola ou o vermelho vivo.

Pego o celular da bolsa e, para minha grande surpresa, no visor vejo piscar o nome de Martino. Não nos falamos há um bom tempo. Dou um sorriso espontâneo, enquanto penso em seu rosto de menino do bem.

— Martino? — atendo, com a voz mais calma possível.

— Oi, Elena — ele diz, e aquelas duas palavras são suficientes para que eu saiba que está com aquela sua expressão tímida e sincera nos lábios.

— Tudo bem? Já faz um tempo que você sumiu... — Faço um gesto de desculpas para meu pai e me refugio no meu quarto, como na época da escola, quando um menino me ligava e eu fugia para me esconder com o telefone sem fio.

— Tudo — diz. — Adivinha onde estou?

— Não sei... — Ouço ruídos de pessoas falando ao fundo. — Villa Borghese? — arrisco, lembrando-me daquela vez em que fomos lá juntos.

— Não — responde, e, então, depois de uma pausa estudada: — Estou em Veneza!

— Onde?! — Eu não tinha dito nada a ele sobre a minha vinda à Laguna e, por um momento, me pergunto se não veio por minha causa.

— Estou estudando Giorgione na faculdade — ele me explica — e vim aqui ver algumas obras ao vivo.

— Ah...

— Você se lembra do que me disse? Tem alguma dica pra me dar?

Há um tempo, em Roma, enquanto tomávamos um café, ele tinha me confessado nunca ter estado em Veneza.

— Muito melhor! — anuncio, triunfante. — Vou ser sua guia particular: eu também estou em Veneza.

— Jura? — sussurra num sopro.

— Isso mesmo — confirmo e me atiro na cama. — Amanhã minha melhor amiga vai se casar e neste exato momento estou na casa dos meus pais.

— Não acredito!

— Pois é! As coincidências...

— Então venha me encontrar logo! — diz ele, de impulso. Depois se apressa em observar: — A não ser que você já tenha compromisso. — O Martino de sempre. É difícil para ele ser espontâneo.

— Estou totalmente livre. E, além do mais, eu tinha prometido que iria

mostrar Veneza pra você, não é? Em que parte da cidade você está?

— Então... — Martino está olhando em volta. — Estou num canal. Vejo escrito num muro *FONDAMENTA DELLE ZATTERE*[1]...

— Perfeito! — Levanto-me da cama. — Atrás de você deve haver uma sorveteria, Da Nico. — Eu me olho no espelho um instante. Droga, estou com uma cara tão abatida...

— Humm... Sim, está ali. Estou vendo a sorveteria.

— Me espere em frente a ela. Vou chegar daqui a uma meia horinha, só o tempo de me despedir dos meus pais e atravessar o Grande Canal.

— Ótimo! Até daqui a pouco, então.

Eu me despeço rapidamente do meu pai e da minha mãe e pego o primeiro *vaporetto*.

O telefonema de Martino chegou na hora certa: foi a desculpa perfeita para fugir de casa e me livrar daquela atmosfera um pouco pesada que se criara. E, além do mais, estou feliz em vê-lo de novo. Deve ter se passado quase um mês da última vez que o encontrei: fomos juntos à exposição sobre cubismo no Vittoriano.

Na parada Zattere desço às pressas e o procuro. Lá está ele: encostado em uma das colunas sob o pórtico, com aquele ar distraído e ao mesmo tempo pensativo que talvez eu também tivesse aos 20 anos. Ele mudou nestes últimos meses: os ombros estão mais largos, como se tivessem se aberto, e no rosto surgiram alguns pelos a mais, que lhe dão um ar mais adulto. O homem que está tomando, aos poucos, o lugar do garoto. Lembro bem dele quando nos falamos pela primeira vez em San Luigi dei Francesi, onde eu trabalhava e ele ia estudar o ciclo de São Mateus, de Caravaggio. Sua timidez, seus modos gentis e a inteligência do olhar logo me deixaram à vontade, fazendo-me sentir um carinho instantâneo por ele.

E agora está aqui, ele de novo, embora não completamente: trocou sua jaqueta jeans habitual por um blazer de algodão amarrotado que salienta os ombros, mas nos pés usa os inseparáveis All Star. O topete em cima dos olhos e o piercing na sobrancelha também permaneceram em seus lugares, assim como o sorriso, aquele especial para mim. Tira os fones de ouvido, guarda o iPod no bolso e dá alguns passos na minha direção.

— Ei! — eu o cumprimento com dois beijos no rosto. — Você acabou de me salvar de uma conspiração familiar.

— Se eu fiz isso, fico feliz, mas talvez seus pais não estejam tão...

— Oh, meus pais são incríveis... Mas em pequenas doses — digo, dando de ombros. — O que vamos fazer?

— Estou em suas mãos. — E abre os braços, como se quisesse indicar a cidade inteira. — Você é a guia!

— Então, como você me disse que está estudando Giorgione, vou levá-lo às Gallerie dell'Accademia para ver *A tempestade* — sugiro. — É pertinho daqui.

— Perfeito! — Ele me oferece o braço e vamos.

Depois da visita à Accademia, vamos ver a basílica dei Frari — e meu coração bate muito forte no peito enquanto olho a *Assunta* de Tiziano e me lembro da noite aqui dentro com Leonardo — e depois a Scuola Grande di San Rocco com os afrescos de Tintoretto. Quase à noite, quando nós dois estamos tão exaustos que quase não nos aguentamos em pé, convido Martino para comer alguma coisa na minha casa. Como nunca superei aquele pequeno problema com o fogão, compramos duas pizzas para viagem ao lado do meu prédio. Não é a melhor pizza do mundo, mas eu era uma cliente fiel quando ainda morava aqui, e o dono egípcio, ao me reconhecer, me cumprimentou mexendo o bigode.

Martino e eu, agora, estamos sentados no sofá saboreando o jantar.

— Acho que amanhã vai ser muito difícil entrar no vestido — digo, olhando minha barriga, mais redonda que o normal.

Antes de virmos para casa, passamos para pegar o vestido de Versace na minha mãe e agora ele está pendurado no hall de entrada. Martino o olha, depois me olha.

— Essa cor combina muito bem com sua pele clara.

— Se você, que entende tanto de cor, diz isso, então eu acredito. — Finalmente alguém que aprecia minha palidez.

Martino fixa seus olhos sinceros nos meus:

— Você vai estar linda, amanhã. — Passa a mão nos cabelos, ficando ainda mais despenteado. — Mas você sempre está... — continua, então, num suspiro, quase como se dissesse para si mesmo, e apoia a cabeça no encosto do sofá. Sustenta o olhar, não o abaixa como costuma fazer.

Ele está me observando de um jeito diferente. De repente não é mais um garoto, mas um homem em frente a uma mulher.

— Vou mudar o CD. — Levanto-me do sofá, também para desfazer um pouco a estranha tensão que sinto surgir entre nós, depois me viro para

ele. — Aliás, escolhe você a música — sugiro.

Martino analisa as três fileiras de CDs que moram há anos nas prateleiras da estante. Sabe-se lá por que não levei esses para Roma... Estuda-os com atenção, deslizando os dedos nas lombadas, até que, de repente, pega um. Um instante depois a voz de Frank Sinatra ressoa das caixas do aparelho de som, suave e envolvente, e começa *Strangers in the Night.*

Martino me olha, repentinamente insinuante, quase atrevido, sorri para mim e todo o embaraço desaparece quando me oferece a mão.

— Me concede esta dança?

— Com prazer — respondo. Eu me levanto e faço uma reverência. Depois deixo seu abraço me envolver.

Ele me aperta de um jeito exageradamente delicado e dá alguns passos hesitantes. Enlaço as mãos em volta de seu pescoço e aproximo o rosto de seu ombro, a ponto de sentir o perfume de roupa lavada de sua camiseta. Tudo nele tem cheiro de limpeza. Sinto a leve cócega da barba por fazer nos meus cabelos, a respiração quente na minha testa. Suas mãos, agora, ficam mais seguras, sinto as palmas relaxando e abrindo-se sobre o tecido do meu vestido.

— Você está se saindo muito bem — sussurro. Então fecho os olhos e me entrego, seguindo as notas com minha voz.

Martino me aperta um pouco mais, pressionando as mãos quentes nas minhas costas. Apoia a boca nos meus cabelos e acolhe minha voz na sua. Agora estamos cantando juntos.

Sinto-me bem em seus braços, apesar daquela estranha sensação de me encontrar num lugar que não me pertence completamente, apesar da preocupação com os nossos dez anos de diferença e da curiosidade, repentina e inoportuna, em conhecer o sabor de seus lábios.

Os pés acariciam o piso de madeira, fazendo-o estalar. Aperto o rosto em seu ombro, sentindo uma mistura de tristeza e alívio à ideia de que, dali a pouco, a voz de Frank Sinatra se apagará e tudo vai voltar a ser como antes. Eu serei novamente Elena, a garota mais madura e experiente que é como sua irmã mais velha, e ele será de novo Martino, o amigo jovem e um pouco atrapalhado, por quem tenho tanto carinho.

A música vai sumindo e chega o silêncio. Os pés de Martino obedecem aos meus, parando. Mas ele, em vez de se afastar, continua me segurando firme e eu decido não abrir os olhos, até ouvir as notas swing de *The Way*

You Look Tonight. Só então, com cuidado, como se não quisesse lhe fazer mal, afrouxo o abraço.

Martino me solta contra a vontade. Suas mãos parecem vazias, insatisfeitas, enquanto se afastam de mim e caem ao lado de seus quadris. Noto que seu pomo de adão faz uma espécie de ondulação, como se tivesse acabado de engolir algo que não queria dizer.

— O que foi? — sorrio, tentando dissolver a tensão.

E então, de repente, seus lábios estão nos meus. Primeiro tímidos, hesitantes, depois mais decididos. Respiro para tentar entender o que está acontecendo e, principalmente, para admitir que aquele sabor é bom como eu imaginava. E então entreabro a boca, deixo que sua língua encontre a minha e que esse beijo aconteça.

Martino parece quase surpreso, sua respiração aumenta junto com a intensidade de sua emoção. Parece que o sinto tremer em meus braços.

Estico a mão e toco sua sobrancelha devagar, mexendo no piercing, depois a desço pelo rosto até atrás da nuca.

É o beijo mais delicado que já recebi na minha vida. Os lábios de Martino são de veludo e acariciam os meus com toques leves, enquanto sua língua desliza devagar na minha boca, sem invadi-la.

Depois se solta de mim e me olha, sonhador.

— Você não sabe o quanto desejei fazer isso.

— Demorou um pouquinho... — Sorrio, despenteando levemente seu topete.

— Eu achava que você não quisesse.

— Nem eu sabia que queria, até esta noite.

Seus cílios são grossos e compridos e na pupila do olho esquerdo brilha uma pequena mancha dourada. Nunca tinha percebido, nunca tinha ficado tão perto dele.

Pego seu rosto e o beijo de novo, depois escorrego os dedos pelos seus braços até encontrar e apertar suas mãos. Elas são lisas, perfeitas, não são marcadas pelo tempo e pelos sofrimentos da vida como as de Leonardo. E seu rosto é assim também, com aquela pele firme, aquela barba fina e macia. Tem o cheiro e a consistência de um corpo jovem, um corpo que esta noite estou com vontade de descobrir. E então, continuando a beijá-lo, desabotoo sua camisa e tiro sua roupa devagar. Ele me deixa fazer isso, olhando-me com um pouco de medo. Mas principalmente com desejo.

Agora está completamente nu na minha frente e deixa que eu o estude:

os músculos longos e finos parecem aqueles dos seus estudos de desenho com carvão e os ombros largos e ossudos se projetam sobre a cintura fina. O sexo, já ereto, pulsa entre suas pernas. Martino é bonito: parece um potro que não sabe bem o que fazer da energia erótica e um pouco louca que a natureza lhe deu. Seu sorriso desajeitado está transformado pela paixão, agora.

De mãos dadas com ele, eu o guio através do corredor. Chegamos à cama, desfeita desde hoje de manhã, faço-o se deitar, tiro minha roupa e então me ajeito ao seu lado. Começamos a nos beijar de novo, beijos longos e profundos. Vejo sua ereção aumentar e estico a mão para acariciá-lo.

Martino me olha com olhos cheios de emoção.

Leva minha mão aos lábios e a beija com doçura. Sinto seu hálito quente em meu pulso.

Então vou e fico de quatro em cima dele e começo a cobrir seu peito de beijos, desenhando um rastro que vai do coração ao umbigo. Sua respiração acelera à medida que minha língua se familiariza com sua pele. Depois desço mais e envolvo seu pau com os lábios. Começo a chupá-lo e a lambê-lo até sentir o sangue pulsar sob a carne.

Martino me olha com uma expressão entre prazer e surpresa, como se não acreditasse no que está acontecendo. Aperta a colcha com as mãos, enquanto seu quadril se arqueia em minha direção. Volto para cima, para sua boca, pego delicadamente sua mão e a levo ao meu seio. Martino hesita, no início, como se sentisse que não tem permissão. Mas depois aproxima os lábios do meu mamilo e começa a chupá-lo e a mordê-lo. Acaricio sua nuca deixando-o fazer isso por alguns instantes, curtindo esse prazer doloroso.

Então deita em cima de mim e abre espaço entre as minhas pernas.

— Elena, você é maravilhosa — murmura com olhos entrefechados, beijando meu pescoço. Martino levanta-se e me olha com a determinação de um desejo que não pode mais esperar.

Segurando a ereção com a mão, tenta me penetrar, mas faz isso com tanta delicadeza que não consegue entrar. Além do mais, talvez eu não esteja nas condições mais adequadas.

— Espere — sussurro docemente, e pegando-o pelo pulso, eu o convido a me acariciar, o conduzo até meu clitóris e então o empurro para entrar em mim com um dedo. Explora lentamente, sem pressão, sem pretensões, como uma bola de sinuca deslizando, leve. Com a língua procura meus mamilos de novo, enquanto continua esfregando os dedos em meus lábios,

que agora começam a ficar molhados de desejo.

Agarrando-o pelos quadris finos e lisos, eu o puxo para mim e, ajudando-o com a mão, deixo-o entrar de novo. Mas não consegue desta vez também. Então Martino desaba em cima de mim bufando, escondendo o rosto no meu pescoço.

— Merda... Mas eu te quero tanto!

Sorrio, quase comovida, e faço carinho em sua nuca, ninando-o em meus braços.

Pouco tempo depois Martino volta a procurar meus lábios e começa a me beijar novamente. Sinto seu pau duro pressionando minha barriga e, então, eu o satisfaço acariciando-o com a mão.

Ele está com as pupilas dilatadas, sua expressão passou de doce a ansiosa, quase impaciente. Abro as pernas de novo, num convite para que me procure outra vez e ele vem em minha direção. Com um movimento um pouco hesitante, finalmente me preenche. Sinto-o se mexer devagar, aos trancos, ainda não sabe até onde pode entrar. Treme e geme. Seu suspiro é leve, um sopro delicado, o prazer que se solta de seus membros. Eu o pego pelas nádegas, ajudando-o a encontrar o ritmo. Está cada vez mais seguro, agora, e a cada impulso me penetra com mais decisão. E, enfim, é apenas o instinto que o guia, aquela força impetuosa e predatória, aquele desejo de penetrar e possuir: pura, ancestral, energia masculina.

É um prazer extremo tê-lo dentro de mim, mas já sei que também desta vez não terei um orgasmo. Meus pensamentos me confundem, ainda lembro de Leonardo dentro de mim: por aquele prazer inesquecível que ele deixou em mim.

Mas não vou permitir que minhas recordações estraguem este momento. Quero que seja o momento *dele,* quero que se sinta livre para se perder em mim sem controle, quero que a ternura que ele me provoca vença todo o resto. Abrindo as pernas e arqueando as costas, eu o ajudo a conquistar seu prazer. Ele sussurra meu nome baixinho, todo o seu corpo vibra e, enfim, ele goza, desabando sobre meu peito.

Durante alguns minutos, Martino permanece sacudido por um leve tremor. Olho sua pele lisa e clara tomada pelos arrepios.

— Está com frio? — pergunto, passando a mão em seu braço.

— Não, é só a emoção — responde, buscando meu olhar. — Ver Veneza e fazer amor pela primeira vez no mesmo dia...

— O quê?!

— Pois é, foi a minha primeira vez — sussurra, hesitante.

Meu Deus. Como eu pude não imaginar isso? Mas os meninos de hoje não deveriam ser muito mais espertos e experientes?

Relaxe, Elena, você não faz nada de mau. Ele também queria. Principalmente ele.

— Quer dizer, eu tive algumas namoradas... É que nunca cheguei até o fim — quase se justifica como se tivesse lido na minha cara. Está com as maçãs do rosto avermelhadas e os olhos brilhando. — Eu não disse nada porque sabia que você iria dar pra trás... Mas eu... quer dizer... queria que você fosse a minha primeira.

Eu sorrio para ele, perdendo-me em seu olhar, e acaricio sua sobrancelha, perto do piercing. Como posso censurá-lo por alguma coisa? Seus olhos estão me dizendo que fiz o certo. Pelo menos para ele. Embora entre nós nunca possa nascer uma história de amor — e nós dois sabemos disso —, é a primeira vez, depois de meses, que acontece comigo alguma coisa diferente de puro sexo.

— Mas você gostou? — Martino me pergunta, de repente, preocupado em não ter sido à altura. Afinal de contas ele é um homem.

— Gostei, muito. — Beijo-o docemente na testa.

— Mas você não gozou...

— Não se preocupe — eu o tranquilizo, fazendo carinho em seus cabelos. E essa palavra, *gozou*, quase me faz sorrir, dita por ele. Quero que a lembrança da sua primeira vez seja bonita, sem sombras. — Continue sempre assim, delicado e doce, e todas as meninas ficarão loucas por você.

Martino se enrosca em mim e fica um tempo respirando sobre a minha pele. Eu o seguro nos braços fazendo-o balançar sem que perceba. De repente, como se despertasse de um sonho, levanta a cabeça toda despenteada e olha em volta um pouco atordoado.

— Que horas são?

— Duas — respondo, dando uma olhada no relógio do telefone na mesinha de cabeceira.

Dá um longo suspiro e se levanta para se sentar, apoiando-se à cabeceira.

— Tenho que ir. Reservei um quarto no albergue da Giudecca para esta noite. É longe daqui?

Eu o agarro com doçura.

— Não é longe, mas esta noite você vai ficar aqui.
Sorri. É claro que estava esperando por isso.
— Tem certeza de que eu posso?
— Tenho, por favor. Fique.

Fizemos amor diversas vezes: Martino foi criativo e incansável, parecia querer descobrir numa só noite tudo o que se pode saber sobre sexo. E eu me entreguei completamente a ele, até satisfazer seu último desejo. Quando, exaustos, deslizamos na escuridão, deixando o sono nos envolver, meu pensamento antes de adormecer foi para este menino com os cabelos despenteados e as mãos frágeis. Agora é um homem, e está me olhando com novos olhos.

1 É uma rua comprida situada à margem de um canal em Veneza, onde as pessoas passeiam e frequentam os bares e restaurantes presentes nela. (N.T.)

4

Abro os olhos devagar, com dificuldade. Pela primeira vez, depois de muito tempo, sinto o calor de um corpo dormindo ao meu lado. É Martino. Um sorriso desenha-se em meus lábios, e então fecho as pálpebras de novo, para saborear outra vez a noite que acabamos de passar, e penso no ritmo de sua respiração, na cor de sua pele, em todas aquelas zonas virgens dele que só eu explorei. Sua ternura, involuntária e, por isso, tão espontânea, foi a coisa mais próxima do prazer que eu experimentei em muito tempo.

Obrigada, Martino.

Alongo os músculos e meus olhos procuram a luz fraca da manhã. Viro-me de lado, me mexo com cuidado para não acordá-lo. Martino ainda está dormindo, os cabelos despenteados, o sorriso cansado e satisfeito de quem fez amor. Foi bom ter sido sua primeira mulher, e é maravilhoso tê-lo ao meu lado agora. É cedo para as palavras, para as explicações que deverão vir.

Ainda meio dormindo e meio acordada, desvio o olhar dele e me fixo nas paredes, no teto, nos móveis. Enxergo o vestido azul metálico pendurado na porta do armário e... Meu Deus, o casamento! Arregalo os olhos, devo estar com uma expressão alucinada tipo *Laranja Mecânica*. Por que diabos o despertador não tocou?

Tomada pelo pânico, estico o braço em direção à mesinha de cabeceira e agarro o telefone para conferir a hora, mas está completamente morto. Não é possível! E neste maldito apartamento não tem mais despertador porque eu o levei para Roma!

Com o coração disparado, acendo o abajur, procuro o carregador na gaveta da mesinha, coloco na tomada e o conecto ao telefone, mas ele está tão descarregado que não liga. Naquele momento, como trilha sonora perfeita de um filme de suspense, a buzina raivosa de um *vaporetto* que passa no Grande Canal quebra o silêncio, me assustando. Droga!

Sem me preocupar mais em não fazer barulho e acordar Martino, eu me levanto de um pulo e corro para a cozinha: o relógio do micro-ondas! Quando leio aqueles quatro números pequenos no visor, dou um berro engasgado.

— Merda, merda, merda!

São 10h50, Gaia se casa às 11h, e a igreja, Santa Maria dei Miracoli, é do outro lado da cidade.

Mas por que tudo *sempre* dá errado? Por que eu só faço besteira, onde quer que esteja? Tenho vontade de enfiar a cabeça nesse maldito forno!

Tenho que correr, não posso me dar ao luxo de ter reflexões existenciais estúpidas agora. Concentre-se, Elena, dez minutos podem ser suficientes, se você souber usá-los.

Vou voando para o banheiro e tomo um banho na velocidade da luz. Eu tinha prometido a Gaia que às nove eu já estaria na casa dela para ajudá-la nos preparativos e para que o cabelereiro e o maquiador dessem um jeito em mim também. Como eu não cheguei, ela deve estar pensando que morri. Mas não tenho tempo para me justificar, não tenho tempo para nada, agora.

Saio do banheiro pingando, ainda tenho sete minutos para me vestir, me maquiar, me pentear, colocar os saltos e atravessar a cidade. Uma missão impossível. É a noiva que deveria chegar atrasada, deixar todo mundo com a respiração suspensa. Não a madrinha. Não a pessoa que assina como testemunha de uma relação para a vida inteira. Não eu, resumindo. E Gaia nunca vai me perdoar por isso!

Não devo pensar nisso. Tenho só que me apressar. Vou tentar ajeitar tudo depois. Se ela deixar...

Tiro o vestido do cabide, o coloco e, sem nem fechá-lo, corro para checar o telefone. Finalmente está ligado: há 26 chamadas não atendidas de Gaia. Com as mãos tremendo por causa da ansiedade, tento ligar para ela, mas é claro que não atende. Faltam poucos minutos para a cerimônia e eu ainda estou aqui, neste estado, com um garoto de 20 anos deitado na minha cama. S-o-c-o-r-r-o.

Ele está dormindo todo contente. Eu poderia deixá-lo ali, em paz, mas preciso compartilhar minha tragédia com alguém de qualquer maneira.

— Martino, acorda! — Eu o sacudo.

— Que horas são? — ele resmunga, virando-se de lado.

— É muito tarde. São quase onze. — Perfuro seus tímpanos, enquanto dou algumas chacoalhadas violentas nele.

— Hein? — Arregala os olhos e levanta-se de imediato. — Mas você... não tinha... o casamento?

— Tinha, merda! Nunca vou chegar na hora! — berro, ficando de pé novamente e começando a rodar pelo quarto como uma mosca enlouquecida dentro de um pote.

Martino senta-se e me olha com o rosto ainda amassado.

— Mantenha a calma. Se ficar agitada, não vai resolver nada. — Levanta-se esfregando os olhos e esticando os braços magros, e se encosta à parede para não cair. Acho que nunca poderia imaginar que iria acordar assim.

Enquanto isso lembrei que meu vestido ainda está aberto e estou lutando com o puxador do zíper em cima do bumbum.

Martino aproxima-se e docemente o levanta.

— Pronto.

— Droga. Estou me sentindo uma linguiça! — exclamo, empurrando a barriga para dentro, na tentativa inútil de ficar mais fina. Então corro para o banheiro, esquecendo de agradecer.

Acendo a luz do espelho e me olho. Minha cara está transtornada, duas olheiras de zumbi e uma espinha, praticamente um vulcão, no queixo. Com gestos frenéticos e descoordenados, passo corretivo e base, mas a situação não melhora muito. Pareço uma estátua de cera agora.

Não importa, não tenho tempo de dar uma de perfeccionista. Preciso passar às fases seguintes. Tiro do armário um estojinho velho com diversos tons de sombras e batons compactos. Como a maquiagem nunca foi o meu forte, é o momento de demonstrar que as exaustivas aulas de Gaia não foram um desperdício de tempo: será que vou conseguir elaborar alguma coisa que não seja indecente demais?

— Elena... — É a voz de Martino, delicada como sempre. A voz de quem sempre tem medo de estar incomodando.

— Estou aqui — respondo, passando um pouco de blush nas bochechas.

— Posso entrar? — Aparece na porta, vestido e já de All Star.

— Claro.

No espelho surge sua imagem ao lado da minha. Seu ar desorientado e um pouco perturbado derrete meu coração.

Viro-me um momento para ele e me aproximo.

— Desculpe não poder dar muita atenção a você... — Fico na ponta dos pés e dou um beijo apressado em seus lábios. — Mas estou em estado de emergência máxima! — grito logo depois, voltando a estragar meu rosto. — Não sei me maquiar em condições normais, imagine agora! — Bufo, olhando-me no espelho, e faço uma cara triste.

— Eu posso fazer. — Martino fica ao meu lado, na frente do espelho. Não está brincando. Pelo menos me parece ter certeza absoluta do que diz.

— Você...?

Estou tão desesperada que aceitaria tudo, neste momento, mas ele nem me responde e tira o aplicador da sombra da minha mão. Não tenho palavras. Com alguns movimentos delicados, mas seguros, começa a esfumaçar o pó sobre meus olhos.

— Na Accademia fiz um curso de maquiagem cenográfica — explica. — Se confia em mim...

— Claro que confio! Desde que você seja rápido e não me deixe como uma daquelas cantoras de ópera gorduchas com uma cara exagerada.

Martino consegue realizar um milagre nos meus olhos. Completo o trabalho com o rímel azul-marinho e um fio de *gloss* nos lábios, e a maquiagem está pronta.

Dou uma olhada no iPhone: 11h15! Considerando as manias de diva de Gaia, minha margem para chegar à cerimônia a tempo se estende até as 11h20. Talvez.

Nunca vou conseguir.

Ainda há o problema do penteado. Mexo um pouco nos cabelos para que voltem a ganhar vida: sou um charmoso cruzamento entre um pé de alface e um *cocker*. Era Patrick, o cabeleireiro de Gaia, que deveria cuidar disso, se eu simplesmente tivesse acordado a tempo!

Prendo-os num rabo de cavalo.

— Assim? — pergunto esperançosa a Martino. — Ou melhor assim? — Eu os solto em cima dos ombros, fazendo-os cair de um lado. Cresceram muito, chegam até quase a metade das costas e mais cedo ou mais tarde terei que cortá-los.

— Humm... — Martino me estuda. — Talvez assim. — Pega delicadamente meus cabelos e os enrola numa espécie de coque baixo. — Dá mais luz ao seu rosto.

— Tudo bem. Confio em você — exclamo, prendendo com uma fivela de pérolas meu penteado improvisado. Este menino é cheio de surpresas.

Borrifo uma nuvem de laquê e saio do banheiro em busca dos sapatos.

Naquele momento — já são 11h20 — um toque impiedoso anuncia a ligação da minha mãe. É claro que, como de hábito, ela deve ter se posicionado nas primeiras fileiras da igreja e, como não me viu ao lado de Gaia, provavelmente pensou no pior. Está me telefonando por pura formalidade, mas seu dedo já está pronto para ligar para a emergência. Não posso deixar de atender.

— Mãe!

— Elena, onde você foi parar? Está viva? — Apesar de estar praticamente sussurrando, reconheço um tom violento de preocupação.

— Estou bem, mãe — tento acalmá-la. — Não escutei o despertador. Fique tranquila.

— Oh, Jesus! — Eu a imagino levantando os olhos para o céu e cerrando os lábios como sempre faz quando não tem o controle da situação. — Tente correr, Elena! Você está fazendo um papelão horrível...

Como se eu não soubesse disso!

— Vamos, não me faça perder tempo. Estou chegando. Tchau. — E desligo às pressas.

Na agenda — por sorte nunca apaguei — seleciono o número de Shark, o taxista careiro mais rápido de Veneza, e lhe peço para estar no píer da Accademia daqui a dez minutos exatos. Felizmente está livre e me tranquiliza:

— Tudo bem, *amor,* o que eu não faço por você?

Agarro os meus *peep toe* lilases na sapateira e os coloco, arriscando quebrar o osso do pescoço na pressa, depois pego a bolsa *clutch* e jogo algumas coisas nela desorganizadamente. Estou pronta!

Sequer me olho no espelho, não tenho nem tempo nem coragem. Talvez, se eu correr, ainda haja alguma esperança de conseguir chegar antes que tudo tenha acabado. Até mesmo pouco depois da entrada da noiva.

— Você estava esquecendo isso. — Martino me passa o celular, que deixei em cima da sapateira.

— Obrigada! — Ponho o iPhone na bolsa, que agora mal fecha.

Saímos de casa juntos e descemos as escadas na velocidade máxima permitida pelos meus sapatos, que é realmente pouca. Felizmente Martino me dá o braço. Não sei por quê, porém me sinto uma velha senhora ao lado dele. Mas não é o momento para pensar nisso.

Nós nos despedimos no píer da Accademia.

— Nem fiz um café pra você — tento me desculpar.

Como resposta ele pousa um beijo tímido nos meus lábios e me olha com olhos agradecidos e brilhantes.

— Nunca vou esquecer essa noite — diz. Depois me ajuda a entrar no táxi.

— Nós nos vemos em Roma! — Eu lhe sopro um beijo da lancha,

enquanto Shark abaixa de imediato a alavanca do acelerador. Eu o fulmino com o olhar: esse louco corre o risco de me fazer estragar meu visual de diva com um escorregão.

11h40.

Atravessamos o Grande Canal a uma velocidade excessiva, ultrapassamos *vaporetti* e outras embarcações, passamos voando debaixo da Ponte di Rialto em frente à polícia municipal. Shark me dá um lenço branco e me manda balançá-lo; e aqui estou eu, pronta para interpretar o papel da moribunda — uma moribunda incrivelmente elegante — na tentativa desesperada de chegar à igreja antes que a melhor amiga tenha dito o fatídico sim. O táxi emboca numa ramificação estreita e cheia de curvas, onde é obrigado a diminuir a velocidade para não se espatifar com algumas casas. Deslizamos devagar na água por alguns metros, até que diante dos meus olhos aparecem, finalmente, os mármores coloridos de Santa Maria dei Miracoli, iluminados pelo sol do fim de abril. Uma visão.

11h50.

Com uma manobra hábil, Shark encosta o táxi no lado da ramificação que dá na rua e abre a porta para mim. Depois de ter pagado (um assalto à mão armada), pulo da lancha com um salto de acrobata e, arriscando a vida a cada metro em cima desses saltos altíssimos, começo a correr na rua como uma doida. Estou ofegante, suando, a maquiagem está escorrendo, o penteado está despencando, mas vale a pena porque talvez eu ainda consiga estar ao lado de Gaia no dia mais importante da sua vida.

Mas não. Foi tudo inútil. Já percebo isso quando estou no pátio e sou atropelada por uma enxurrada de convidados, saindo da igreja. Droga! Minha amiga foi tão pontual assim? Mas, principalmente, estava com essa pressa toda de se casar?! A culpa é do padre também... Celebrou uma missa a jato!

Mas não me dou por vencida. Mesmo que os noivos já tenham dito o sim — não consigo acreditar que fiz isso com Gaia — talvez os registros não tenham sido assinados e eu ainda tenha tempo de desempenhar meu papel de madrinha. Enfrento a multidão como uma guerreira, avançando na contramão e abrindo caminho aos empurrões. Todos me olham com um misto de perplexidade e reprovação.

Reconheço Valentina, Serena e Cecilia, reluzentes como se estivessem na passarela. Vale, que sempre desejou ser a madrinha, me dá uma olhada terrível como se dissesse “isso são horas de chegar?!”. No meu louco andar

majestoso, cruzo com minha mãe também, que pega o rosto nas mãos e fica parada me olhando com a boca escancarada. Eu a ignoro e sigo em frente, inabalável, à procura dos noivos. Atravesso com passadas dignas de uma corredora a nave central da igreja, enfeitada com rosas brancas e azuis: ainda nenhum sinal de Gaia e Samuel.

Vou correndo até a sacristia ao lado do altar maior. As portas estão abertas, reconheço os noivos de costas e em frente a eles o padre, que exatamente neste momento está mostrando o enorme registro de pergaminho onde as testemunhas assinarão.

— Esperem! Parem! — grito, cravando os saltos no piso de mármore.

— Elena! — Gaia vira-se e me olha transtornada. — Onde você foi parar? — Ela está se segurando. Se não estivesse num lugar sagrado, me xingaria com todos os palavrões...

Está lindíssima. Meu coração para por um segundo e meus olhos ficam úmidos ao vê-la assim, com o vestido branco coberto de pérolas e bordados, os cabelos loiros presos num penteado elegante, o véu de seda que, do coque, desce até os pés.

— Me perdoe. — Eu imploro, curvada ao meio por causa da falta de ar. Parece que vou desmaiar. — Tive um imprevisto. Depois lhe explico tudo.

— Achávamos que você tinha sumido — Samuel se intromete. Não sei se é ironia ou reprovação o tom que percebo na sua voz, não consigo decifrá-lo. De todo modo, agora que o olho, tenho que admitir que ele também está maravilhoso. Veste um fraque preto com gravata azul metálico e cravo da mesma cor na lapela. Seu padrinho é Roberto, um amigo que vi junto com ele na primeira vez que o encontrei.

— Bem, agora é tarde demais — intervém Alessandra, a irmã de Gaia. Ela me olha com decepção, a caneta na mão pronta para assinar. Quase fico animada ao saber que Gaia escolheu ela e não Valentina como minha substituta.

— Meus caros, vamos continuar? — O padre abre o registro na página do dia e indica o ponto no qual as testemunhas devem colocar seus nomes.

Tomo fôlego, levo uma das mãos ao peito de um modo teatral e faço meu triste apelo:

— Escutem, apesar de eu não ter assistido ao casamento, ainda sou a melhor amiga da noiva. — Depois finco meus olhos nos de Gaia com um olhar de cachorrinho perdido e uma lágrima desliza silenciosa pelo meu rosto. — Por favor, é muito importante pra mim ser sua madrinha. Nós

prometemos uma à outra...

Gaia fica perplexa um tempinho, mas depois um esboço de sorriso aparece em seus lábios. Não é o sorriso de sempre, mas eu não espero mais que isso, depois do que aprontei. Então faz um gesto com a cabeça para a irmã que, bastante magoada, mas compreensiva, me passa a caneta. Com a mão tremendo, eu a pego e me debruço sobre o registro para assinar.

Depois que a outra testemunha também assinou, acompanhamos os noivos até a saída. Gaia está de mãos dadas com Samuel e, de cada lado deles, estamos respectivamente eu e Roberto. Alessandra fecha o cortejo.

Enquanto percorremos a nave central, Gaia vira-se para mim e me sussurra:

— O que diabos você aprontou? Eu estava em pânico sem você!

— Eu sei, conto depois...

— Espero que o cara com quem você estava pelo menos tenha valido a pena... — Gaia pisca o olho para mim. Um gesto típico dela, e me perdoou. Como sabe das minhas aventuras sexuais, dá como certo que este seja o motivo do meu atraso. Na verdade não passou muito longe.

— Não é como você está achando... — eu queria explicar, mas estamos a um passo da saída triunfal e não há mais tempo para as palavras.

A multidão aplaude e faz chover uma nuvem de pétalas brancas e azuis em cima de Gaia e Samuel. Depois das fotos obrigatórias, os noivos recebem os cumprimentos e vão embora numa gôndola enfeitada com uma cascata de rosas, enquanto os convidados se dispersam a pé na rua em direção ao Palazzo Pisani Moretta, onde será a recepção.

Depois de ter aguentado um sermão duro da minha mãe na saída da igreja, fui atrás de Valentina, Serena e Cecilia, que em seus vestidinhos fluorescentes parecem uma versão pós-moderna das Três Marias, e chegamos juntas ao palácio. Durante todo o trajeto tive que justificar, improvisando, meu imperdoável atraso, não criar mais escândalo. Inventei uma mancha no vestido que fui obrigada a lavar no último momento, mas é muito improvável que eu as tenha convencido. Moral da história: tive que aturar seus olhares de desaprovação.

Em frente ao edifício, nosso grupo se junta ao dos amigos de Belotti, uma galera de ciclistas de nacionalidades diferentes vestidos como modelos, que parecem saídos de um anúncio de Dolce & Gabbana. Assim,

enquanto entre uma taça de champanhe e outra esperamos a chegada dos noivos no pátio externo, começa a paquera generalizada.

Posso testemunhar — e sem medo desta vez! — que nos casamentos é muito fácil se arranjar. Um espanhol com um físico escultural cisma comigo e continua enchendo meu copo. Eu o escuto falar enrolado algumas vezes "*que guapa*", mas não consigo captar o sentido exato do que diz, porque ele, como eu, já está bem altinho. Se eu ainda não estivesse envolvida pela lembrança da noite com Martino, levaria seriamente em consideração aqueles músculos definidos sob a camisa de algodão fino. Mas hoje não estou com vontade.

Finalmente chegam os noivos. Vou ao encontro de Gaia, decidida a conquistar um pouco da sua atenção, mas mal conseguimos trocar duas palavras e um pelotão decidido de parentes chega para levá-la para os cumprimentos. Ela me dá um olhar resignado, já cansado.

Tomo o último gole de *prosecco* e vou novamente até Serena, Cecilia e Valentina, que nesse meio-tempo rodearam o *meu* espanhol e o estão disputando com sorrisinhos e olhares sensuais. Paciência. Podem ficar com ele.

Enfim o mestre de cerimônias nos convida a entrar. Lá dentro, o palácio parece digno da realeza: as passadeiras de veludo vermelho, os lustres de cristal de Murano, os pisos de mármore reluzentes e, por toda a parte, elegantes arranjos de flores em tons de branco e azul. No centro do salão principal, a reprodução em acrílico de uma gôndola contém um pequeno bar de vinhos de qualidade e degustações de petiscos variados. Como sempre, quando eu provo algo especialmente atraente e criativo, não consigo deixar de pensar em Leonardo, na paixão que fez dele um grande chef, na delicadeza e na habilidade de suas mãos, na originalidade de seus pratos. A comida, para ele, era alimento no sentido pleno, e, portanto, estético também, um encontro, enfim, de corpo e alma.

Se agora sou capaz de apreciar essa culinária, devo isso a ele. Foi ele quem me revelou o verdadeiro sabor das coisas, provocando em mim esta insaciável fome de vida. Foi ele quem me levou ao auge do prazer, prazer que agora me é inexplicavelmente negado.

Para parar de pensar, pego o iPhone da bolsa. Espero que uma rodada rápida do jogo Ruzzle esvazie minha cabeça, embora nos últimos tempos as palavras que mais formo — "sexo", "mãos", "cama", "perfume" — me remetam sempre e irremediavelmente a ele.

— Então, quero ouvir o que você tem a dizer em sua defesa. — É a voz de Gaia, carregada de um tom ácido e um pouco embriagado de repreensão que me traz de volta à realidade. Ela senta ao meu lado e me encara: o processo começou. Guardo o telefone e finalmente posso lhe contar tudo: minha aventura doce e surreal com Martino e o despertar angustiante da manhã seguinte. É uma libertação — e a quem mais eu poderia contar que tirei a virgindade de um garoto de 20 anos? —, embora eu seja obrigada a me humilhar por ter perdido a cerimônia.

— Então, jura que me perdoa? — pergunto, arregalando os olhos.

Ela me olha severa. Com o vestido branco está com um ar angelical que não combina com ela, e quase me intimida.

— Tudo bem — diz, enfim, torcendo o nariz. — Mas só um pouco.

É o suficiente para que eu jogue meus braços em seu pescoço e a cubra de beijos e declarações de amor eterno e incondicional.

Ela se solta de mim, finalmente sorrindo.

— Pare com isso, assim você vai estragar minha maquiagem toda! — Então volta à sua mesa, ao lado de Samuel, que já está exigindo sua presença.

É a melhor amiga que alguém pode desejar.

Enquanto é servido o segundo prato de um almoço que está colocando à dura prova as costuras do meu Versace, chega uma mensagem de texto de Martino:

Tudo bem aí?
Sua amiga te perdoou?
Um beijo
Marti

Um sorriso cheio de ternura surge nos meus lábios. Minha amiga me perdoou, mas todas as outras pessoas não param de me olhar atravessado: os pais e a irmã de Gaia, as Três Marias, sentadas à mesa comigo, ninguém me trata com a intimidade de sempre. Talvez seja somente impressão minha — será que é o sentimento de culpa pelo que fiz esta noite? —, mas não me sinto à vontade no meio destes convidados, tão sérios em suas roupas escuras e nos penteados com tanto laquê que parecem embalsamados. Eles que vão para o inferno, não fiz nada de mau e, portanto, não existe motivo para não responder a Martino que está tudo

bem e que sua maquiagem aguentou firme. Quero que ele sorria, lembrando de mim, de sua primeira vez e de Veneza.

As horas passam e eu continuo a beber sem parar, ignorando os olhares de decepção. Eu sei, errei e estou errando agora também, mas vocês não podem me condenar assim, sem direito a apelação e justo agora! Já está tudo tão difícil...

Olho em volta e só vejo pessoas felizes. Mas eu estou completamente fora desse círculo de amizades, sorrisos e boas notícias. De repente, me sinto sozinha e inadequada. Gaia se casou hoje, é oficialmente a esposa de Samuel Belotti e, pelo menos vistos daqui, parecem o casal mais lindo do mundo. Cecilia acabou de conseguir um trabalho ótimo como engenheira ambiental na França e logo se mudará para Paris com o namorado. Valentina e Serena estão planejando abrir juntas uma casa noturna e talvez uma das duas conquiste o ciclista espanhol gato até o fim do dia. Também penso em Filippo, que realizou o sonho de fundar um escritório por conta própria e comprou o famoso apartamento no Grande Canal, onde provavelmente vai morar com sua nova namorada. Parecem todos realizados ou, pelo menos, têm um objetivo na vida. Já Elena Volpe ainda está procurando seu lugar no mundo, cada vez mais desconfortável em seu vestido e, principalmente, na própria pele.

Uma melancolia intensa e inevitável ofusca meu olhar. A única coisa positiva desta festa, percebo num instante doloroso, é este fantástico Cartizze Superiore. Então me sirvo de mais uma taça.

Quando o mestre de cerimônias anuncia a chegada do bolo de casamento, meu teor alcoólico está perigosamente perto do limite. O mundo está mais aceitável, agora, mas muito confuso. Fico de pé, um pouco menos estável do que quando estava sentada, e junto com o resto dos convidados vou até a mesa dos noivos. Enquanto todos aplaudem e gritam parabéns e felicidades, que aos meus ouvidos soam como frases obscenas — mas pode isso, nos casórios? —, Gaia e Samuel começam a cortar um bolo cenográfico de cinco andares, rechea do com chantilly e frutas vermelhas.

— Vamos fazer um belo brinde em homenagem aos noivos! — exclama o pai de Gaia com seu vozeirão. Então levanta a taça e convida todos a imitá-lo.

Valentina, que claramente esperava ansiosa seu momento, rouba a cena e, transbordando de orgulho, desenrola um pequeno pergaminho.

Depois de um instante de suspense, começa a ler com entusiasmo uma página do *Profeta* de Khalil Gibran:

Vocês nasceram juntos, e deverão estar sempre juntos.
Estarão juntos quando as asas brancas da morte dispersarem seus dias.
Sim, estarão juntos também na memória silenciosa de Deus.
Mas que haja espaços no seu estar juntos,
e que os ventos do céu dancem entre vocês.

Amem-se um ao outro, mas que o amor de vocês não seja uma prisão:
em vez disso, deixem um mar agitado entre as duas margens de suas almas.
Encham a taça um do outro, mas não bebam de uma única taça.
Troquem o pão entre vocês, mas não comam do mesmo pão.
Cantem juntos e dancem e sejam alegres, mas que cada um esteja sozinho.
Como as cordas do alaúde, que são sozinhas, embora vibrem pela mesma música.
Deem seu coração, mas não o deem em custódia um do outro.
Porque somente a mão da Vida pode guardar seus corações.
E estejam juntos, mas não perto demais:
já que as colunas do templo são afastadas,
e o carvalho e o cipreste não crescem um à sombra do outro.

Começa um aplauso entre os convidados, enquanto os noivos agradecem, comovidos.

Depois a mãe de Gaia toma a palavra:

— Não sou capaz de falar tão bem. — Faz uma pausa, está com os olhos brilhando. — Mas quero desejar à minha filha e a Samuel que sejam felizes, sempre. E, mesmo quando não for possível, que fiquem unidos e apaixonados como são agora.

Quando Alessandra também levanta a taça e solta o milésimo "Gaia e Samuel, que o amor de vocês dure a vida toda!", sinto minha cabeça explodir por causa desses discursos melosos insuportáveis. É o momento de tornar o ambiente um pouco mais animado... Suponho que sejam os rios de Cartizze que correm nas minhas veias que me guiam.

— Agora é a minha vez — anuncio, dando batidinhas na taça com a faca, e limpo a garganta. — Mais que um desejo de felicidades, tenho uma esperança. Agora que vocês se casaram, atenção... — tomo fôlego e solto a

bomba: — Façam amor mais vezes! Sua esposinha, Samuel, não se contenta com aquela mísera uma vez por mês... — Explodo numa risada vulgar, mas um segundo depois percebo que sou a única que estou rindo na sala, porque entre os convidados caiu um gelo total. Mas o que será que eu disse de tão terrível? — Puxa, eu estava brincando... Era só uma piada... — eu me justifico, com um leve embaraço, sob os olhares apavorados dos presentes.

O pianista deve ser uma pessoa muito intuitiva, porque interrompe a minha gaguejada inútil soltando *I Say a Little Prayer.* Mas eu não sou Rupert Everett, nem Julia Roberts. E este decididamente não é o clima de *O casamento do meu melhor amigo.* Sou uma idiota, é isso que eu sou, a madrinha que ninguém gostaria de ter, e acabei de me meter numa encrenca daquelas, a julgar pela cara da minha melhor amiga.

Enquanto servem o bolo e, por sorte, todos parecem ter se esquecido dos meus dois minutos de loucura — agora me ignoram claramente —, Gaia se aproxima e me puxa com força pelo braço.

— Você poderia fazer a gentileza de ir um minutinho ao banheiro comigo? — diz, me fulminando com o olhar.

— Claro. — Eu a sigo sem respirar, segurando toda desajeitada sua cauda. Imagino que faça parte das minhas funções de madrinha, e eu queria tentar desempenhar pelo menos uma, mas na realidade a cada passo corro o risco de desabar, tropeçando em seu vestido.

Assim que atravessamos a porta do toalete, Gaia se planta na minha frente:

— Ele, olhe bem nos meus olhos: posso saber que diabos está acontecendo com você?

— Do que você está falando? — Encolho os ombros. Neste momento, acho que a melhor estratégia é negar, mostrar indiferença. Na prática, dar uma de sonsa.

— Mas você está bem?! Estou falando que eu gostaria que você guardasse pra você as intimidades que eu conto sobre a minha vida sexual! — Parece realmente furiosa, agora.

— Mas ora, você virou mesmo uma carola com essa história de que agora é uma mulher casada... Era só uma piada! — tento cortar o clima.

— Sim, uma piada infeliz. Que além do mais nem combina com você. Juro que não a entendo. — Pressiona o dedo indicador entre meus seios, com raiva.

— Mas quanto blá-blá-blá! — eu acabo com ela, aborrecida. — Você é a senhora Belotti há poucas horas e já está com esse ar de santinha burguesa...

Esta também deve ser uma piada infeliz, porque Gaia não ri, ou melhor, me olha indignada. Tenho quase a impressão de que está saindo fumaça de seus ouvidos. Talvez eu tenha exagerado um pouco com o Cartizze.

— Quanto você bebeu? — ela me pergunta, de repente.

— Pronto, agora não tenho nem a liberdade de brindar o casamento da minha melhor amiga!

— Acho que ultimamente você está tendo ocasiões demais pra brindar...

— Está tudo sob controle, fique tranquila.

Gaia balança a cabeça.

— Não a reconheço mais, Ele. Você aparece no final da cerimônia, toma um porre, diz coisas sem nexo e constrangedoras... E não estou falando só de hoje. Você está distraída há tempos. Você se esquiva de mim, não sei mais nada a seu respeito, está distante...

— Que tortura! — grito. O vinho está subindo à minha cabeça, estou com os ouvidos zumbindo e a voz de Gaia com certeza não melhora a situação.

— Escute. Sei que ainda está sofrendo por Leonardo...

Não deixo nem que ela termine. Aquele nome desencadeia em mim uma raiva repentina.

— Eu estou bem, será que todo mundo poderia entender isso? — Estou gritando de novo. — Você, Paola, meus pais... Todo mundo me dizendo o quanto eu estou estranha e o quanto devo estar sofrendo! *Eu não quero sofrer*, coloquem isso na cabeça! Só quero me divertir um pouco e aproveitar a vida!

— Ele, só estou preocupada com você. — Gaia me olha, assustada. Acredito que nunca me viu desse jeito.

— Mas você sabe o que eu acho? — eu continuo, a essa altura ninguém mais me segura. — Acho que você está competindo comigo. É... O fato de me ver tão ousada e desinibida no fundo a aborrece. Você preferiria que eu continuasse ingênua e um pouco desajeitada como sempre fui, porque eu era inofensiva, no fim das contas, ficava no meu lugar sem atrapalhar e não roubava sua cena. Bem, sinto muito por você, mas o patinho feio virou uma princesa, agora!

Talvez eu esteja exagerando um pouco. E estou até confundindo as fábulas... Não sei por que estou cuspindo todo esse veneno. Na verdade nem sabia que tinha isso dentro de mim, e colocar tudo assim para fora deixa um gosto amargo na minha boca.

Gaia está com lágrimas nos olhos.

— Então é isso que você pensa de mim. — Fica esperando, como se desejasse um passo atrás meu ou um pedido de desculpas, que, porém, não vem.

Sustento seu olhar em silêncio, não completamente convencida do que disse, mas orgulhosa demais para me retratar.

Então Gaia sai do banheiro, fechando a porta atrás de si com uma batida violenta.

Eu fico por um momento respirando fundo, os lábios apertados, as narinas abertas. Depois eu desabo no chão, as costas apoiadas à parede. Abandono a cabeça para a frente. Estou cansada de conselhos, sermões e rostos preocupados. Estou cansada de que os outros me lembrem quem eu era e joguem na minha cara o monstro que me tornei. Acabei de magoar minha melhor amiga, mas agora não posso fazer mais nada e, portanto, é melhor que ela esteja longe de mim. Já estraguei sua cerimônia, quem sabe consigo não destruir completamente a lembrança do dia mais bonito de sua vida.

As pessoas que te amam podem ser irritantes, às vezes. E você pode querer que não estejam por perto quando sente a necessidade de se punir.

5

Não foi exatamente um alívio voltar a Roma depois da minha proeza no casamento. Gaia, como era de se esperar, não deu as caras: está em lua de mel nas Ilhas Seychelles e nem passaria pela minha cabeça incomodá-la. E, além disso, não tenho nem vontade, nem força para dar o primeiro passo em direção à reconciliação. Acho que nossa ferida não vai se curar tão rápido. Mas tenho certeza de que afinal conseguiremos.

Nossa briga foi um momento de virada, para mim, doloroso, mas provavelmente inevitável: é como se tivesse exposto uma zona íntima e vulnerável, onde eu guardava, sem saber, um estoque de amargura e desencanto. Explodiu sem aviso prévio, tudo junto, e sinto muito que tenha atropelado justamente ela. Mas aquele veneno, agora, ocupa todos os meus pensamentos e polui todas as minhas emoções. E eu me sinto impotente, não consigo me livrar dele.

Talvez somente a inocência e a ternura de Martino consigam desfazer, ainda que por pouco tempo, a tristeza que carrego dentro de mim. E é por isso que agora estou indo encontrá-lo. Marcamos em Porta Portese às 17h e eu tenho que me apressar se não quiser chegar atrasada como sempre — acabei me transformando numa atrasada crônica. Ele voltou para Roma no dia seguinte à nossa noite veneziana e me procurou várias vezes desde então. Todas as vezes eu atendi o telefone, mas sempre fui um pouco fria, quase distante: pensei muito no que aconteceu entre nós, e, embora tenha sido uma das noites mais bonitas dos últimos meses, decidi que não se repetirá. Eu devo ser uma ingênua, mas queria tentar levar adiante a nossa estranha amizade e proteger Martino dos erros que, eu sei, acabaria cometendo. Continuar a fazer amor com ele seria bom e gratificante para mim, mas só por um período. Porque não sou nem um pouco capaz de amar alguém nessas condições e o risco de magoá-lo seria grande. E ele não merece isso. Não quero decepcioná-lo, não quero brincar com ele como estou fazendo com os outros homens, que não têm a menor importância para mim. Martino é precioso e frágil e devo afastá-lo para evitar lhe fazer mal.

Estou atravessando o rio Tibre, quando recebo uma mensagem de texto dele.

Desculpe, estou atrasado.

Fiquei preso na faculdade.
Chego daqui a meia hora.
Tomara que você me espere.
:*

Sorrio. Tínhamos nos prometido: "Nada de carinhas, pelo amor de Deus!" Mas ele não resistiu. Então eu também me sinto autorizada.

Não se preocupe. Vou dar uma volta enquanto isso.
Até logo. :*

Passeio um pouco pelas ruelas de Trastevere até ir parar em frente à igreja de San Francesco a Ripa. Entro, movida por uma vaga curiosidade e pelo pensamento sedutor de encontrar um pouco de ar fresco. Embora as horas mais quentes já tenham passado, o calçamento e as fachadas dos prédios ainda refletem o sol que absorveram desde a manhã.

Lá dentro, espero que meus olhos se acostumem com a semiescuridão, então caminho pela nave. De repente, sou atraída por uma escultura de beleza extraordinária, que surge atrás de uma espécie de cortina, na penumbra de uma pequena capela. Eu me aproximo e sou arrebatada por uma energia potente e indecifrável. Numa placa ao lado da capela leio: *ÊXTASE DA BEATA LUDOVICA ALBERTONI* DE GIAN LORENZO BERNINI, 1674.

Um Bernini que eu ainda não tinha visto! Estou contente demais por tê-lo descoberto assim, por puro acaso. Porque está me deixando literalmente sem fôlego. A beata está deitada numa cama, bordada no mármore com uma perfeição incrível, enquanto um feixe de luz penetra por uma janela invisível e a cobre, dando-lhe uma aura de misticismo realmente palpável. A coisa bizarra, tratando-se de uma beata, é que o corpo esculpido transmita uma sensualidade tão fervorosa: a boca entreaberta, os olhos semicerrados, a cabeça reclinada, a mão esquerda sobre o ventre, a outra logo abaixo do seio, indicando o coração. E, depois, o rosto, o ar arrebatado que Bernini determinou para sempre num equilíbrio perfeito de prazer e dor. A beata está vivendo um êxtase espiritual, mas sua entrega é tão real que parece outra coisa. Talvez seja eu, que neste momento específico da minha vida não consigo pensar em outra coisa, mas me parece que a expressão de Ludovica seja quase de prazer carnal... E, além disso, as roupas desalinhadas que se mexem e se inflam, como se sua carne quisesse sair delas para se unir a Deus. Parece que sinto a tensão que ela

está experimentando, a fusão indefinida que anima aquela pedra, tornada viva e eterna pela mão de um artista. Enfim, tenho a clara sensação que a beata está sentindo algo muito parecido com um orgasmo.

Expulso o pensamento de imediato, mas não consigo me afastar e fico olhando, distraída. É como se aquela mulher de mármore quisesse falar comigo. O que ela tem para me dizer, eu intuo, é alguma coisa forte, que tem a ver com a ideia de que carne e alma não estão em dois extremos, mas são duas faces do mesmo prisma. Inspiro o cheiro das velas acesas, da cera que queima, e expirando sinto que eu também queimo. No estômago, na barriga.

Fico assim um pouco, perseguindo uma intuição que custa a tomar forma, até que uma mensagem de texto de Martino me traz de volta à realidade. Ele me avisa que, em cinco minutos, vai chegar à Porta Portese.

Pronto, agora eu tenho um motivo real para ir embora. Controlo meus pensamentos às pressas e, sem me virar, vou de cabeça baixa em direção à saída.

Nós nos sentamos num café. Ainda faz calor, mas abrigados entre os prédios altos podemos aproveitar um pouco de sombra. Quase só há turistas nas mesas em volta, mas, a julgar pela decoração, este bar está aqui desde um pouco antes de Trastevere acabar nos guias e se tornar um bairro da moda.

Martino está radiante, quase me sinto mal em olhar o sorriso aberto e cheio de confiança que ele me dá. Falamos um pouco de seus estudos, do casamento de Gaia, mas nós dois sabemos que estamos apenas rodando em torno do verdadeiro motivo do nosso encontro.

— Escute... — eu digo, de repente, aproveitando um momento de silêncio. — Queria conversar com você sobre aquela noite. — Sou a mais velha, embora isso seja engraçado, pensando bem, e, portanto, cabe a mim começar o assunto.

Martino concorda, repentinamente sério, enquanto suas mãos instintivamente agarram o copo de *spritz* à sua frente e começam, nervosas, a remexer o gelo com o canudo.

— Na verdade não há absolutamente nada a dizer — declara, com voz rouca. — Sei que você não está apaixonada por mim. — Seus olhos voltam a me olhar, corajosos, serenos e definitivos como os de uma vítima que vai de livre e espontânea vontade para a forca. Já entendeu tudo, eu o tinha

subestimado. Àquele ponto força um sorriso, e sei que faz isso apenas para facilitar minha tarefa. — Foi bom, Elena, mesmo se não acontecer mais. Porque sei que não vai acontecer.

Sinto meu coração ficar pesadíssimo, cair no chão embaixo da nossa mesa e ficar lá, esborrachado.

— É melhor assim, acredite em mim — encontro a força para responder.

— Só me diga uma coisa: se não fosse pela diferença de idade, as coisas seriam de outro jeito, não é? — ele me pergunta, enrugando as sobrancelhas.

Sua ingenuidade aquece meu coração. Por mais que ele esteja tentando enfrentar a situação como homem, Martino continua sendo um garoto. Felizmente.

— E como vou saber? — encolho os ombros. Tenho alguns anos a mais que ele, mas poucas respostas a mais. — O que aconteceu em Veneza foi importante pra mim também — eu lhe digo, e sou sincera. — Não foi uma transa. Teve um sentido e sei que ficará para sempre entre minhas lembranças mais bonitas. Mas se não quisermos estragar tudo, se não quisermos nos perder, é melhor deixarmos as coisas como estão.

Martino concorda, parece um aluno dedicado que toma notas durante a aula.

— Eu gosto tanto de você, sabe? — continuo, acariciando seu cabelo.

Pronto, disse o essencial. E Martino não tenta de nenhum modo me fazer mudar de ideia. Sinto-me mais leve, agora. Nós nos levantamos e caminhamos um ao lado do outro até seu ponto.

— Ligo pra você nos próximos dias — prometo, enquanto o bonde está chegando. Ele não responde logo. Olha a ponta dos All Star como se a frase que deve dizer estivesse escrita ali.

— Escute, vamos deixar o tempo passar um pouco, tudo bem? — ele solta essa, de um fôlego só. — Prefiro que a gente não se veja por enquanto.

Esta resposta é como um tapa na cara. É justo que seja assim: não posso exigir que tudo volte a ser como antes e nossa relação siga em frente como se nada tivesse acontecido. Fui uma egoísta ingênua. Isso me machuca, agora, mas aceito.

— Tudo bem — concluo, e desta vez sou eu que me esforço para sorrir. — Saiba que, quando quiser, você sempre pode contar comigo.

— Então, tchau. — E quase sem me olhar sobe no bonde que o engole e o leva embora.

Fuja, Martino. E, se puder, não pense em mim.

Entrando em casa, quase trombo com Paola, que está arrumando o cabelo em frente ao espelho do hall.

— O que você vai fazer de bom? — pergunto, curiosa.

— Tenho um encontro.

Entendo que se trata *daquele* tipo de encontro.

— E não me diz nada? — Costumamos contar tudo uma à outra.

Ela para de se pentear e me olha, meio ressentida, meio aborrecida.

— É que não tive oportunidade...

— Como não, se moramos juntas!

— Sim, mas pena que você nunca está em casa... E, quando está, quase sempre está dormindo ou no computador, fazendo sei lá o quê.

Soa decididamente como uma acusação. Por um momento temo que estejamos começando uma espécie de prestação de contas da nossa convivência, e não estou com a menor vontade de fazer isso. Não agora.

— Bem, o nome dela é Monique, tem a minha idade, é francesa e trabalha na Villa Medici — Paola me revela, dissipando meus temores com um sorriso. Deve ter achado que me provocar já foi suficiente, pelo menos por ora.

— Vamos, me conte mais alguma coisa dela! — eu a pressiono, dando um pequeno soco em seu ombro. Talvez ela se abra mais, se eu insistir.

Ela me conta que a conheceu no trabalho. É a responsável pela recepção da Villa, não tem namorados homens ou maridos e vive livremente sua homossexualidade. Não como a Borraccini, a ex de Paola, além de minha professora de restauro, que manteve a relação delas clandestina durante anos.

— Pra falar a verdade ela me convidava pra sair há um tempo, mas eu sempre recusava — Paola me conta. — Então, esta noite eu disse a mim mesma: por que não?

No último ano, depois do fim do relacionamento com Gabriella, enfrentou a dor com uma coragem e uma tolerância que raramente vi em outras pessoas. Paola não se permitiu desabar e não sentiu pena de si mesma nem por um segundo. Continuou a fazer as mesmas coisas que fazia antes. Somente seu olhar parecia um pouco mais apagado. Seu

coração se tornara um peso morto que ela carregava.Teimou em ficar sozinha e não quis sair com ninguém durante meses. Mas conseguiu não endurecer, como costuma acontecer nessas situações.

E agora, naquele "por que não?", está guardada sua chance de uma nova vida, de uma nova felicidade. Não sei se Paola tem consciência disso, mas pelo olhar indeciso que ela me dá eu diria que sim.

— Claro: por que não? — faço eco com um sorriso leve.

— Sei que você vai achar uma coisa banal — diz, olhando-se no espelho com os olhos brilhando —, mas essa Monique é diferente das mulheres com quem saí antes. Até com Gabriella, era sempre eu que corria atrás, que tinha que lutar pra reivindicar um pouco de tempo juntas. Já ela me enche de atenções. Confesso a você que quase me deixa constrangida, não estou acostu mada.

— Acho um ótimo começo — digo, dando-lhe a bolsa. — Já gostei dessa Monique. — De fato, se Paola tem algo a aprender, é aceitar ser amada sem "se" e sem "mas".

— O que acha? Estou bem? — ela pergunta, virando para mim.

— Está perfeita — declaro, enquanto a sigo até a porta.

Paola desce as escadas correndo, deixando para trás um rastro de Chanel nº5, enquanto tranco a porta atrás de mim.

Eu me vejo sozinha no hall e encaro por um instante minha imagem refletida no espelho. Chego mais perto, ficando parada, um pouco desconfiada, como se faz com os estranhos, observando os detalhes do meu rosto.

Paola, talvez, esteja indo ao encontro de um novo amor. E eu, o que vou fazer esta noite?

Eu não, eu sigo pelo meu caminho, feito de distrações e atalhos. Quem sabe esta noite eu ligo para Davide, pergunto se podemos ir beber alguma coisa juntos e, depois, sabe-se lá. Eu o conheço há um mês, o encontrei na academia de ginástica, e a única coisa que sei sobre ele é que é publicitário e tem dois cachorros. Mas isso dá e sobra, porque já fui para a cama com ele uma vez e até que foi gostoso.

A última coisa que eu quero, hoje, é ficar aqui sozinha pensando.

Esta noite eu vou sair, e sei que não encontrarei o amor. Mas, no fim das contas, acho que nem preciso dele.

Davide levantou cedo para ir trabalhar e praticamente me jogou para

fora da cama.

Ainda atordoada, peguei dois ônibus para voltar ao centro e agora estou tomando o café da manhã no bar debaixo de casa, com o firme propósito de subir e voltar a dormir direito. Enquanto engulo às pressas meu cappuccino, aproveitando o ar-acondicionado, algumas cenas da noite que acabei de passar — não estou pronta, não agora — me voltam à mente: as mãos de Davide me explorando, frias, sem cuidado, seu corpo nu que se mexe sobre o meu, eu ofegando e gemendo como se seguisse um roteiro, mas é justamente uma ficção completa, que nós dois aceitamos com prazer, como se fosse normal ou até mesmo agradável. O vinho que bebemos em grande quantidade e a erva que ele cultiva no terraço foram as melhores coisas da noite. Mas, na lembrança, agora, é tudo confuso e sem graça, como um desenho desbotado pela água.

Desvio o olhar do fundo da xícara. Do outro lado do vidro, meus olhos encontram outros, escuros e magnéticos, impossíveis de esquecer: Lucrezia. Pisco, tentando me convencer de que são apenas as sequelas da noite, mas a visão continua ali onde está, parece estar me esperando. Pago meu café da manhã e saio do bar, andando quase na ponta dos pés. Espero sinceramente ter me enganado, é provável que eu a tenha confundido com outra pessoa, ou talvez seja ela, mas apareceu aqui por acaso. Não por minha causa.

— Elena — ela me para, aproximando-se. O fato de ela saber meu nome cria um curto-circuito instantâneo no meu cérebro. A última — e única — vez que nos vimos foi na porta do apartamento de Leonardo, e tenho certeza de que sequer nos apresentamos. — Podemos conversar um segundo? — pergunta, jogando fora o cigarro. Eu nem tinha percebido que estava fumando. Eu a olho melhor. É só um pouco mais alta que eu, mas o que a torna imponente e quase me faz temê-la são aqueles ombros largos e ossudos que parecem desenhados sob a camiseta leve. Parece mais cansada e esgotada em relação à primeira vez que a vi, há muitos meses: as bochechas fundas, as olheiras marcadas, mas sua beleza sublime está intacta, mesmo sob o sol de verão. Nas costas, onde não posso ver, sei que continua a existir aquela tatuagem: os dois L quase encostados um ao outro, Lucrezia e Leonardo, a marca indestrutível da união dos dois.

— Não sei sobre o que deveríamos conversar — resmungo, sem saber bem que emoções sentir e como reagir à sua presença.

— Sobre Leonardo.

Assim que ela pronuncia esse nome — eu não o mencionava há meses, apenas nos meus sonhos — um silêncio de chumbo cai sobre nós. Esta mulher e eu deveríamos ser inimigas por uma questão de papéis: ela esposa e eu amante, e não vejo como o que nos separa deveria nos levar a conversar.

— Sei tudo sobre vocês — diz, me encarando. — Eu logo entendi, naquele dia em que você tocou nossa campainha, e depois Leonardo me confirmou tudo.

A ideia de ter sido objeto de uma confidência entre marido e mulher me dá nojo, nesse momento. Mas sobretudo é desgraçadamente dolorosa. Queria saber o que ele lhe disse a meu respeito, como arquivou a questão, mas não consigo perguntar. As palavras ficam presas na minha garganta. Talvez tenham decidido juntos me liquidar como um acidente de percurso, uma daquelas escapadelas que, quando são superadas, reforçam ainda mais a cumplicidade conjugal.

— Perdoei meu marido pelo que fez quando eu não estava com ele. Mas agora é diferente... — Seus olhos estão atravessados por uma luz sinistra e a voz assumiu um tom grave. — Vocês ainda se encontram? — Não parece uma pergunta, mas uma afirmação.

— O quê?! — Quase solto uma risada histérica por causa do absurdo da insinuação. — Não vejo Leonardo há meses...

Ela me estuda por trás dos cílios grossos: é claro que não acredita em mim.

— Você pode até negar — diz —, como faz Leonardo. Ele quer me dar a entender que está tudo bem, mas é claro que não é mais o homem que era antes. Está sempre distraído, ausente. Com a cabeça em outro lugar...

— Mesmo se for assim, isso não tem nada a ver comigo. Há bastante tempo. Eu lhe disse que não estou mais saindo com ele — eu a interrompo, brusca. Parei de rir. Esta situação está me deixando nervosa.

— Você tem que se afastar dele. Quero recomeçar a viver minha vida de antigamente, junto com ele — continua Lucrezia, inabalável. — E você... Você é só uma obsessão da qual ele tem que se livrar.

Assim já é demais. Não posso mais ficar escutando. Além da dor e do desespero por ter perdido o amor da minha vida por causa *dela*, agora essa mulher tem a coragem de me acusar: eu seria a obsessão de seu marido, é claro... Meu coração está batendo furiosamente, mas tento me controlar. Sei que Lucrezia é uma mulher instável, talvez esteja numa fase

totalmente desligada da realidade, por isso, sou eu, que tenho a mente sã e sou equilibrada, que tenho que restabelecer um mínimo de bom senso.

— Escute... — eu lhe digo, com uma calma extrema. — Se as coisas entre vocês não estão dando certo, não é culpa minha com certeza. Resolva isso com seu marido, não comigo.

— Não há nada entre nós que não dá certo, a não ser você.

Seus olhos estão atravessados por um lampejo de orgulho e desespero que quase me comove. Estou diante de uma mulher apaixonada, apaixonada e disposta a tudo para recuperar seu homem.

— Mas vim lhe dizer isso também — continua. — Leonardo teve muitas mulheres, não ache que você é diferente das outras... No fim ele vai se cansar e voltará para mim, como sempre.

É verdade, descobri isso por minha conta: Leonardo já voltou para ela. Eu aprendi a lição, ela é a única que não assimilou isso totalmente.

— Perfeito — concluo, engolindo um coágulo de dor. — Então todos nós concordamos com isso. Vivam a vida de vocês e eu vivo a minha. Não existo mais, me esqueçam, pra sempre. — Depois me viro de lado para atravessar a rua, mas ela me segura.

— Espere! — sussurra, uma raiva cega nos olhos. — Ainda não acabei com você. — Seus dedos magros afundam na carne do meu braço. É um predador que quer torturar sua presa.

— Me largue! — berro, exaltada, libertando finalmente toda a angústia que tenho dentro de mim. Eu me solto com um puxão, mas meço mal as forças e tropeço na calçada. O pé fica em suspenso na borda e não encontra o apoio. Caio. Mal tenho tempo de ouvir um chiado de freios e um grito de terror — talvez seja meu, talvez de Lucrezia. O carro me atinge em cheio e tudo o que sinto é o estrondo de uma chapa e uma fisgada dilacerante numa perna.

Depois vozes e sons desaparecem, e tudo fica escuro.

6

Não sei onde estou, nem como cheguei aqui. Minhas pálpebras estão pesadíssimas, o maxilar entorpecido e a boca seca. Abro os olhos com uma dificuldade torturante: é o pior despertar da minha vida.

A luz vaza fraca da janela. Poderia ser o fim da tarde: mas de que dia? Parece que dormi meses... Sinto-me num estranho limbo, em suspenso entre sonho e realidade, enquanto imagens confusas atravessam minha mente: um vai e vem caótico de pessoas ao meu redor, sussurros, sombras, a voz do meu pai, minha mãe chorando... E então, dominando tudo, o perfume de Leonardo, que escapou não sei como da prisão das lembranças em que eu o tinha trancado e jogado a chave fora. Talvez eu tenha estado em coma, ou tive alucinações. Ainda assim não acho que tenha tomado drogas... A última coisa que lembro — agora finalmente consigo focar — é Lucrezia; e, depois, aquele carro: fui atropelada, foi isso que aconteceu! E estou no hospital, me dou conta neste momento. Tudo é tão branco e limpo aqui. O cheiro penetrante de desinfetante elimina qualquer dúvida.

Faço menção de me levantar, mas uma tontura me desanima e, então, caio novamente no travesseiro, derrotada.

— Elena...

É uma voz conhecida, doce e tranquilizadora.

No meu campo visual aparece o rosto de Martino.

— Oi — murmuro, atordoada. Deve ser a primeira palavra que pronuncio há dias. — O que aconteceu?

— Você foi atropelada. Em frente ao seu prédio. — Faz carinho na minha testa. — Deram sedativos pra você dormir... Mas fique tranquila, está tudo bem.

— Desde quando estou aqui?

— Há um dia e meio. E dormiu quase o tempo todo.

Eu me mexo na cama, retomando a posse do meu corpo aos poucos. Parece que todos os membros respondem, menos a perna direita. Levanto um pouco a cabeça do travesseiro e vejo que está coberta por uma vistosa atadura.

— Você deslocou o tornozelo, rompeu dois ligamentos e tem algumas escoriações espalhadas. Nada de grave. — Martino me explica, esboçando um sorriso.

Engulo, minha língua está grudada no céu da boca.

— Água... — imploro.

Martino endireita um pouco o corpo, arrumando os travesseiros atrás das minhas costas, então me serve um pouco de água e me ajuda a beber.

— Você ficou aqui o tempo todo? — pergunto, e parece que recuperei a mobilidade da língua.

— Fiquei. Foram os médicos que me avisaram: olharam as últimas chamadas do seu celular. Que bom que não foram eles que deram a notícia aos seus pais... Você me deu um susto, sabe?

— Meu Deus, sinto muito...

— Shhh, o importante é que você está bem. Eu avisei a todos. Seus pais também vieram de Veneza.

— Meus pais? E onde estão, agora?

— Estão na sua casa, Paola os hospedou. Nós nos revezamos, eles me pediram para telefonar assim que você acordasse.

Martino se cala de repente e assume uma expressão estranha. Parece que está buscando as palavras para me dizer algo.

— Mas... Antes há outra pessoa que quer vê-la.

— Uma pessoa?

— É, está aqui fora.

— Quem é?

— Espere...

E onde ele pensa que posso ir?

Eu o olho sair e sumir no corredor.

Pouco depois, a silhueta de um homem se delineia na moldura da porta, uma silhueta que eu saberia desenhar mesmo se estivesse vendada, com aquela inconfundível linha dos ombros e o tórax largo.

Leonardo.

Eu o olho como se ele fosse um extraterrestre, enquanto vem ao meu encontro. Temo que seja apenas uma visão, o pior efeito colateral do sedativo.

Ele se aproxima da cama e sorri para mim.

— Bem-vinda de volta entre nós — diz. — Estava esperando você.

Ele estava me esperando? É típico de Leonardo aparecer de repente na minha vida sem pedir permissão e inverter a visão das coisas que com muito esforço eu consegui construir.

Seu perfume, aquela mistura indefinível de âmbar e de mar, impregnou

o quarto, cobrindo por um momento o cheiro asséptico do hospital. Portanto eu não sonhei com ele: realmente esteve aqui enquanto eu estava inconsciente.

— Então, como você está? — pergunta, como se tivéssemos nos despedido na noite anterior.

— Machucada, mas ainda estou aqui... sobrevivi. — E não me refiro apenas ao acidente, mas ao último ano da minha vida.

Eu me perguntei pelo menos um milhão de vezes como seria reencontrá-lo, e agora nem eu sei o que devo sentir, se fico feliz ou furiosa, envaidecida ou mortalmente ofendida. E, em vez disso, me sinto apenas horrorosa. Eu me imagino magra, com os cabelos sujos e vestindo esta espécie de túnica ridícula. Uma visão nada bonita. Eu sei, esse é o último pensamento que deveria ter neste momento, mas talvez eu tenha que agradecer ao meu lado mais fútil por ter me distraído das paranoias bem mais profundas.

Por um reflexo condicionado levo a mão aos cabelos: toco numa massa sem forma e grudenta. Minhas suspeitas tinham fundamento. Mas já é tarde demais.

Leonardo acomoda-se na cadeira ao lado da cama e se inclina em minha direção, apoiando os cotovelos nos joelhos e juntando as mãos, como numa prece.

— Sinto muito, Elena...

— Sente muito pelo quê?

— Pelo que aconteceu... De algum jeito me sinto responsável.

Seus olhos pretos parecem ficar ainda mais escuros e penetrantes e eu tenho que desviar o olhar para respirar um pouco. Eles me deixam sem fôlego. Meu cérebro ainda está entorpecido, mas sinto que aos poucos volta a funcionar. Uma voz maligna na minha cabeça está me sussurrando que ele só está aqui por piedade, para ficar com a consciência tranquila.

— Você não tem nada a ver com isso. Foi um acidente — respondo, seca, olhando um ponto na parede branca na minha frente. A raiva e a pena por mim mesma formam uma mistura ácida dentro do estômago. — Foi Lucrezia quem lhe disse o que aconteceu? — pergunto, então, de repente, finalmente encontrando a coragem de olhá-lo no rosto.

— Não. Foi Martino que me avisou, ontem de manhã. Procurou meu número no seu telefone. Você não o salvou, mas por sorte ainda havia algumas mensagens minhas.

Sou invadida por uma repentina onda de ternura: embora eu o tenha magoado, Martino colocou de lado seu ciúme e ligou para Leonardo por mim, para que estivesse aqui quando eu acordasse. Depois sumiu para nos deixar sozinhos. Um herói romântico de outra época, que sem dúvida merece uma dama à sua altura. Com certeza não eu, portanto.

— Ontem, quando disse a ela que estava vindo aqui, Lucrezia não teve coragem de falar comigo. Só depois que voltei do hospital, tarde da noite, me contou tudo — sussurra, parece quase querer se justificar. — Ultimamente voltou a ficar muito instável. Ela colocou na cabeça que eu a traio...

— Percebi — eu o interrompo, mas não sei se me mostro sarcástica como gostaria. Entendo que aquela mulher está vivendo um drama particular, mas agora não consigo perdoá-la. Não pode me pedir isso.

— Acabou tudo entre nós. — Leonardo me diz isso assim, de surpresa, eu tenho apenas que encontrar o espírito certo para absorver a novidade. Mas o momento não é dos melhores. Eu o olho com cara de pateta e ele continua, consciente de que me deve explicações. — Depois do que ela fez a você, tivemos uma briga violenta e ela foi embora de casa.

— Ah... — balbucio. Não consigo acrescentar mais nada.

— Quando voltamos a viver juntos, ficamos bem só por pouco tempo. A convivência não era mais possível, percebemos logo. Ela tinha virado uma pessoa desconfiada de um jeito obsessivo, sempre me acusava de ainda pensar em você. Dizia que você tinha me feito alguma coisa, uma espécie de feitiço, porque eu não era mais o mesmo. — Sorri, mas é um sorriso triste. — Eu respondia que ela estava louca e que tudo era culpa do ciúme doentio... Mas ela tinha entendido tudo muito antes de mim. O louco era eu.

Sua mão, agora, procura a minha, largada sobre o lençol. O contato com sua pele me provoca um leve estremecimento.

— Você sempre esteve dentro de mim, Elena. Só que eu entendi isso tarde demais.

O coração começa a bater no peito como um doido. *Me deixe sair daqui!* está gritando. *Isso é demais! Quero ir embora!*

— Pois é... Tarde demais — repito, com um nó na garganta, convocando todas as motivações que me levaram a odiar esse homem e a desejar que sumisse da minha vida. Ele não pode apagar assim de uma vez todo o mal que me fez.

— Elena... — ele continua, mas nesse momento a porta se abre e minha

mãe e meu pai invadem o quarto. Leonardo solta minha mão e fica de pé, se afastando.

O carinho deles me comove muito — o afeto incondicional dos pais, que não pede nada em troca — enquanto tento entender o que acabou de acontecer. Leonardo nunca me esqueceu. E como isso deveria me fazer sentir? Feliz? Ou ainda mais furiosa?

— Você está bem, filhinha? — choraminga minha mãe, pegando minha cabeça entre as mãos. — Está tão pálida.

Estou bem, mãe. É só que, sabe como é... Fui atropelada, primeiro por um carro e agora por uma declaração de amor com um ano de atraso.

Esboço um sorriso e tento dedicar toda a minha atenção a ela, deixando de lado o fato de que me chamou de "filhinha", uma coisa que, em outras circunstâncias, me deixaria uma fera. Meu pai está um pouco afastado e dá uma olhada discreta no intruso misterioso. Talvez eu deva apresentá-los. Mas como?

— Este é Leonardo, um... amigo meu. — Considero que é uma apresentação aceitável, no fim das contas. E ele entra no jogo, exibindo seu sorriso mais tranquilizador.

Que estranho ver Elisabetta e Lorenzo Volpe apertando a mão de Leonardo Ferrante! Quem diria que eu assistiria a uma cena dessas? Leonardo troca algumas palavras com eles e depois some discretamente. Antes de sair, porém, me dá um último olhar e um sorriso: querem dizer que ele ainda voltará.

Pouco depois também chegam Paola e Martino, e logo minha cama se encontra no centro de atenções e amor: a cada um que entra, tenho que contar como aconteceu o acidente (sem entrar em detalhes sobre a presença de Lucrezia), dizer como me sinto, recusar ofertas de comida, bebidas e gentilezas de todos os tipos. Quando acaba o horário de visitas e finalmente posso voltar a dormir, parece que participei de uma maratona exaustiva, apesar de não ter me mexido desta cama.

No dia seguinte tenho uma consulta com um médico alto e muito magro, o rosto com traços que lembram um cavalo. Primeiro verifica meus reflexos, depois se eu sofri lesões na retina, então começa a examinar as escoriações espalhadas por todo o meu corpo — braços, ombros e até na testa — e, enfim, dedica-se à minha perna. O tornozelo está inchado e cheio de arranhões. Ele o estuda, trata as feridas e depois o aperta numa nova

faixa.

— Quando vou poder andar? Logo, não é? — pergunto, ansiosa. Estou aqui há apenas dois dias e já não aguento mais. Eu me sinto mais numa gaiola do que numa cama.

O médico me explica que terei de usar uma espécie de bota ortopédica e caminhar de muletas durante cerca de três semanas. Mas, acrescenta, se eu me movimentar só o mínimo necessário será muito melhor.

Pronto, eu sabia. A prisão será longuíssima.

— Mas a senhorita pode se considerar uma pessoa de muita sorte. Poderia ser muito pior. — É um jeito estranho de me animar, mas eu o escuto. — De todo modo, daqui a dois, no máximo três dias poderá voltar para casa.

Essa sim é uma boa notícia de verdade.

Com o tornozelo enrolado feito um salame, não posso fazer praticamente nada, e, portanto, agora está aberta a questão de quem vai cuidar de mim. Meus pais têm certeza absoluta de que me levarão para Veneza, mas eu estou fugindo: não consigo nem pensar em passar quase um mês sozinha com eles, imobilizada, vítima do exagero culinário da minha mãe e dos relatos teatrais do meu pai.

Queria tanto ficar em casa com Paola, longe das obsessões de todos, mas ela está em Florença, num trabalho para o diretor dos restauros de Villa Medici, que parece querer me atacar mesmo a distância. E é claro que eu não posso ficar completamente sozinha naquele apartamento, não conseguiria nem subir as escadas.

Gaia não deu as caras. Não tenho notícias dela desde o dia do casamento e nem sei se ela soube do acidente. Minha mãe notou sua ausência, e que não falo nela há um tempo, e me perguntou o motivo. Então tive que lembrar a ela que está no exterior, dizendo-lhe que, mesmo assim, nós tínhamos nos falado por telefone. Sinto demais sua falta, mas não vou ceder à tentação de ligar para ela. E não recorrerei ao acidente para que sinta pena de mim. Ainda tenho a minha dignidade... Talvez.

É o último dia de hospital e estou desesperada: a ideia de ficar com minha família em Veneza me apavora, mas a esta altura a opção está se tornando perigosamente real. Eu quase preferiria continuar aqui com minhas companheiras oitentonas que quebraram o fêmur tropeçando no tapete da sala, ajudada por essas enfermeiras gentis e atordoada pelo

cheiro de clorofórmio, do qual já estou ficando dependente.

— Hoje você vai embora comigo.

São as palavras de Leonardo. E acredito que não as entendi direito. Veio me visitar todos os dias, depois que acordei. Mas não voltamos mais a tocar no assunto "o que aconteceu entre nós".

Eu o olho com ar interrogativo, talvez tenha ouvido mal.

— Estou voltando para Stromboli, onde nasci — ele me explica. — Tenho que fazer algumas pesquisas pro meu trabalho e, além disso, estou com vontade de respirar um pouco o ar de casa. Quero que você venha comigo, quero que passemos um tempo juntos.

Eu tinha entendido bem. Tento ganhar tempo: a proposta me parece absurda e incrivelmente atraente ao mesmo tempo.

— Bem, não sei... É que eu não seria bem uma companhia, mas um peso — eu o corrijo.

— Não tão pesado que eu não possa carregar até a Sicília — rebate ele, como se estivesse me pesando com o olhar.

— Você não está falando sério.

Mas está. Senta-se na cama e me encara, com aqueles seus olhos penetrantes aos quais não sei resistir.

— Você vai ficar encantada com a beleza de Stromboli, eu garanto. Além do mais, é o lugar ideal para descansar. E quando a perna estiver curada, você decide se vai embora ou se fica mais um pouco comigo.

— Escute, você não tem que se sentir obrigado a nada. Eu não quero sua piedade — digo, com uma chicotada de orgulho. Não entendo por que está me fazendo esta oferta que, instintivamente, me provoca desconfiança.

Ele não aceita a provocação — não mudou, só ele tem o direito de provocar — e faz carinho na minha testa, no ponto em que sei que tenho um pequeno machucado que está melhorando.

— Elena, esse é apenas um desejo *meu*. Ponto. Eu gostaria de ter você comigo. Pelo menos pense no assunto.

Eu penso. Penso a tarde inteira e a noite também, sem chegar a uma conclusão. Ir para Stromboli com Leonardo é uma ideia louca, tão louca que me atrai fortemente. Passei o último ano tentando esquecê-lo, e agora, como é natural, meu lado racional se faz presente, opondo uma lista enorme de objeções: eu ficaria completamente dependente dele e isso me deixaria desconfortável. E, depois, que relação haveria entre nós? O que

seríamos? Amigos que tomam conta um do outro? Amantes? Enfim, o que Leonardo quer de mim e o que significaria para nós essa viagem?

Na manhã seguinte, no momento da minha alta, ainda não me decidi.

Meus pais chegam para me buscar e já estou com dor de cabeça depois de alguns minutos do habitual roteiro filha doente-pais apreensivos: como me sinto? Já tomei café da manhã, não é? Não esqueci nada no armário?

— Tome — diz minha mãe, me dando algo embrulhado em papel-alumínio que exala um inconfundível cheiro de torta de fruta. — Fiz hoje de manhã. Paola foi muito gentil em me deixar usar o fogão.

— Obrigada, mãe, mas já disse: eu já comi. Aqui no hospital existe esse estranho costume de oferecer comida aos doentes.

— Nem um pedacinho?

Ela não se toca.

— Não, mesmo. Mas obrigada pela preocupação.

— Pequeno?

Pronto, é nesse exato momento que tomo a decisão. Três semanas dessa regressão à infância, dessas doses cavalares de carinho poderiam me matar. Na melhor das hipóteses eu sairia de lá com 20 quilos a mais e um esgotamento nervoso. Agora, de repente, está claro o que devo fazer.

— Escutem, tenho que dizer uma coisa a vocês...

Os dois se viram para mim, ouvindo com a máxima atenção. Respiro fundo e procuro o tom mais gentil que sou capaz de fazer.

— Não vou voltar para Veneza com vocês.

— Hein? — fazem ao mesmo tempo.

— Leonardo, aquele amigo que apresentei a vocês, me convidou pra me recuperar na casa dele em Stromboli e eu estou pensando em aceitar.

— Mas... Tem certeza? E quem vai tomar conta de você? — pergunta minha mãe.

— É uma pessoa de confiança? Há quanto tempo o conhece? — meu pai faz eco.

Respondo a todas as perguntas deles do modo mais tranquilizador que posso. É claro que eles ficaram mal, acho que estavam gostando da ideia de me ter um pouco em casa com eles, mas são respeitosos demais para tentarem se opor. Superprotetores sim, indiscretos de jeito nenhum.

Assim, o casal Volpe se resigna a voltar para a Laguna sem a filhinha. Eu os abraço forte, e repito a eles que vou ficar bem e que não devem se preocupar comigo. Sinto-me estranhamente tranquila, agora que a decisão

foi tomada.

Depois que foram embora, pego meu telefone na mesinha de cabeceira e digito aquele número para o qual não discava há tanto tempo.

— Oi, sou eu... Sua proposta ainda está de pé?

7

A aurora se dissolve devagar, dando lugar ao dia, numa imensa extensão de azul. Acima, o céu ainda manchado de vermelho e, abaixo, o mar, que se torna azulão intenso.

Embarcamos em Nápoles e viajamos a noite toda. Agora estamos aqui, no convés deste navio, com a luz fraca das primeiras horas da manhã dando bom-dia aos nossos olhos ainda sonolentos e, lá longe, cada vez mais perto, a ilha de Stromboli: é uma atração poderosa, à qual já sinto que não poderei resistir.

Uma semana se passou desde o acidente e ainda tenho que me acostumar com a atadura, com essa perna que arrasto quase como um peso morto. Continuo sentindo fisgadas fortíssimas, mas os médicos me garantiram que daqui a cerca de 15 dias estarei curada. Enquanto isso, estou aprendendo a usar as muletas, mas isso se revelou uma tarefa mais difícil que o previsto — uma experiência quase pior que tirar a carteira de motorista: a todo instante corro o risco de perder o equilíbrio e trombar com alguma coisa.

Mas não estou sozinha. Leonardo está comigo, seu corpo firme e musculoso é meu apoio toda vez que preciso.

Ainda não sei qual é o motivo mais profundo que me incentivou a viajar com ele: não deveria tê-lo escutado, sei muito bem; mas, sim, ter oposto a mais determinada resistência à proposta de um homem que já partiu meu coração uma vez. Foi um impulso, um salto no escuro, feito, talvez, num momento de fraqueza, quando me senti mais vulnerável. Eu deveria ter preservado o espaço que consegui colocar entre nós nos últimos meses. Ainda assim, o desejo de saber o que aconteceria levou a melhor. Como sempre, quando Leonardo está envolvido, consigo me surpreender com as minhas decisões: a vida parece escapar das minhas mãos, dominada por uma força incontrolável.

Talvez saiamos devastados desses dias juntos, talvez construamos um novo equilíbrio, mas a esta altura não faz mais sentido me perguntar: eu tenho apenas que viver essa aventura. Já escolhi, e a consciência de não ter mais nada a perder me deixa leve.

Agora Leonardo está do meu lado nos assentos do convés, sua mão apoiada na minha nuca, estabelecendo um contato, uma intimidade que não esqueceu.

Desde que saímos de Roma, as distâncias entre nós se encurtaram aos poucos, com os gestos e com as palavras. No início foi uma questão de necessidade, já que com essa perna inútil precisei muitas vezes de um apoio. Mas com o tempo ficou tudo mais natural e espontâneo, como se nossos corpos tivessem guardado a memória um do outro.

Durante a travessia, esta noite, conversamos muito. Foi estranha a intimidade e a vontade de compartilhar que senti: começo a acreditar que entre nós existe algo além dos limites de uma relação comum do dia a dia. Tenho que me resignar, aceitar que é assim.

Leonardo quis saber tudo dos últimos tempos e eu lhe contei tudo dos recentes meses de loucuras, noites intensas e amantes inúteis. Fiz isso com prepotência para fazer com que ele enxergasse a minha liberdade — ele tem que saber que segui em frente sem ele — e, no fundo, com a esperança de que ele pudesse sentir ciúme. Ele, porém, limitou-se a me olhar com um meio sorriso sem dizer nada. Ele é um mistério.

Enquanto eu falava, tinha consciência de que estava omitindo dele uma parte importante da história: como posso lhe dizer que a última vez que senti um orgasmo foi com ele? Que as minhas aventuras foram, na verdade, um passatempo frustrante?

Então, no fim, mudei de assunto com naturalidade (espero) e comecei a fazer perguntas sobre o trabalho dele. Leonardo me confessou que quer escrever um livro de receitas inspiradas em sua terra e é por isso também que está voltando a Stromboli, para redescobrir os sabores de sua infância, os segredos da tradição da ilha. E foi naquele momento que estive a ponto de perguntar se Lucrezia sabia que a companheira de viagem de seu marido era eu. Mas expulsei o pensamento.

Uma brisa leve e penetrante está tocando meu rosto. Dá uma sensação de plenitude percebê-la no cabelo, respirar a maresia: estou pronta para gravar para sempre na minha memória as imagens de Stromboli, formas que seduzem, cores que deslumbram. Começo a entrever uma fileira de casinhas brancas, que daqui parecem muitos cubos pequenos um ao lado do outro, depois reconheço o porto e a faixa de areia preta. Mas, acima de tudo, desponta *ele*, aquele gigantesco cone de terra cinza que ameaça o céu, cuspindo nuvens de fumaça.

Eu me viro para Leonardo, com os olhos cheios de gratidão e admiração.

— O vulcão faz sempre isso?

— *Iddu*? — Sorri, indicando-o com o queixo. — Nós o chamamos assim aqui — explica, satisfeito. — Em Stromboli é ele que manda, mas é um gigante bom.

— Pra falar a verdade, dá um pouco de medo. — Transmite uma energia poderosa e selvagem, que nos faz sentir infinitamente vulneráveis.

Leonardo me tranquiliza, fazendo carinho na minha cabeça.

— Olhe — aponta o dedo indicador para o céu —, agora é como se estivesse nos dando boas-vindas. Toda aquela fumaça é seu jeito de nos receber. Ele faz isso mais ou menos de hora em hora: dá uma tossida, só para nos lembrar de que está ali, calmo, mas vivo.

— Pode ser... — Levanto as sobrancelhas, ainda desconfiada. Não me convenceu.

— Confie, você vai aprender a conhecê-lo e, no fim, vai amá-lo.

É um dia do início de maio que tem cheiro de verão e férias. A ilha me chama, abrindo seus braços de terra. Mas será que eu estou pronta para ser acolhida? O que espero encontrar aqui? Virei outra pessoa, nesses meses, uma Elena independente, avessa aos relacionamentos, em luta contra o mundo e pronta a tudo para não sentir o vazio que traz dentro de si. Mas devo depor as armas se quiser aproveitar esses dias aqui, aceitar que posso depender de alguém, e que este alguém seja Leonardo.

Quando desembarcamos, todas essas reflexões parecem se dissolver e uma tranquilidade profunda me atravessa. As batidas do coração diminuem o ritmo e a mente fica mais leve. Respira-se um ar diferente, um ar fino que tem cheiro de flores e incenso. Tenho a impressão de estar fora do tempo e do espaço, onde minhas ânsias e meus medos não têm um terreno fértil para germinar.

— A casa não é longe daqui — diz Leonardo, arrastando minha mala com uma das mãos e, com a outra, segurando sua bolsa amarrotada. — Mas é claro que não podemos ir a pé.

— Você está me dizendo que tenho que subir numa dessas geringonças? — Na nossa frente está alinhada uma série de velhos Ape Car[2] coloridos.

— Não há carros aqui. — Abre os braços e deixa escapar uma careta divertida, esticando as pequenas rugas de expressão ao lado dos olhos. Aqueles olhos que conservam uma luz tão misteriosa, até quando riem.

— Bom começo... — comento, um pouco ácida, enquanto penso em

como vou conseguir entrar no Ape Car sem me machucar muito.

— Mas você está com sorte. Até pouco tempo atrás, aqui as pessoas só viajavam de burro — observa ele, colocando as malas no bagageiro. Consigo perceber perfeitamente os músculos dos braços debaixo da camiseta. Então dá uma nota ao nosso motorista, um homenzinho magro com a pele escura queimada de sol, que lhe agradece com um sorriso desdentado. O nome dele é Giuseppe e acho que se conhecem, porque eu os ouço trocar algumas palavras num dialeto siciliano que, para mim, poderia tranquilamente ser árabe.

Depois de arrumar as malas, Leonardo cuida de mim e, pegando-me nos braços, me coloca, como se eu também fosse uma bagagem — uma bagagem delicadíssima —, no espaço de trás do Ape, equipado com dois assentos macios de espuma de borracha.

— Para Piscità? — Giuseppe pergunta, antes de dar a partida. Bem, pelo menos entendi o nome do lugar.

— Sim. A casa continua lá — Leonardo responde. Tenho a impressão de que seu sotaque se modificou levemente, adaptando-se à cadência local.

Giuseppe pisa fundo no acelerador e corre a toda velocidade pelo labirinto de ruelas com uma desenvoltura preocupante. Viajar no Ape é como dar uma volta num disco giratório, o que não é a melhor coisa do mundo para a minha perna machucada.

O povoado está quase deserto. Até porque estamos na baixa temporada e a invasão dos turistas ainda deve começar. Por toda a parte reina um silêncio raro e um perfume inebriante me persegue sem dar trégua. E, além disso, as flores de hibisco e bougainvíllea, os cactos, os oleandros, os limoeiros, a areia preta e as casas brancas, e esse vento doce que chega direto ao coração... O caos de Roma e a gritaria de Veneza são apenas lembranças desfocadas.

Enquanto nos aproximamos da casa de Leonardo, por um instante parece que revivo uma cena, em cores vivíssimas, porém, do filme *Stromboli, terra de Deus*, a obra-prima de Rossellini com Ingrid Bergman como protagonista. Agora me sinto um pouco como ela, Karin, uma refugiada — estrangeira junto com um homem que nasceu em Stromboli: o dela, Antonio, um marido ciumento e opressor; o meu, Leonardo... Por um segundo a comparação entra em curto-circuito. Quem é Leonardo para mim, agora?

Não há pressa para encontrar essa resposta, Elena, digo a mim mesma,

enquanto penso que, embora tenha se passado mais de meio século desde que rodaram o filme, aqui nada parece ter mudado.

Nós nos despedimos do nosso motorista na esquina da rua. Depois Leonardo me leva até a casa. É uma construção antiga, com a aparência de estar aqui há um tempo infinito. Como as outras moradias da ilha, é toda branca com as esquadrias pintadas de azul.

Leonardo para em frente ao portão e a observa, quase em contemplação.

— Foi aqui que nasci e cresci. Não mudou nada desde que fui embora.

— Há quanto tempo você não voltava?

— Há anos, mas na verdade é como se uma parte de mim sempre tivesse ficado aqui, grudada neste lugar. — Passa a mão no muro áspero, como se quisesse restabelecer um contato com um animal adormecido.

Então abre o portãozinho e atravessamos o jardim, onde entre alguns limoeiros está uma antiga árvore de romãs. Paro para observá-la, enquanto Leonardo transporta nossa bagagem para a frente da escada da entrada.

— Vamos nos acomodar no primeiro andar, assim você sempre poderá ver o mar do terraço — ele me diz.

Olho a escada íngreme de pedra, desesperada.

— Perfeito! — exclamo, com um sorrisinho sarcástico. — Eu e minha perna agradecemos.

Sem achar que eu mereço nem um olhar, nem uma palavra, Leonardo arranca minhas muletas, encosta-as no murinho que cerca a casa e me pega no colo. Em seus braços firmes me sinto leve como uma criança, mas a essa altura estou quase acostumada a ser levada por ele desse jeito. Agarro-me ao seu pescoço e aproveito o passeio, enquanto degrau após degrau um panorama de tirar o fôlego se revela diante dos meus olhos.

Ao chegarmos ao topo, Leonardo dá um chute fraco na porta entreaberta. Noto que no umbral está pintada uma espécie de coração azul coroado por uma cruz — será que é uma folha estilizada?

— Que bonito! Mas por que um coração? — Aquele símbolo estranho me deixa curiosa, tem um quê de primitivo e sagrado.

Ele sorri.

— Não é um coração. É uma alcaparra, o símbolo da ilha — explica, enquanto entramos. — Esta noite você provará as verdadeiras alcaparras de Stromboli, vai achar que nunca comeu uma antes.

Estamos numa cozinha espaçosa e com perfume de especiarias, sem dúvida o coração da casa, com uma mesa no meio e poucos móveis antigos, escuros e sólidos, encostados às paredes brancas. Num canto, uma grande lareira escurecida pelo uso. Sinto na pele uma sensação agradável de frescor: estes muros grossos de pedra viva isolam e protegem do mundo lá fora.

Leonardo me acomoda numa cadeira de palhinha.

— Vou pegar o resto das coisas.

— Espero você aqui. — Até porque, sem muletas, não conseguiria dar um passo.

Olho ao redor, curiosa. Além da lareira há um velho forno a lenha, que acredito que ainda funcione. E na minha frente, do lado de fora, um terraço com arcadas e alguns bancos de alvenaria pintados de azul.

Depois de alguns instantes, Leonardo reaparece com as malas. Está acompanhado por uma mulher idosa, pequena e um pouco encurvada, com os cabelos grisalhos recolhidos num coque.

— Esta é Nina — ele a apresenta, alguns passos à sua frente. — Foi ela quem arrumou tudo para nossa chegada.

A mulher vem em minha direção. Tem um rosto diferente, os olhos pequenos de um azul intenso, a boca fina, a testa riscada pelas rugas. Duas argolas de ouro amarelo pendem de suas orelhas, alongando-as vistosamente.

— Prazer. — Aperta minha mão nas suas, duras e enrugadas.

— O prazer é meu. Elena. — Tento me levantar da cadeira, mas não consigo calibrar o impulso e cambaleio um pouco.

— Fique à vontade, não se canse — diz ela, com uma voz infinitamente doce.

— Nina era minha babá — explica Leonardo. — Foi ela quem me criou.

— Como esse *picciriddu,* esse menino, aprontou*.* — A mulher o olha com olhos cheios de amor maternal. — Era como o vento, impossível mantê-lo parado!

Sorrio. De algum jeito ainda é assim.

— A senhora sempre viveu aqui, em Stromboli? — eu quero saber.

— Sim — responde, tranquila, como se morar nesta ilha isolada fosse a coisa mais natural do mundo.

— E não tem medo do vulcão? — pergunto.

— *Iddu* é como um deus, faz o que quer... Mas as pessoas daqui não o

temem.

— Tenho que aprender com os habitantes, então.

— É só não pensar nele — ela me tranquiliza, resumindo numa única frase toda a sabedoria e o fatalismo dos sicilianos. Depois se dirige a Leonardo: — Vou cuidar de alguns serviços. Quando precisar, sabe que estou aqui.

— Obrigado, Nina — ele se despede dela com um beijo carinhoso na bochecha.

Depois de ter almoçado e descansado por algumas horas, saímos ao enorme terraço para aproveitar a luz do céu pouco antes do pôr do sol. Uma fileira de colunas brancas sustenta uma pérgula envolvida por maravilhosas flores de bougainvíllea rosa. Nós nos sentamos num dos bancos e daqui observamos o mar, deixando que o vento leve acaricie nossa pele.

— Nina mora sozinha, algumas casas mais para lá — explica Leonardo, levantando o queixo na direção do povoado.

— É muito doce — digo. — Foi ela mesmo quem criou você?

— Foi. — Sorri, como se outras lembranças tivessem feito cócegas nele. — Meu pai era cordoeiro e vendia suas redes aos pescadores, enquanto minha mãe trabalhava como costureira. Eles me deixavam o dia todo com Nina e ela me levava para passear na ilha para colher as alcaparras, ou eu ficava horas inteiras olhando-a cozinhar. Os homens de sua família eram todos pescadores, como a maior parte dos moradores da ilha, e sempre havia peixe fresco na casa deles.

— E assim nasceu sua paixão pela comida, não é?

— Acho que sim. Era um espetáculo olhar Nina. Eu a considerava uma espécie de feiticeira e queria com todo o meu coração ser seu pequeno aprendiz para conhecer todos os seus truques secretos. — Ele aponta a romãzeira no jardim, abaixo de nós. — Está vendo aquela árvore? Quando dava frutos, minha mãe os colhia e os levava para ela. Ela fazia um licor ótimo com eles, o melhor que eu já provei. Meus pais não queriam que eu o bebesse porque ainda era uma criança, mas ela me dava às escondidas de vez em quando.

Estou hipnotizada pelas suas histórias. Leonardo nunca me falou de si com tanta naturalidade e queria que não parasse mais. É como se tivesse se soltado de repente.

— E onde estão seus pais? — arrisco.

— Os dois ficaram doentes e morreram — diz, e por um instante fica sombrio. — Há sete anos, um, e, pouco tempo depois, o outro.

Entre nós cai um breve silêncio, então Leonardo me indica lá longe um recife cor de âmbar que se ergue solitário e imponente não muito distante da margem.

— Está vendo aquela rocha? É chamada de Strombolicchio.

Sorrio por causa do nome engraçado.

— Era um vulcão — explica Leonardo. — De acordo com a lenda seria a tampa de Stromboli, lançada ao meio do mar há milhares de anos durante uma erupção violenta.

— E não se poderia colocá-la de volta em cima dele?

Leonardo sorri, balançando a cabeça.

— Aquilo no topo é um farol? — pergunto, então, apertando os olhos.

— É. Até os anos 1950 o faroleiro o controlava à mão. Agora funciona por energia solar.

— E podemos subir nele?

— Você iria gostar, não é? — ele me provoca, cúmplice.

— E como! — concordo.

— Há uma escada de pedra pequena, com mais de duzentos degraus, que leva do mar até lá em cima — ele me explica, então encosta seu rosto no meu e sinto uma espécie de nó se apertando no estômago. — Se estiver disposta...

— Eu contava que você me levasse no colo — eu mexo com ele, sorrindo.

Seus olhos se fixam nos meus por um instante.

— Pode esquecer. — Depois, de repente, me envolve com seus braços fortes e eu me vejo encostada em seu peito, suas mãos entre os cabelos, sua respiração quente em mim.

Não tínhamos ficado tão próximos, não ainda. Mas num instante me dou conta de que nada mudou, de que estou bem aqui como em nenhum outro lugar. Relaxo os músculos e sinto o cheiro. Amo seu perfume.

Leonardo acaricia minha nuca, tocando-a com os dedos.

— Desde que a vi de novo no hospital quero beijá-la — ele sussurra no meu ouvido. — E agora estou quase fazendo isso, estou avisando. — Pega minha cabeça nas mãos. — Se tiver alguma coisa contra, pode dizer. — Aproxima-se da minha boca. — Mas acho que não vou parar. — Seus

lábios tocam imperceptivelmente os meus, quase por acaso. Mesmo se eu quisesse me opor, não conseguiria. Estou paralisada pelo desejo. Leonardo segura meu queixo nas mãos como um fruto a ser saboreado, começa a morder meus lábios delicadamente, depois abre os seus, deixando-me provar um pouco da sua língua. Ele se entrega e se retrai, num balé que me tortura. Enfim, irrompe na minha boca, inundando-me com seu gosto quente e úmido. Eu o recebo e depois correspondo: com a língua, com os lábios, com os dentes.

Eu desejava esse beijo com todas as minhas forças. Só não queria admitir isso.

Leonardo me afasta levemente para procurar meus olhos e passa o polegar em meus lábios.

— Morri de saudades de você, Elena.

Depois beija meu nariz, meu pescoço, meus ombros. Sinto sua barba nas minhas bochechas, seu brinco encostando no meu pescoço, seu perfume nas narinas, os cabelos grossos na minha pele: sensações novas e familiares, um contato que me desperta.

— Venha, vamos entrar. — Ele me oferece a mão. E não tenho como recusar.

Neste instante, o sol toca a superfície da água, queima o céu com todos os tons de vermelho e de rosa. O último raio de sol está atrás de nós, e, enquanto se afoga no mar, nós, abraçados, caminhamos com passos pequenos em direção à nossa primeira noite juntos.

Eu o espero, sentada na cadeira de sempre, enquanto ele toma banho. Eu não posso tomar um banho completo até tirar essa atadura, e serei obrigada a me lavar aos poucos, com algumas acrobacias. Mas não vejo a hora de tirar essa roupa suada e de estar na cama junto com Leonardo. Esta espera, porém, torna tudo mais doce e excitante.

Pronto. Não ouço mais a água cair. Agora ele deve estar saindo do chuveiro, passando uma toalha no corpo todo, sacudindo barba e cabelo, e depois a enrolará na cintura. Ele vai se olhar no espelho, sorrindo, seguro, e borrifará uma gota do perfume habitual, aquele de âmbar. Colocará o chinelo de dedo de couro e, de peito nu, atravessará o corredor assobiando.

Ainda não consigo acreditar, mas está acontecendo. Seus passos ressoam no chão.

Leonardo aparece na porta, uma estátua grega em carne e osso. Vem ao meu encontro e, sem dizer uma palavra, me pega no colo.

— Aonde está me levando? — pergunto.

— Ao banheiro, é a sua vez — responde, com a maior naturalidade do mundo.

— Eu posso ir sozinha! — protesto.

— Eu sei, mas se eu ajudá-la é mais divertido.

Ele me coloca ao lado da banheira e abre a água, esperando que se encha. Enquanto isso, tira meu vestido de algodão, passando-o pela cabeça. Fico de calcinha e sutiã, e sinto um pouco de vergonha: meu corpo me parece estranho, desproporcional, com uma perna diferente da outra, e me sinto desajeitada nos movimentos.

— Você é linda, Elena — ele me sussurra, acariciando-me com o olhar.

Ele me beija na boca e, deslizando as mãos nas minhas costas, desabotoa meu sutiã, depois agarra minhas nádegas e tira minha calcinha devagar. Confere a temperatura da água com o dedo, então me levanta e me coloca na banheira cheia, deixando a perna enfaixada para fora. Assim que ele me mergulha, todas as tensões desaparecem num instante.

Leonardo fecha a torneira e, com uma esponja natural cheia de óleo perfumado, começa a massagear delicadamente meu pescoço, meu peito, minhas costas. Fecho os olhos e sinto apenas suas mãos em mim, suas mãos que cuidam de mim. Estou sentada nesta banheira, e estou me entregando. Não existe mais dor, não existe mais agonia e meu corpo machucado volta a pulsar.

A água cheirosa escorre leve sobre a pele. A esponja, em suas mãos experientes, demora-se nos seios, desenha espirais ao redor dos mamilos, depois escorrega pela barriga, pelas pernas e enfim volta a subir, em direção ao meu sexo. Leonardo continua a esfregar entre minhas pernas: é um toque macio e delicado, que, porém, tem o poder de provocar um incêndio. Arregalo os olhos e encontro os seus, reconheço o desejo em seu rosto, as pupilas dilatadas, o olhar ávido e o sorriso sensual. Coloca a esponja na minha mão e a leva aos seios, convidando-me a massagear, depois volta com os dedos entre as minhas pernas, acariciando e estimulando, até uma onda líquida se dissolver em meu ventre e seus dedos desejosos se enfiarem em mim, dando voltas. Só ele sabe como me fazer gozar.

Eu me agarro às bordas da banheira, satisfeita por aquele prazer que

me invade, enquanto nossos olhares ficam enlaçados, numa excitação crescente.

Leonardo morde os lábios, em seus olhos leio desejo puro, então se inclina na minha direção, me beija e me ajuda a sair.

Ele me enrola numa toalha, me leva para o quarto nos braços e me coloca na cama. Eu agarro sua cintura com as mãos e, afastando sua toalha, começo a beijar a área em volta da virilha, onde a pele é esticada e dura. Depois, com um gesto decidido, arranco sua toalha, deixando sua ereção à mostra. Começo a beijá-lo e a lambê-lo na ponta com a mesma naturalidade com a qual ele me beijou há pouco, no terraço. Os músculos de suas nádegas e de suas pernas se contraem. É um feixe de nervos. Finalmente abro os lábios e o pego na boca, saboreando seu gosto bom, de flores selvagens e, me parece, de mar. Minha boca gruda em sua pele, se mexe para a frente e para trás, a língua acaricia a glande para, depois, lamber seu pau todo.

Leonardo solta um gemido profundo, arqueia as costas e entra inteiro em mim. Então, de repente, sai.

Ele me ajuda a me deitar e só agora noto um enfeite de conchas no teto que ressoa no quarto com o sopro do vento.

Leonardo vem para o meu lado, beija meu cabelo, meu rosto, meus seios. Sua barba faz cócegas na minha pele e, por um instante, tem o poder de me distrair dos meus pensamentos. Não tenho certeza se vou conseguir me entregar, estar em seus braços como no passado. Tenho essa sensação terrível: mas agora não há espaço para dúvidas, agora só existe a sua boca nos meus mamilos, chupando com força, como se estivesse bebendo um néctar delicioso. Depois procura a mancha em forma de coração que tenho embaixo do seio esquerdo.

— Ah, ainda está aqui — diz, dando um beijo leve nela. E continua me beijando por uma linha imaginária que atravessa minha barriga e chega até a virilha. Eu me abro para dar acesso aos seus lábios e à sua língua, que logo inflamam meu sangue, aceleram meu batimento cardíaco, me molham de desejo. Leonardo geme, seu corpo transmite uma espécie de vibração sutil que me faz ecoar de prazer.

Depois volta a me beijar na boca — está com o meu gosto, do meu prazer — e se insinua no meio das minhas pernas, enlaçando-as em seus quadris. Sinto seu sexo tocar o meu.

— Agora, Elena, vou fazer amor com você — ele me sussurra. —

Porque só posso me render ao meu desejo — e, enquanto isso, me penetra devagar. — Eu te quero. Todo o resto não importa.

Sensação sublime, que eu quase tinha esquecido. Nossos corpos se encaixam perfeitamente. Ele pressiona dentro e fora, primeiro lentamente, depois mais rápido. O silêncio do quarto é quebrado pelas nossas respirações agitadas, que se sobrepõem a tudo: ao ruído do vento, à voz do mar, aos resmungos do vulcão, ao tilintar do móbile.

Leonardo está dentro de mim e é tudo o que eu desejava, ainda assim percebo que não será tão fácil voltar a gozar. Minha respiração acelera, meu corpo estremece, mas não consigo reencontrar aquele prazer profundo perdido há tempos.

— Se entregue pra mim, Elena. Não pense em nada...

Eu tento, mas não consigo. Estou travada, inibida, presa num corpo e numa alma que não sou capaz de fazer vibrar como gostaria. Ainda há um vestígio de dor no meu coração e isso me faz mais mal que essa perna doente: dor que sufoca meus sentidos e me impede de gozar.

Todos aqueles amantes, todas aquelas aventuras de uma noite não serviram para nada, a não ser para me ensinar a fingir. E é isso que me resigno a fazer, já derrotada. Finjo por ele, pelo seu prazer, para lhe dar o que não sei mais experimentar.

Sinto seu orgasmo subindo. Está quase gozando. Suas mãos apertam com força em volta dos meus braços e seus movimentos ficam mais rápidos. Dá um último e poderoso impulso, depois sai de repente e goza sobre meu peito, soltando um grito rouco. E desaba ao meu lado.

Respiro profundamente, como se quisesse desatar o nó que prende minha garganta. Não tenho força para dizer nada e minha cabeça está cheia de pensamentos. Talvez eu tenha conseguido, talvez ele não tenha percebido, talvez eu tenha disfarçado bem o suficiente para fazê-lo acreditar que eu também estava lá com ele.

Leonardo vira-se para mim e me olha como se quisesse me estudar a fundo.

— Você não gozou — sentencia, como se estivesse me dizendo qual é a cor dos meus olhos.

— Claro que sim, do que você está falando?

— Elena, eu conheço seus orgasmos — declara, passando um dedo no meu rosto. — E aquilo lá não foi um orgasmo verdadeiro. — Em suas palavras não há repreensão, mas é o suficiente para meu rosto ficar

imediatamente vermelho.

Leonardo não é como os outros. Eu deveria saber isso. Com ele não se pode fingir.

— Talvez eu só esteja cansada — tento me defender. — Deve ter sido a viagem ou essa atadura que me limita tanto... — Eu queria continuar, encontrar outras justificativas para ocultar a verdade que é difícil demais admitir.

Mas ele me cala.

— Shhh. Venha aqui. — Ele me puxa para si e, virando-me, encosta o peito nas minhas costas. — Está tudo bem. Você não tem que dizer nada.

Eu me abandono em seu abraço com gratidão e fecho os olhos. Sinto sua respiração tocar minha nuca e o calor de seu corpo se fundir com o meu. Fico assim, em silêncio, deixando-me ser ninada pela melodia das conchas que se tocam acima das nossas cabeças, esperando que o sono venha me buscar.

Não está tudo bem. Quase nada está bem, para dizer a verdade. A não ser este abraço.

2 Carro de três rodas fabricado originalmente em 1948. (N.T.)

8

Stromboli é toda natureza e cores primárias. Se eu estivesse com meus instrumentos de trabalho, enlouqueceria recriando o preto total da terra, a tonalidade luminosa de azul do mar, o branco absoluto das casas. Esta ilha já realizou seu primeiro milagre: fez voltar em mim a vontade de pintar, um desejo irresistível de brincar com os olhos e com as mãos, de sujar a roupa e a pele de tinta, de sentir o cheiro da pintura fresca. Achava que o tivesse perdido para sempre: mas agora revive em mim, mais forte que antes.

Já estamos aqui há uma semana. Dia após dia estou aprendendo a conhecer a ilha: os resmungos da terra, os perfumes das flores, o silêncio total, a falta de luz elétrica pelas ruas... É uma experiência única andar à noite no escuro, iluminados somente pelo clarão da lua e pelos lampejos do vulcão. Stromboli é outro mundo, um mundo pelo qual sou atraída e constantemente surpreendida, exatamente como sou por Leonardo.

Agora o estou esperando no terraço.

O sol está alto e a superfície do mar é uma trama espetacular de escamas douradas. Faz muito calor, mas é um calor agradável, não o calorão que imagino que se sofra aqui em agosto, e uma brisa leve faz cócegas na minha pele.

Hoje de manhã Leonardo saiu muito cedo.

— Vou visitar os pescadores no porto — ele me sussurrou no ouvido, enquanto eu ainda estava meio dormindo.

Não lembro se fui beijada, mas mesmo se ele tivesse feito isso, não deve ter ido além do rosto. Agora é certo: Leonardo está me evitando, depois da nossa primeira e única noite de amor. No dia seguinte, um pouco constrangida, eu confessei a ele que a minha dificuldade para chegar ao orgasmo com certeza não era eventual, mas eu a carregava comigo há um tempo. Desde que terminamos, para dizer a verdade. Ele não me pareceu especialmente preocupado. Limitou-se a me tranquilizar, beijando-me na testa:

— Tudo vai ficar bem, não pense muito nisso. — Depois mudou de assunto.

Desde então, porém, além de não transarmos mais, tenho a clara impressão de que me tornei quase indiferente para ele: só me toca de um jeito quase fraternal, e parece completamente imune às minhas tentativas

de seduzi-lo. Será possível que não goste mais de mim de repente? Que a minha impossibilidade de gozar esteja acabando com o desejo dele também?

Não tive coragem de perguntar, antes preciso estudá-lo um pouco, para entender se realmente não está mais atraído por mim ou se é apenas um de seus jogos cruéis nos quais eu, como sempre, sou somente uma peça. E essa estranha indiferença entre nós se transformou numa espécie de desafio silencioso que eu aceitei, apesar de não entender totalmente seu significado.

A única certeza que tenho, infelizmente, é que não me cansei nem um pouco dele. Eu o desejo cada vez mais, a cada dia que passa, e Leonardo parece me provocar de propósito, andando pela casa sem camisa, uma espécie de Netuno de bermuda e chinelo de dedo, com a pele dourada de sol, a barba e os cabelos rebeldes e com cheiro de mar e aqueles olhos que parecem abismos. A ilha expôs com prepotência toda a sua sensualidade, e eu me vejo constantemente tendo que reprimir o instinto incontrolável de abraçá-lo, de tocá-lo e fazê-lo meu. Se não se tratasse dele, eu já teria feito isso: aprendi a ser muito direta com os homens, a tomar a iniciativa sem pensar demais e sem ficar na paranoia sobre quem deve se aproximar primeiro. Mas com ele não pode ser tão simples assim: entre nós há uma linguagem de sedução muito mais complexa, mensagens a decifrar e estratégias a inventar.

A coisa mais contraditória é que, apesar de se negar fisicamente, ele vem sendo mais carinhoso que o normal nos últimos dias. Cozinhou todos os tipos de gostosuras para mim, com os ingredientes que essa terra oferece, me tratando com os cuidados de um convidado de honra. Ontem, por exemplo, voltou de um de seus passeios diários de exploração gastronômica com um presente para mim. Eu não esperava aquilo, Leonardo não é exatamente o tipo de pessoa que sai e volta para casa com um presente. Abri o saquinho de cetim branco e encontrei uma tornozeleira de prata maravilhosa.

— É uma criação de Alfio, um artesão daqui. Eu o conheço desde que éramos crianças — ele me explicou com um sorriso satisfeito, prendendo-a no meu tornozelo esquerdo. Enquanto fazia isso, senti um incêndio explodir dentro de mim. Então fez carinho na minha panturrilha e se inclinou para beijar meu peito do pé. Desabei: um enxame de arrepios quentes subiu entre minhas pernas, me acendendo de um desejo úmido

que não pude controlar. Eu achava que Leonardo iria continuar, que aquele beijo era a introdução a algo mais, mas não, ele se afastou de mim, deixando-me insatisfeita e um pouco confusa. Por que se diverte me torturando desse jeito?

Não sei quanto tempo mais vou resistir, penso, enquanto tiro a toalha de praia do varal. Depois vou à cozinha e preparo um suco de laranja e limão. As frutas cítricas recém-colhidas têm um gosto delicioso e eu, que sempre tive certa aversão por elas, agora não consigo viver sem.

Alguns minutos depois Leonardo chega, segurando uma rede da qual sai um amontoado sem forma de algas e espinhos.

— Ouriços-do-mar recém-pescados — diz, todo satisfeito, colocando o volume na pia.

Eu me aproximo e observo o conteúdo, curiosa.

— Estão fresquíssimos — continua, orgulhoso, remexendo-os na água da pia. — Foi Gaetano que me deu.

— O cara daquele dia? — pergunto, lembrando-me do encontro com aquele homem grisalho, os cabelos até os ombros, a barba cinza crespa e as mãos grandes que entrelaçavam redes de pesca.

— Ele mesmo — Leonardo concorda com um sorriso. — Gaetano é o filho de Nina, é pescador desde que tinha 10 anos.

— Olhando-os assim não parecem muito apetitosos — digo, observando-os um pouco desconfiada. Têm o tamanho de uma bolinha de tênis e são cobertos por uma infinidade de espinhos ameaçadores.

Ele me olha espantado:

— Você nunca provou? Não acredito!

Balanço a cabeça.

— Mas uma vez foi um ouriço-do-mar que me provou. Na Ligúria, eu tinha uns 14 anos. Doeu muito.

Ele sorri.

— Esta noite você terá uma experiência muito mais agradável com os ouriços. — É um anúncio que soa como uma proposta indecente. Ou talvez seja apenas o que eu quero ler nele.

— Não vejo a hora — é o que consigo responder, enquanto sinto sua mão percorrer minhas costas, deslizar sobre a saída de praia de seda e parar pouco acima do meu traseiro. Meu sangue ferve. Meu Deus, quero beijá-lo, agora. E quero fazer o resto todo também.

Mas Leonardo se afasta logo depois e começa a descascar uma laranja.

— A tornozeleira está ótima em você — comenta, com naturalidade. — Mas você deveria usá-la no pé direito.

— Você está tirando sarro de mim? — Meu tornozelo direito ainda está enrolado no maldito protetor.

— Eu quis dizer quando estiver completamente curada.

— E por que no pé direito?

— Usar a tornozeleira no lado direito é sinal de fidelidade à pessoa amada — sentencia, com voz maliciosa.

Aonde ele quer chegar? Arqueio a sobrancelha.

— Está tentando me dizer alguma coisa?

— Eu achava que estivesse claro que a partir deste momento você é minha e basta — responde, com a maior naturalidade, colocando um gomo de laranja na boca. Ele é assim, eu já não deveria mais me surpreender: diz as coisas mais importantes, as que mudam tudo, como se fossem bobagens. Sempre faz o movimento decisivo de surpresa e todas as vezes eu fico completamente atordoada, mas tento manter um ar indiferente.

— Então você também é meu e basta — solto, cruzando os braços e tentando demonstrar o mesmo descaso.

Leonardo franze os lábios carnudos num sorriso, continuando a mastigar a laranja. Meu Deus, isso é demais: sinto uma vontade repentina de mordê-los. Não sei se consigo resistir. Faço menção de me aproximar, mas ele se afasta de novo, virando-se para a pia. Fico como uma idiota olhando suas costas e me perguntando que diabos devo fazer.

Agora chega, chegou o momento de reagir. Manobra de sedução: eu me apoio de costas à mesa, sustentando-me na beira com as mãos.

— Será que você poderia arrumar o fecho da tornozeleira pra mim? Eu não consigo... — digo, com o tom mais sexy de que sou capaz. Leonardo vira-se para mim e se aproxima. Eu levanto o pé, tocando sua coxa, e ele o pega nas mãos. Depois, com um gesto rápido e preciso, dá um apertão no fecho da tornozeleira.

— Pronto. — Sua voz é suave e segura. Está sorrindo debaixo do bigode ou estou enganada? Sinto sua respiração acariciar meu tornozelo. Ora, por que não me beija? Quero sentir sua língua em mim de novo...

Leonardo me dá um olhar cheio de promessas, mas logo depois solta meu pé, acompanhando-o docemente até o chão.

— Vamos dar uma volta na praia — propõe, massageando o queixo.

Meu Deus, esse gesto me deixa pegando fogo. Por que, em vez disso,

não vamos para o quarto e fazemos amor? Mas nenhuma dessas palavras sairá da minha boca.

— Tudo bem — digo, em vez disso, dando um sorriso forçado. Pego a bolsa e a ponho no ombro com certa irritação. — Vamos.

A Spiaggia Lunga é maravilhosa, talvez a praia mais bonita da ilha: um tapete de pedrinhas pretas brilhantes diante de um mar azul límpido. Não há quase ninguém esta manhã, a não ser um grupinho de garotos e, no fundo, um pouco afastado, um casal de nudistas.

Agora, com muita dificuldade, consigo andar sem muletas. Claro que avanço em câmera lenta e tenho que parar a cada 100 metros, mas sinto que estou fazendo progressos visíveis. Deve ser mérito do clima, da energia que se respira neste lugar, de Leonardo, mas o fato é que, à medida que os dias passam, eu melhoro.

A areia preta emana um calor incrível e, em contato com essas pedrinhas aquecidas pelo sol, quase não sinto mais a dor na perna. Leonardo vai mergulhar no mar. Então, depois de ter nadado um pouco, volta a se deitar ao meu lado, enigmático e lindo como um deus grego. A pele molhada, os cabelos desgrenhados, a mão que escorrega distraidamente entre as pedras escuras. Cada detalhe me provoca um arrepio.

— Como vão as pesquisas pro livro? — pergunto, de repente, para suavizar essa tensão sexual que me perturba há dias.

— Bem! — Sorri, satisfeito. — Hoje de manhã vi algumas pessoas no píer e entre uma conversa e outra roubei uma receita nova: massa ao fogo, numa variante que não conhecia.

— O nome já é promissor. — Faço uma pausa, imaginando-o preparar o prato. — Sabe, eu estava pensando uma coisa... — continuo.

— O quê? — Levanta levemente o corpo, curioso.

— Eu gostaria de ilustrar suas receitas — declaro, com convicção. — Talvez com aquarela. Enfim, de um jeito diferente dos livros de culinária com fotos de sempre.

— Elena, é uma ideia maravilhosa! — Seus olhos brilham.

— Pena que não posso começar imediatamente. Não trouxe nada pra pintar. — Faço uma careta triste. — Mas aqui não existe uma loja que venda tintas?

— Acho que não. — Abre os braços. — Acho que para encontrá-las

talvez você tenha que ir até Messina — continua, como se estivesse planejando algo.

— Não importa. Enquanto isso, posso fazer uns esboços a lápis, depois, em Roma, eu cuido do resto.

— Isso se voltarmos para Roma...

— Hein?

— Mais de uma pessoa, depois de chegar aqui, não conseguiu voltar.

— Mas é claro, Ingrid Bergman — brinco com ele. — Mas aquilo era só um filme, e rodado em 1949, além do mais.

— Por que, você não iria gostar de viver assim pra sempre?

— Não, na verdade eu iria gostar muito — digo, com um suspiro, olhando reto para a frente. Nada me faz falta aqui, a não ser me sentir desejada por ele de novo.

À noite, quando voltamos para casa depois de uma maravilhosa tarde na praia, Leonardo toma posse da cozinha, seu reino, e libera a criatividade que ferve nele desde hoje de manhã.

— Então, como se comem esses ouriços-do-mar? — pergunto, inclinando-me sobre a pia para observá-los melhor.

— Quero fazer espaguete como Nina me ensinou — diz Leonardo, amarrando um lenço de linho preto em volta da cabeça. — Massa com ouriços-do-mar sempre foi sua especialidade. Hoje, implorando a ela, finalmente consegui que me revelasse a receita secreta. Mas você tem noção? Eu acho que peço isso há uns dez anos e ela sempre fez mistério. Resolveu falar só quando eu disse que queria cozinhá-la pra você. — Ri com gosto. — De todo modo, também podemos comê-los assim, crus. — Ele me dá um olhar assassino, então agarra um ouriço na mão e, com extrema delicadeza, o abre pela metade, revelando seu desenho em forma de estrela.

— Mas é lindo dentro — comento, admirando os gomos laranja dispostos em raios.

Leonardo pega um pedaço com os dedos.

— Prove — ele me convida, aproximando-o da minha boca.

Meu coração começa a bater mais que o normal. Abro os lábios e agarro a polpa com os dentes, deixando-a dissolver na língua. É um gosto novo, encorpado e salgado, que seduz num instante meu paladar.

— Delicioso — murmuro, entrefechando os olhos, enquanto sinto o

sabor do ouriço deslizando macio pela minha garganta.

Logo depois, nossos olhares se cruzam, liberando uma energia violenta, cheia de expectativas. O gosto do ouriço chega ao estômago e revigora a vontade aguda que pulsa na minha barriga. Hoje à noite esse homem será meu de novo, eu juro a mim mesma.

Leonardo devora o que sobra do ouriço; depois, com a ajuda de uma faca, abre os outros e os esvazia numa tigela. Faz isso com tanta naturalidade que parece que suas mãos são mágicas. Com um gesto seguro, pega o azeite extravirgem e o coloca na frigideira, desenhando dois S. Não está cozinhando, está pintando o quadro de sabores que vê em sua cabeça: é um pintor, um alquimista, um mestre do sabor. Quanto mais o olho, mais me sinto enfeitiçada por ele. Agora acende o fogo e, depois que o fio de azeite aumentou num círculo, acrescenta um dente de alho, duas pimentas-malagueta inteiras e algumas colheres de ovas de ouriço. Dissolve tudo com um pouco de vinho branco e o ar se colore de uma chama azul acinzentada que se desfaz com um assobio no breve espaço de um instante.

— Quer colocar o espaguete? — ele me convida, indicando a panela fervente na boca ao lado.

— Tudo bem. — Abro a embalagem, mas logo me vem uma dúvida. — Tenho que partir ao meio? — pergunto. Se me lembro bem, minha mãe fazia assim, mas nunca se sabe, com um chef de fama mundial o erro vergonhoso está sempre rondando.

— Não — Leonardo responde, sem nenhum ar de reprovação, sem jogar na minha cara que provavelmente eu disse uma besteira. Coloca no ombro o pano que tem na mão. — Empunhe o maço e o posicione no meio da panela.

Faço como me diz. Ele está atrás de mim, suas mãos acompanham as minhas, seu sexo toca levemente meu traseiro, sua boca está perto do meu ouvido.

— Agora solte e deixe cair — sussurra.

Obedeço. O espaguete se abre como uma flor, sugado pela água em ebulição.

— Perfeito. — Leonardo toca levemente meu cabelo com os lábios e eu me derreto toda, o fogo explode dentro de mim. Depois ele se afasta e enche dois cálices de vinho. — Quer um pouco de Malvasia?

— Oh, obrigada, chef. — Reforço a palavra e pisco os olhos,

propositalmente provocante.

Ele inclina a cabeça para o lado e me observa.

— Por acaso você está tentando me seduzir?

— Sim, chef — respondo, seca, como seus assistentes fazem com ele, sem, porém, conseguir ficar séria. — Você se incomoda?

— Não sei... — Suspira, escondendo um sorriso. — Isso significa que vou ter que pensar em algo especial pra você.

Um arrepio de excitação percorre minhas costas. A atmosfera está se superaquecendo. Desta vez não vou deixar você ganhar, caro chef. Eu me antecipo. Tenho a ideia certa para você. Coloco o copo na mesa.

— Dá licença, vou ao banheiro um instantinho.

— Daqui a alguns minutos está pronto — ele grita para mim, provando o espaguete.

— Tudo bem. Volto logo. — Até porque não vou demorar muito para fazer o que estou planejando.

Chego ao banheiro com passos pequenos, a essa altura já sem muletas. Minha sombra se projeta nos ladrilhos de granito azul, me devolvendo a outra parte de mim, aquela que por muito tempo ficou prisioneira: a mulher ousada, que não precisa pedir. Chegou a hora de apresentá-la a Leonardo: tenho certeza de que não saberá resistir. Apoio as mãos na pia e me olho no espelho: meus olhos estão brilhando e minhas bochechas estão levemente coloridas de vermelho. Essa brincadeira é perversa, mas gosto demais dela. Respiro fundo e tiro a calcinha por baixo do vestido. Não preciso me tocar para sentir que já estou molhada de desejo: ninguém, a não ser ele, poderá acalmar essa vontade.

Depois, como se simplesmente tivesse lavado as mãos, volto para lá. Leonardo arrumou a mesa no terraço, com velas e flores de bougainvílleas espalhadas sobre a toalha.

— Que maravilha — exclamo, arregalando os olhos.

— E a melhor parte ainda vai chegar — ele acrescenta. Um instante depois surge da cozinha com a travessa fumegante nas mãos e um sorriso satisfeito no rosto. Tirou a faixa dos cabelos, mas o pano branco ainda pende de seu ombro e acaricia seus músculos torneados. Põe o prato de cerâmica no meio da mesa e me serve. — Vamos, Elena, venha pra cá.

Sento-me em frente a ele, arrumando o guardanapo em cima das pernas.

— Pouco pra mim — digo. Não é espaguete que eu quero, agora.

Mas ele coloca diante de mim um prato cheio. Faço uma pequena careta de resignação.

— Pode falar que você quer me matar com uma overdose de carboidratos! — Além da abstinência de sexo...

— Você vai ver que vai gostar e pedir mais. — Sua voz é baixa, sedutora.

Tira o pano do ombro e o joga no banco. Depois se senta e, examinando-me intensamente, serve um pouco de vinho para mim. Sob seu olhar intenso, eu me sinto derreter. Por instinto, cubro as coxas com o guardanapo. Não quero que perceba logo que estou nua debaixo do vestido.

— E então? — pergunta, enquanto eu saboreio a primeira garfada. — Como está?

Eu me concentro na comida, mastigando devagar. Depois engulo.

— Quer que eu diga a verdade?

— É proibido mentir, você sabe.

— Está... — entrefecho os olhos, deixando escapar um leve gemido —, um orgasmo — murmuro, então, como se tivesse acabado de ter um.

Leonardo joga a cabeça para trás, explodindo numa risada sonora. Adoro fazê-lo rir.

— As alcaparras são o toque especial de Nina — ele me explica. Pega uma do prato e a aproxima da minha boca, até enfiá-la entre meus lábios. Acho que meu rosto está vermelho-fogo.

Saboreio o gosto maduro da alcaparra, balançando-me na cadeira. Queria que Leonardo me tocasse, eu o desejo loucamente, não aguento mais...

Mas ele, com ar indiferente, volta ao seu prato e enrola tranquilo uma garfada de espaguete. Está me tirando do sério. Resolvo que chegou o momento de entrar em ação. Tento me concentrar e, com um movimento estudado, deixo o guardanapo cair no chão, perto dos seus pés.

Faço o gesto de pegá-lo, mas ele é mais rápido.

— Deixa comigo — diz.

Bom. Ele caiu. Rapidamente levanto o vestido nas coxas, depois abro um pouco as pernas. Estou suando sem me mexer, sinto meu sexo molhado pulsando.

Leonardo levanta-se com uma expressão indecifrável no rosto.

— Tome. — Ele me devolve o guardanapo com gentileza. Está

surpreso? Excitado? Achando graça? Eu não saberia dizer.

Volta a comer.

— Então você decidiu me provocar — solta, pouco depois, como se fosse uma consideração para si mesmo.

— Sim, e pretendo continuar — eu respondo, ousada. Estico o pé debaixo da mesa e toco levemente sua perna. Depois subo, me enfiando entre suas coxas. Posso sentir sua ereção sob o tecido da calça. Dou outro gole no vinho e passo a língua no lábio superior.

Nossos olhares se cruzam, quase se desafiando. Eu o escuto inspirar forte. Então fecha os olhos e, quando os reabre, suas pupilas estão dilatadas. Ótimo, então ele também não está indiferente... Aproveito o efeito que tenho sobre ele e, como reflexo, minha excitação também aumenta. Quero esse homem e estou prestes a tê-lo... Mas de repente ele segura meu pé e o afasta de si.

— Agora chega, Elena — ele me repreende, com uma expressão severa e de desejo ao mesmo tempo. Um olhar que nunca tinha visto nele antes.

— Quero fazer amor com você — declaro, mostrando todas as minhas cartas.

— Eu também.

— Então por que está me evitando há dias?

— Porque não quero ser o único a gozar.

— O quê? — Arregalo os olhos, dando um pulo na cadeira. — Você está me dizendo que não me quer mais porque não consigo ter um orgasmo? — explodo, e as palavras saem de um fôlego só.

— Elena, estou tentando fazer com que você também volte a sentir prazer.

— Ah, é? E é por isso que está me mantendo a distância? — observo, polêmica.

— Exatamente — ele confirma, seguro. — Você mesma me disse que teve uma overdose de sexo nos últimos meses. Acho que agora seu corpo precisa se reencontrar.

Abaixo o olhar. Queria tapar os ouvidos. Não o suporto quando tem razão.

Ele continua, a voz cada vez mais suave, cheia de doçura:

— Não é tentando transar feito uma doida que você vai conseguir ter prazer.

— E imagino que o doutor Ferrante tenha a receita certa pra mim —

rebato, sarcástica.

— Não existe nenhuma receita. É só uma tentativa.

— Pois me parece uma punição idiota. Você está me colocando de castigo, como se eu fosse uma menina má.

— Eu não veria como uma punição, mas como uma libertação — ele continua. — Satisfazer sempre os nossos apetites é diferente de sentir prazer. Às vezes temos que passar pela privação, ou até mesmo pela dor, para chegar a gozar.

Estou dividida entre a necessidade de confiar nele e o desejo de me rebelar. Dentro de mim espero realmente que Leonardo tenha a receita para me curar, mas me mostrar tão frágil assim para ele me humilha e me enche de frustração.

— Em perfeito estilo Leonardo, você decidiu tudo sozinho, como se a minha opinião não valesse nada — digo, enfim, cruzando os braços.

— Talvez eu tenha brincado um pouco, exagerado a dose, enfim... Você sabe que gosto de provocá-la. — Tenta acalmar os ânimos com um de seus sorrisos diabólicos. Então se aproxima e toca meu rosto com o dedo. — Pra mim também é difícil resistir a você, acha que não? — E morde o lábio, atravessando-me com o olhar.

— E se eu dissesse que não concordo nem um pouco? — rebato, endireitando as costas e fechando a cara, sem me entregar.

— Muito bem — aprova, abrindo os braços. — Aceito o desafio.

Eu o observo desnorteada por alguns segundos e depois percebo que não tenho muitas alternativas: não posso obrigá-lo a fazer amor se não quiser.

— Não me subestime! — eu o ameaço, só para ganhar tempo. — Você me pegou desprevenida agora, mas vai ver... — Na verdade eu estou murchando como um suflê que não deu certo. Suspiro, resignada. — Escute... Pelo menos me diga até quando essa tortura vai durar.

— Como posso saber? Vamos ver. Na realidade só depende de você.

— Posso te abraçar, pelo menos? — pergunto, com uma cara abatida. É no auge do desespero que minha veia cômica surge. Ele ri e me aperta junto a si, balançando-me entre seus braços fortes. Respiro intensamente seu perfume e aproveito o contato do seu corpo. Eu o esperei em silêncio por um ano e agora que ele está na minha frente não posso tê-lo. Eu o odeio, mas o amo. Infelizmente nunca deixou de ser assim, tenho que admitir.

Ele se inclina sobre meu ouvido, afasta meu cabelo e sussurra:

— Está melhor, agora?

— É que eu te quero tanto — respondo, pressionando a testa em seu ombro.

— Eu também te quero, mas posso esperar todo o tempo que for necessário. — Levanta minha cabeça e me beija com doçura. — Antes de encontrar você, eu estava sempre lutando comigo mesmo. Achava que tinha que extrair da vida tudo o que ela tinha pra me oferecer: o prazer mais extremo, a satisfação profissional de ser o melhor, cada segundo de felicidade. Mas depois você chegou, e entendi que, às vezes, também podemos receber um presente.

Sinto-me destruída e recriada num instante, como numa transformação alquímica. Eu me entrego aos seus braços, à sua pele cheirosa, mas desta vez sei que não perdi.

A lua sorri para nós, refletindo no mar seu perfil luminoso, e o farol de Strombolicchio responde, acendendo uma luz branca.

Pertencemos a esta ilha, eu e Leonardo.

9

Como todas as manhãs desde que chegamos, Leonardo saiu cedo, à caça de segredos gastronômicos. Seu livro de receitas está lentamente tomando forma, intuo isso pela quantidade de folhas cheias de anotações que ele deixa espalhadas pela casa. Escreve tudo o que descobre com uma precisão maníaca: a qualidade dos ingredientes, os métodos de cozimento, a apresentação da comida no prato, tudo isso recheado de termos técnicos dos quais posso somente deduzir o significado, como "espumar", "*dressare*"[3], "*accosciare*",[4] ou também "*court bouillon*" e "canapé". De vez em quando espio enquanto Leonardo escreve, e ele sorri da minha curiosidade e das minhas expressões interrogativas. É verdade, nunca entendi nada de cozinha — e talvez nunca nem tenha me interessado —, mas agora resolvi que quero me aplicar para aprender pelo menos o básico: não posso ilustrar suas receitas sem ter sequer uma vaga ideia de como são feitas!

E minha dedicação foi premiada pelos resultados, porque já consegui rascunhar a lápis dois desenhos: o espaguete com ouriços-do-mar e uma sopa de peixe que aqui é chamada *'gnotta*. Nada mal, para os primeiros, até eu, que sempre exijo o máximo de mim mesma, estou bastante satisfeita. Claro, se eu tivesse as aquarelas, seria outra história, mas viver nesta ilha está me ensinando uma grande coisa: não faz sentido querer tudo e imediatamente, é preciso saber esperar, porque a espera não é tempo perdido, mas uma oportunidade preciosa para se preparar para o que virá. Aqui em Stromboli entendi que nada é previsível, mas tudo é reduzido à essência e exige um tempo de espera: os frutos da terra, os navios do continente com seus carregamentos de mercadorias e pessoas, as erupções do vulcão.

E, agora, existe até alguém que está me esperando: Leonardo. Neste lugar encantado, só aqui, poderemos nos fundir completamente. Mas de que jeito, se ele continua mantendo distância?

É uma pergunta que me atormenta o tempo todo e não me dá paz nem agora, enquanto tomo o café da manhã no terraço. Desde a noite em que Leonardo veio com aquela conversa sobre a abstinência, temos um acordo silencioso: nós nos desejamos, mas resistimos um ao outro. O problema é que, quanto mais resistimos um ao outro, mais nos desejamos. Estamos explorando os limites do nosso desejo, esticamos infinitamente uma corda

que, mais cedo ou mais tarde, se partirá. Só nos resta descobrir como e quando.

Bebo um gole de suco e mordo outro dos meus irresistíveis *nacatuli*, os docinhos hipercalóricos das ilhas Eolie com recheio de amêndoas, casca de laranja e canela: são deliciosos, comeria toneladas deles.

— Com licença? — Uma voz feminina chega suave da entrada. Leonardo sempre deixa a porta aberta, nunca tranca, nem de madrugada, como fazem todos os habitantes da ilha.

Eu caminho com a calma que a essa altura já faz parte de mim e percebo que Nina está na sala. Numa das mãos segura uma cesta de vime cheia de toalhas limpas e na outra traz uma garrafa com um conteúdo misterioso.

— Bom dia — eu a cumprimento, calorosa. Gosto demais desta senhora maravilhosa.

— Oi, Elena. — Ela sorri para mim e coloca a cesta no chão. — Aqui estão, acabei de lavar.

— Obrigada, mas a senhora não precisava se incomodar. — Desde que chegamos, Nina vive trabalhando duro para nós. Sua gentileza quase me deixa constrangida.

— Não se preocupe, faço com prazer, de verdade — ela me tranquiliza, com os olhos azuis que brilham com uma luz viva. — Trouxe isso aqui também. — Põe a garrafa na mesa. — Você tem que provar de qualquer maneira.

— O que é? — pergunto.

— Licor de romã.

— Fantástico. — Sorrio, com o olhar também. — Então este seria o famoso licor que só a senhora sabe fazer? O da receita secreta? Leonardo me falou dele como se fosse uma poção mágica, uma coisa extraordinária...

— Leo sempre exagera. — Balança a cabeça, achando graça.

Fico comovida por ela chamá-lo assim. Quando o menciona, seu rosto se ilumina.

— Não acho que ele exagera — respondo, com convicção. — Uma noite dessas preparou a massa com os ouriços seguindo a sua receita. Estava magnífica!

— Obrigada, querida. — Ela me dá um sorriso largo. — Mas ele me superou na cozinha faz tempo.

— Mas Leonardo me confessou também que sem a senhora ele nunca

teria se tornado o chef famoso que é. Ele me contou muitas coisas de quando era criança e do quanto a senhora foi importante para ele.

Nina suspira e balança a cabeça, como se estivesse pensando numa coisa muito íntima.

— Você não pode imaginar a felicidade que é tê-lo aqui de novo. Ele não voltava há anos, e das últimas vezes estava sempre sombrio, atormentado.

Ela me olha direto nos olhos.

— Posso fazer uma confissão? — Coloca a mão no meu ombro e, sem sequer me dar tempo de responder, continua: — Eu não gostava nada de Lucrezia. Aquela lá tinha o diabo no corpo, pobrezinha. — Levanta os olhos ao céu, com uma pontada de desespero. — Leonardo a amou muito, mas não eram felizes juntos, não havia jeito. — Toca suavemente minha bochecha com a mão áspera. — Já você é tão doce... Ele está tranquilo com você, feliz como quando era pequeno.

Sorrio para ela, encantada e envergonhada, desejando com toda a força que esteja certa.

— Mas deixe que eu lhe dê um conselho — continua Nina, assumindo um ar sábio e sério de repente. — Não se impressione com o temperamento dele. Ele faz e deixa de fazer conforme sua vontade, é manhoso e autoritário, porém no fundo não deseja ser realmente atendido, não quer ao seu lado uma pessoa que pode manipular como bem entender. Para mantê-lo você deve lhe mostrar que tem personalidade, que sabe tomar decisões mesmo sem ele!

Este momento de cumplicidade feminina me faz sentir imediatamente em casa, escuto com toda a atenção o que Nina diz.

— Leonardo sempre foi assim, desde criança — ela continua. — Deve ter o que quer a todo custo, é teimoso como uma mula, porém mais que qualquer coisa adora ser surpreendido. Porque ele sabe muito bem o que deseja, é justamente o inesperado que o conquista de verdade.

Não tenho palavras. Nina conseguiu desenhar um retrato de Leonardo com uma lucidez e uma precisão que eu não alcancei em todos esses meses de sofrimento.

— Obrigada pelo conselho — eu lhe digo, enquanto uma ideia toma forma na minha cabeça.

É isso que tenho que fazer: o único modo de ganhar o jogo de Leonardo é não me enquadrar em suas regras.

Nina faz menção de ir embora. Abaixa o olhar um instante para minha perna, agora sem proteção.

— Vejo que está muito melhor — observa, alegre.

— Está, finalmente. — Dou um suspiro de alívio. — Hoje é o último dia que sou obrigada a usar esta faixa... Foi o doutor Crisafulli que me disse.

— Oh, o doutor Crisafulli é muito bom! — ela me tranquiliza. — Ele prepara os remédios com as ervas que crescem na ilha. Você está em ótimas mãos.

Ela se despede e depois vai embora, enquanto eu fico sozinha pensando. O ensinamento de Nina é valioso, e agora só tenho que entender como colocá-lo em prática.

À noite, não vejo a hora de Leonardo voltar: é ele quem vai me retirar a faixa. O doutor Crisafulli lhe explicou como e sugeriu também que cortasse algumas folhas de babosa do jardim para fazer compressas com sua polpa refrescante. Depois me aconselhou também a não forçar os músculos por pelo menos mais uma semana, mas não importa: estou nas nuvens de verdade, porque daqui a pouco vou me livrar deste corpo estranho que arrasto comigo há dias. E principalmente mergulhar pela primeira vez nesse mar irresistível.

Confio cegamente nas mãos de Leonardo, muito mais do que confio no seu coração e na sua cabeça...

Estou sentada na cozinha em uma cadeira de madeira e ele está ajoelhado na minha frente, com o olhar tranquilizador e concentrado. Começa a desenrolar a bandagem partindo do joelho e desce com calma até o tornozelo, tocando levemente em mim algumas vezes com os nós dos dedos. É um toque suave, quase uma cócega que desperta a pele de seu torpor.

— Finalmente livre! — exclama Leonardo. Coloca a faixa no chão e começa e me massagear com as duas mãos.

— Parece um sonho — eu me alegro. E não sei se estou mais feliz por ter me livrado daquele castigo ou porque ele agora está me tocando depois de ter me evitado por tanto tempo.

Nós nos olhamos em silêncio enquanto ele faz essa massagem milagrosa. E o fato de que a minha perna não esteja exatamente nas melhores condições (o músculo flácido e só a lembrança distante de uma depilação) estranhamente não me deixa nem um pouco constrangida. Sinto

o sangue recomeçar a fluir e todo o corpo voltar a respirar. Leonardo pega uma folha de babosa do tamanho de um bife, corta-a com uma faca e extrai dela um bloco de massa gelatinosa cor verde pálido.

— Tem certeza de que esse troço funciona? — pergunto, com uma careta de nojo.

— Como se atreve a duvidar do doutor Ferrante?! — ele debocha. — Minha mãe sempre colocava isso em mim quando eu voltava pra casa com os joelhos esfolados... E isso significa um dia sim, e outro também. Digamos que eu era uma criança bastante agitada.

Sorrio ao pensar nele menino, correndo descalço pelas ruelas de pedra da ilha. Um vulcão em carne e osso.

Leonardo deixa a babosa pingar no meu joelho e desliza a polpa para baixo, com uma lentidão exaustiva. Sinto um frescor agradável que chega direto até a minha barriga. Um frescor quase erótico, que se difunde por cada centímetro da pele quando ele passa a polpa gelatinosa por toda a perna, até tocar minha virilha.

Estou em estado de alerta, sou energia pronta para explodir enquanto um choque fluido do umbigo chega até dentro do meu sexo. Queria agarrar Leonardo pelos cabelos, arrastar seu rosto para o meu e beijá-lo com toda a minha força. Olho suas mãos percorrendo minha perna do tornozelo até o joelho, essas mãos tão sensuais e seguras. Arqueio levemente as costas e me apoio ao encosto da cadeira, reclinando a cabeça para trás. Os mamilos ficam arrepiados e os lábios carnudos. Meu corpo se debate numa doce agonia.

Ele me observa como um predador de tocaia. Aos poucos seus dedos aumentam a pressão sobre a minha carne, vão para cima e para baixo pela coxa e, a cada vez, passam rente ao meu prazer. Eu o sinto tocar claramente o tecido da calcinha. Pronto, digo a mim mesma, agora está para acontecer, agora ele vai dar um impulso felino e me pegar... Mas não. No auge da excitação, Leonardo tira as mãos da minha perna, como se queimasse, fica de pé e limpa a babosa com um pano.

— Agora descanse. Eu vou preparar o jantar — diz. E se afasta, quase sem me olhar.

Depois de termos comido muito devagar, já está até escuro, ficamos no terraço bebericando o delicioso licor de romã de Nina. Tem um aroma intenso, um gosto que não é para todos, mas que tem a intenção de nos

conquistar. Como Leonardo fez comigo. E o pensamento imediatamente voa àquela romã que ele me fez conhecer com todos os sentidos, em Veneza, numa tarde de outono que agora me parece muito distante. Talvez tenha sido naquele momento que comecei, sem ter consciência disso, a desejá-lo.

Agora ele acende um cigarro e dá a primeira tragada. Sopra a fumaça com um longo suspiro, colorindo o ar de um branco pálido que se dissolve no clarão da lua. E quase parece que, com aquele vapor quente, está desafiando o vulcão, a alma da ilha.

Faz muito calor, um calor que desperta os sentidos e acende a paixão. Um casal normal, agora, provavelmente já estaria transando.

Meu olhar escorrega de seus lábios macios ao peito musculoso e suado, que desponta como uma armadura por baixo da camisa desabotoada. Eu queria estar com os olhos vendados, porque não posso mais resistir à sua forte sensualidade. A excitação de antes voltou a me dominar, e é impossível apagar o incêndio se eu continuar jogando gasolina. Leonardo me olha impassível, expirando a fumaça com uma calma frustrante.

Chega, tenho que sair de perto dele. Agora.

— Vou lá pra dentro um instante — digo, e me levanto do banco colocando os pés descalços no chão. Sensação maravilhosa e fresca, que imediatamente me traz de volta a uma dimensão menos provocante.

Ele atravessa minha roupa com o olhar e aspira outra baforada, envolvendo o cigarro com os lábios. Como deveria fazer com a minha boca, penso.

Eu sumo num instante, percorrendo os cômodos com os passos mais rápidos que consigo. Entro no banheiro, abro a torneira da pia e começo a lavar meu rosto com gestos frenéticos. Depois, de repente, me vejo refletida no espelho: meus olhos cor de avelã brilham de desejo, os lábios estão inchados, a pele avermelhada de sol e de vida. A água desce pelo meu rosto até o pescoço, molhando minha camiseta de alcinha que deixa entrever o seio.

Sinto-me livre, depois de tanto tempo. Sem muletas, sem protetor, sem atadura. Sem medos, finalmente. Estou nua e renascida, leve e nova.

Quero Leonardo, quero aquele prazer que só ele sabe me dar. Mas Nina foi clara: chegou o momento de eu ir buscar o que desejo. Talvez fosse esse o verdadeiro significado das suas palavras: para surpreender Leonardo eu tenho que surpreender, antes de tudo, a mim mesma.

E é agora que, pela primeira vez desde que estou aqui, desligo o

cérebro e me entrego às minhas fantasias.

Entro no quarto — o quarto de casal onde, há não sei mais quantas noites, luto comigo mesma para não me enroscar nele durante o sono — e me sento na beira da cama. Fico por alguns instantes olhando a frase em letras gregas pintada à mão no meio da parede: *Panta rhei hos potamós*, tudo corre como um rio. Desde que estou aqui, Heráclito virou o meu guru, se é que se pode dizer isso. Agora, porém, é o desejo que corre em mim, poderoso e incontrolável.

Deixo a porta aberta para que ele me escute, para que perceba o que estou prestes a fazer. Agarrando-me à cabeceira de ferro batido, deito entre os lençóis de linho. Tudo flui, como um rio: meu corpo, minha vontade, minhas mãos, dedos que não posso mais parar agora. Tenho que me tocar, eu desejo isso. E farei sozinha. Sem ele. Passa-se somente um instante e já estou me acariciando no meio das pernas, o tecido do short pressionando meus lábios molhados. Continuo por alguns segundos, o suficiente para já não conseguir mais parar, quando ouço Leonardo me chamar.

— Elena? — Sua voz é tranquila, não pode imaginar o que seus olhos estão para descobrir.

Não respondo e ajeito melhor o travesseiro embaixo da cabeça.

— Onde você está? — Seus passos ressoam pelo corredor.

Não respondo de novo. Quero que ele me encontre através do silêncio intenso do meu desejo.

Coloco uma mão na barriga e ouço meu coração batendo, sem interromper as carícias lentas e perigosas entre as minhas coxas, sem impedir que meu dedo médio sinta o calor molhado que tenho dentro de mim.

E então, de repente, ele chega, justamente quando estou pronta para me dar o prazer do qual tenho sede. Afasto devagar a mão das minhas pernas, enquanto Leonardo para na porta e arregala os olhos. Está com uma expressão espantada que eu nunca tinha visto nele, e que me perturba também. Eu o surpreendi, isso é certo.

Encosta no umbral e, segurando o queixo nas mãos, esboça um sorriso.

— O que está fazendo, me provocando de novo? — pergunta, mas desta vez a voz não é decidida como sempre. Está entrecortada por uma espécie de tremor.

— Não, estou provocando a mim mesma — respondo, com uma

segurança descarada.

Meus olhos estão nele, agora, com toda a carga de sensualidade transbordante que não consigo mais segurar. Então de repente eu os fecho, sem me preocupar com sua presença, coloco de novo a mão no short, soltando o fecho devagar. Deslizo lenta para debaixo da calcinha, no púbis, até sentir de novo a lubrificação ardente que só espera por ele.

Abro as pálpebras e encontro seus olhos escuros, curiosos e quentes. Com a outra mão acaricio meus seios, deixando-os sair da camiseta. Sinto os mamilos ficarem duros debaixo dos meus dedos. Ele está imóvel, não diz nada, mas seu corpo fala. Nossos olhares se desafiam no silêncio que paira denso sobre nós, quebrado apenas pelo som fraco das conchas no teto.

Tiro o short, mas não a calcinha, porque quero sentir a renda escorregar na minha pele, provocá-la, arranhar meus lábios e prepará-los para o prazer. Fecho os olhos de novo e, forçando sobre o tecido, aperto os lábios um no outro e os empurro para dentro com uma pressão decidida. Tudo se incha, aumenta, umedece. Estou gozando na frente dele, estou encenando o espetáculo dos meus sentidos e, embora eu esteja com medo, pelo menos uma vez quero me entregar só a mim mesma. Agora quero estar aqui para mim, antes ainda que para ele.

Tiro a calcinha, largando-a entre os lençóis. Agora estou completamente nua da cintura para baixo. Acaricio minhas pernas, abro-as em frente a ele, depois passo as mãos em direção ao alto, devagar, e levo uma delas aos lábios, que se abrem ao meu toque. A outra continua subindo, pela barriga, pelo seio, até a boca, que a recebe, ávida. Tem o meu sabor, e eu gosto. Enfio os dedos no sexo também e os mexo dentro e fora, como se quisesse encontrar, por tentativas, o ponto exato em que meu prazer tem origem. É incrível como tudo lá dentro está úmido, escorregadio, líquido.

Estremeço, mas sinto que meus dedos não são suficientes para abrir as portas do meu prazer. Quero mais. Quero sentir o gosto pecaminoso da plenitude. Leonardo continua me observando, mas não se mexe. Está paralisado: ele me deseja, embora saiba que, agora, tem que deixar que eu faça. Estico a mão em direção à mesinha de cabeceira e procuro o vidrinho de seu perfume de âmbar. Achei. Está na minha mão, junto com o pensamento nele. Uma pequena garrafa de vidro acetinado de formato sinuoso, uma gota comprida como as das essências antigas. É lisa e fresca, traiçoeira e dura. Agora corre devagar pelo meu ventre, desenha uma espiral em volta do meu umbigo, depois desliza para baixo, impaciente

sobre o meu clitóris, e vai cada vez mais para baixo. Estou pronta para acolhê-la.

Eu a empurro para dentro lentamente, com movimentos doces e circulares que me abrem aos poucos. Não tem dificuldade, se insinua em mim dando-me um prazer intenso. Então começo a mexê-la para a frente e para trás, para cima e para baixo, primeiro devagar e depois mais rápido, até senti-la lá no fundo. E é um instante, a gota que faz transbordar meu rio.

Estou quase perdendo o controle, esquecendo-me dele e de mim mesma também. Uma luz explode e eu colapso num canto escondido da minha alma, onde a dor e o medo do passado se fundem e se anulam no prazer absoluto de agora. Aumento o ritmo dos impulsos e me abandono completamente. Gemo, grito como nunca fiz. Aperto as coxas e contraio os músculos para gozar profundamente, cada vez mais. Estou sentindo um orgasmo arrebatador, um orgasmo que os homens de todos esses meses nunca conseguiram me dar, um orgasmo que não era mais capaz de sentir, mas que agora sai sem controle: da boca, do sexo, dos olhos, da minha pele quente.

E tudo isso está acontecendo diante da presença muda de Leonardo: aos seus olhos, agora, eu devo ser um espetáculo de perversão e fascínio. O *Êxtase da beata Ludovica* volta à minha cabeça como uma bofetada, em toda a sua perturbadora beleza: o corpo que parecia a ponto de sair do mármore, a roupa desalinhada e o rosto arrebatado por algo incontrolável. É assim que me sinto: além do prazer e da dor, quase num estado de transe. Parece que flutuo acima de mim mesma, como se tivesse deixado o corpo distante daqui. Ao redor, tudo está se transformando num sonho: a cama, as paredes, o ruído das conchas, a respiração de Leonardo, seu perfume. A tensão nos músculos relaxa e, tirando aos poucos o perfume do meu sexo molhado, escorrego num espaço no qual não existe nem desejo, nem medo, mas somente uma misteriosa paz.

Abro os olhos novamente e já não estou mais com seu perfume entre as pernas: agora aqui está ele, estão seus cabelos molhados de suor, suas mãos grandes que me acariciam e sua boca que descansa em meu púbis. Está colhendo os restos do meu prazer.

Fico assim, deitada e silenciosa, e não sinto vergonha do que fiz, pelo meu corpo nu, pelos meus gritos, pela entrega total a mim mesma.

Depois de um instante, Leonardo deita-se na cama ao meu lado e faz

carinho nos meus cabelos docemente. Então pega meu queixo e vira meu rosto ainda emocionado para o seu.

— Você conseguiu, Elena — sussurra, olhando-me intensamente nos olhos. — Esse foi o orgasmo mais bonito que você já deu a si mesma.

Não sei o que dizer, como continuar, mas sorrio porque foi ele quem me ensinou a ousar, a ir além do obstáculo, em direção àquela parte de mim que eu não conhecia. Deixou que eu encontrasse sozinha o caminho e finalmente estou aqui, como se tivesse enfrentado uma longa viagem, cansada, mas feliz.

Olho Leonardo e entendo que ainda preciso dele. Dele dentro de mim.

Quero beijá-lo, mas é ele que me beija primeiro. Um beijo que vive, pulsa, vibra de desejo. Nossos lábios quentíssimos se encontram, trocando a energia trancada nos nossos corpos, como se fossem duas veias que se comunicam.

Então, quase sem que eu perceba, Leonardo arranca minha camiseta e desliza sua língua nos meus mamilos.

Está para acontecer de novo.

E finalmente estou pronta.

3 Compor a boa apresentação do prato. (N.T.)

4 Prender as coxas no frango para que ele não se deforme durante o cozimento. (N.T.)

10

Estamos nus na cama, um de frente para o outro, olhos nos olhos, mãos dadas, minha respiração se misturando com a dele. Uma claridade fraca penetra pela janela e define as luzes e as sombras dos nossos corpos, mas agora é a escuridão que deve prevalecer. Precisamos de um escuro total para nos olharmos por dentro e nos reencontrarmos como amantes.

Sou eu que vendo Leonardo primeiro, com um lenço de seda que eu tinha colocado na mala pensando em nós, depois ele faz o mesmo comigo e cobre meus olhos com uma gravata. Sabe-se lá se a trouxe a Stromboli para isso. De novo juntos, eu e ele, num universo sensual só nosso, cúmplices e, desta vez, no mesmo nível.

Agora Leonardo toca suavemente meu rosto, depois o pescoço e os ombros. Ficamos mais próximos, as testas se encostam, quentes, estamos cheios de desejos e pensamentos. Os lábios se unem, as línguas se procuram, fundindo-se numa dança lenta e ardente. Estamos redescobrindo nossos corpos, os remodelamos com nossas próprias mãos, como se fossem formas brutas a serem moldadas. Nessa escuridão e nesse silêncio brota uma atração verdadeira e essencial, que faz o mundo desaparecer.

Sinto seu cheiro subir à minha cabeça e precipitar na garganta: é algo que perturba os sentidos, que quase me causa tonturas. Esta noite quero que ele descubra tudo sobre mim, quero que me toque, que me saboreie.

Acaricio seu peito, enquanto ele começa a desenhar círculos com os dedos em volta do meu seio. Vaga sobre a minha pele, demora-se na minha mancha antes de chegar aos mamilos. Estão duros, arrepiados: brinca com eles por alguns instantes, depois pousa os lábios neles, me provocando uma infinidade de arrepios e imediatamente deixando meu sexo ainda mais quente e molhado. Depois toca minha barriga e passa as mãos por dentro das coxas: é uma carícia doce e leve e, quanto mais suave, mais ardente.

Meus dedos, enquanto isso, flutuam sobre ele, se insinuam devagar entre os pelos das pernas e sobem pelas virilhas, sentindo seu calor profundo. Exploro este corpo de homem com as mãos e parece que o estou descobrindo agora pela primeira vez. Sem enxergar, é como se eu tivesse reconquistado uma espécie de virgindade e vivesse uma experiência completamente nova. Estou confusa, livre, curiosa.

Devagar começo a fazer carinho em seu pau, com doçura, com medo e ousadia ao mesmo tempo. Sinto-o crescer na minha mão, então aumento a pressão aos poucos, sabendo exatamente onde tocar, mais para baixo que para cima. Eu o envolvo, apertando entre polegar e indicador, subo da base até a glande e depois desço de novo, com leves pressões que o fazem gemer. Agora ele está excitado, muito excitado, e vem procurar meu ninho quente. Sinto seu toque úmido: deve ter molhado os dedos de saliva. Repete no clitóris os movimentos circulares que antes tinha feito no meu seio. Está me acariciando exatamente como eu desejo, e é uma sensação celestial. Minha vontade cresce e queria que ele fosse além.

— Leo... — murmuro. — Quero senti-los dentro de mim, por favor — peço, num sussurro.

— Aqui estão, Elena, todos pra você — responde, introduzindo dois dedos em mim. Gemo, enquanto sinto um repentino calor se espalhar. Sinto-me suspensa ao meio, deixo que o prazer se dilate dentro de mim, até o coração e a mente. Leonardo fica um tempo me estimulando, e minha vagina reage com uma onda líquida de bem-estar. Sua língua ávida, enquanto isso, invade a minha boca. Depois chegam seus dedos também, impregnados de mim; torturam meus lábios, se enfiam dentro, brincam com a minha língua, deixam que eu os chupe para depois voltarem para o meio das minhas pernas.

— Vem aqui — diz de repente, agarrando-me pelos quadris e fazendo-me sentar em cima dele, com as coxas sobre as suas e as pernas apertando sua cintura. Somos uma flor de lótus que flutua sobre uma extensão de linho perfumado. É uma união total a nossa, agora.

Leonardo desliza suas mãos pela minha bunda, puxando-me para si. Eu me agarro em seu pescoço e me abandono a leves movimentos da pélvis, esfregando o púbis em sua ereção. Agora estou completamente molhada e dilatada, pronta para recebê-lo.

— Agora eu quero você todo dentro de mim — digo, num sopro. E é uma ordem à qual ele não pode se opor.

Ele me ajuda a me levantar para que eu possa segurar seu pau duríssimo e enfiá-lo em mim.

Como esperei por esse momento. Não me lembrava dele tão grande, tão poderoso.

— Oh, assim, Elena — rosna, e começa a me fazer balançar, segurando-me pela cintura.

Seguimos as notas da nossa paixão marcando o ritmo juntos, primeiro devagar e depois cada vez mais rápido. À medida que o atrito aumenta, nossos gemidos se tornam mais roucos e nossas respirações mais curtas. Levo as mãos à sua garganta: está inchada, quente. Não preciso vê-lo para saber que está gozando. Percebo as veias engrossadas pelo esforço e aperto um pouco mais para sentir seu sangue correndo sob meus dedos. Aqui está ele, na minha mão, toda a sua energia vital submetida ao meu poder. Este homem, que antes eu descobria surpreendida, quase com temor, agora pertence a mim, seu corpo obedece ao meu. Sinto-me forte como nunca fui, plena.

Quanto mais a minha pressão aumenta, mais suas unhas se cravam na minha bunda e seu movimento acelera. Ao me possuir, atende à minha vontade, quando me penetra, é instrumento do meu prazer.

O rangido da cama se sobrepõe às nossas respirações cada vez mais ofegantes. A escuridão nos olhos, a luz dentro. Leonardo berra e é um som ancestral, que mistura morte e vida, dor e paixão, desejo e entrega. Uma voz ensurdecedora. Sua energia passa debaixo dos meus dedos, através de sua garganta, sai da boca, me invade como uma onda magnética e me contagia. E é nesse momento que eu também gozo, gritando junto com ele.

É um orgasmo total, imenso, que nos joga num espaço em que nem eu nem ele existimos mais, mas somente *nós*, um só corpo e uma só alma que pulsam juntas.

Desabamos um em cima do outro, abraçando-nos forte. Leonardo tira a gravata dos meus olhos e eu faço o mesmo com o lenço. Pisco os olhos várias vezes para me acostumar de novo com a luz fraca do quarto e encontro seu olhar parado, perdido. Ficamos nos olhando em silêncio, atordoados e mudos, incapazes de exprimir com palavras o que acabou de acontecer.

Deito de barriga para cima, relaxando completamente os músculos. Fecho os olhos, abandonando-me à escuridão outra vez.

Leonardo está ao meu lado e esfrega minha cabeça docemente com a mão.

— Acho que acabei de entender uma coisa, Elena, que eu ainda não tinha me dado conta — diz, com os olhos virados para o teto. Eu o olho, interrogativa, e ele se vira para mim: — Eu sou seu. *Quero* ser só seu.

Sorrio, e uma felicidade nasce no meu coração. Aproximo-me de seu ouvido:

— E eu quero ser sua — sussurro, antes de dar um beijo suave na ponta de sua orelha.

Quando faço menção de me afastar, ele me segura e procura a minha boca, que imediatamente se abre para lhe dar espaço. Chego mais perto, pressionando meu seio ao seu peito, e entrelaço minhas pernas nas suas, apoiando uma em sua cintura. Nossos corpos estão enroscados, não há limites entre nós. Agora eu existo nesse emaranhado de respiros e saliva, de sensações e pensamentos, e estou bem aqui, não queria estar em nenhum outro lugar. Eu me pergunto, por um segundo, como consegui ficar longe dele por todos esses meses. Como pude aguentar fazer amor com outro. Como fui capaz de tolerar o cheiro de outro.

Depois de alguns instantes, nossos sexos se procuram de novo. Ele esfrega o seu no meu, com uma doçura dilacerante, e eu correspondo. E aí o tesão recomeça, impetuoso e incontrolável, uma vontade infinita que só um novo orgasmo poderá saciar.

Com um impulso Leonardo me vira e me atrai para si. Minhas costas se fundem com seu peito, enquanto sua respiração sussurra no meu ouvido:

— Se você é minha, então posso fazer de você o que eu quiser. — Então beija a nuca, e os beijos se transformam em mordidas cada vez mais ousadas, que me transmitem descargas violentas de prazer.

— Desde que eu goste — respondo, encaixando a cabeça entre os ombros para me defender, mas só um pouco. Sinto a ereção lisa e dura contra o meu traseiro. Seus dedos me tocam logo abaixo da minha bunda.

— Acho que sim — murmura, aproximando-se mais e apertando os quadris nos meus.

De repente me dá um empurrão decidido e me vejo de barriga para baixo, com as pernas imobilizadas pelas suas. Eu me viro um pouco para procurar seu rosto e vejo um brilho diabólico se acender em seu olhar. Sua mão, agora, aperta minha bunda e faz carinho nela, distendendo os músculos e deliciando a pele. Depois escorrega o dedo justo em cima da vagina e fica mexendo em círculos, detendo-se pouco antes do ânus. Será que ele quer entrar ali? Fico muito ofegante, esticando-me inteira sob seu peso. Então ele fica de quatro sobre mim, sinto seu pau roçar minhas pernas.

— Esta noite quero ter você inteira. Todas as partes do seu corpo — sussurra, beijando minha bunda e lambendo-a, faminto.

Eu me enrijeço no mesmo instante.

— Como assim, *todas as partes*? — Faço menção de me soltar, mas ele não deixa, obrigando-me a continuar naquela posição.

Em vez de responder, começa a passar a língua na parte de trás das minhas coxas, até embaixo das nádegas. Todos os músculos se contraem e no momento seguinte colapsam docemente. É tão prazeroso que solto um gemido. Está bem, Leonardo, confio em você, eu me rendo, não tenho outra escolha.

Sinto uma gota de óleo escorregando nas costas, depois outra e mais outra. E agora o dedo de Leonardo, que pega o óleo e o espalha entre as minhas nádegas, e delicadamente entra em mim, por trás, onde nunca permiti que ninguém me conhecesse.

Mas agora é diferente, com ele eu me vejo desejando coisas que nunca teria imaginado.

— Devagar, por favor — sussurro.

— Relaxe, Elena... Se entregue e não pense em nada.

Sinto um leve estímulo, depois uma sensação de plenitude fluida, que me invade toda. E no mesmo instante uma onda de tesão e fantasia percorre meu corpo todo, indo quebrar na barriga. Uma bolha de excitação se dissolve entre minhas pernas. E é um gozo diferente, novo, tão sensual.

Leonardo empurra o dedo molhado para o alto, em direção ao osso sacro, e com movimentos levíssimos, mas decididos, abre as paredes internas. Solto um gemido, e é de puro prazer. Em mim se formou um coágulo de medo e curiosidade e sei que o único jeito de desfazê-lo é abandonando qualquer resistência.

Ele aproxima seu pau do meu ânus e com uma lentidão irreal o introduz. Meus músculos cedem, os tecidos magicamente se abrem para acolhê-lo, enquanto minha vagina quente recebe seu dedo e meu pescoço se deixa seduzir por sua língua.

— Meu Deus, Elena, você é maravilhosa — ruge ele, a voz no auge da excitação.

Nunca senti nada parecido na minha vida e é incrível: é um terremoto de prazer, dor que passa do desejo ao êxtase. Estou vulnerável e indefesa, mas há uma força imensa na minha entrega, porque sou eu que quero pertencer a ele completamente.

Leonardo está me guiando aos lugares mais inexplorados do meu corpo, lugares que eu ainda desconhecia, e juntos os percorremos com uma luz ofuscante. Seu pau permanece imóvel dentro de mim, enquanto

isso seu dedo explora meu clitóris; então começa a se mexer devagar, dentro e fora, e eu me abandono. E o que ele faz comigo é divino.

Ouço seus gritos, profundos e roucos, e berro junto com ele, encontrando minha doce libertação. Gozo de novo, pela terceira vez, gritando seu nome, enquanto ele para, vertendo dentro de mim seu coração e sua alma.

Deixo que seu corpo desabe em cima do meu, até cobri-lo completamente. Depois enrosco os tornozelos nos seus e ele imobiliza meus pulsos com as mãos, como se quisesse aprisionar ali toda a energia que descarregou em mim.

Amo este homem com toda a minha força, mas não quero que o peso das palavras estrague o momento que estamos vivendo.

Estamos acabados, exaustos, consumimos todas as emoções. Ao nosso redor apenas paz e silêncio. O mundo deixou de existir, o tempo parou e só eu e ele estamos aqui.

Sinto nossos sexos relaxarem, agora. Leonardo afasta-se para me deixar respirar, então eu me viro para ele e sorrimos um para o outro, como se tivéssemos acabado de fazer amor pela primeira vez na nossa vida. Aquela sensação de plenitude que saboreei agora há pouco ainda me invade. Nós nos abraçamos mais e mais, sem dizer uma palavra, deixando-nos envolver apenas pelas nossas respirações.

Um pouco depois Leonardo vira-se de costas para mim, pega minha mão e a coloca no seu coração. Eu o abraço, afundando o rosto em suas costas largas. É um escudo, uma rocha. Mas meus olhos não podem ignorar aquela âncora tatuada em sua pele, os dois L entrelaçados: Leonardo e Lucrezia. Embora nos últimos dias ele nunca tenha pronunciado seu nome, nunca vou conseguir me livrar do fantasma dessa mulher, que, para todos os efeitos, ainda é sua esposa. Não posso nem dizer essas palavras. Porque Lucrezia ainda voltará, eu sinto. É somente um pensamento, mas aperta meu coração como uma tortura e, assim, faço um esforço enorme para expulsá-lo. Minha felicidade é plena e luminosa, agora, como a lua que percebo da janela. Nenhuma sombra deve me atrapalhar.

O céu é um tapete de estrelas quando nos sentamos no terraço para aproveitar a brisa que sobe do mar. As luzes do povoado estão se apagando, mas o vulcão, lá em cima, nunca se apaga: solta golfadas que, com ritmo incessante, clareiam o azul-escuro da noite.

Do aparelho de som da sala ecoa, abafada, *Goodnight Lovers*, do Depeche Mode. Leonardo cantarola acompanhando as notas, como o escutei fazer tantas vezes: é uma coisa espontânea, doce, seu jeito de expressar um contentamento simples, quase infantil. E é encantador. Sorrio, disfarçando, sem deixar que ele me veja, depois estico as pernas e as apoio no parapeito olhando o mar, escuro sobre o fundo da noite. O Strombolicchio se ergue solitário lá longe, com seu farol iluminado. É majestoso ao clarão da lua.

— Parece o guardião de Stromboli — comento, em voz alta.

— É... — concorda Leonardo, olhando o horizonte escuro. Então se vira e, estudando meu rosto, levanta-se de repente do banco. Ele me pega pela mão e, como se estivesse planejando algo, me diz: — Vem comigo.

Ergo as sobrancelhas:

— Pra onde?

— Você vai ver. — Seu peito se infla debaixo da camisa. — Vamos, levante.

Sorrio. Sabe-se lá o que está tramando. Mas a última coisa que quero no mundo é fazê-lo esperar.

Pouco depois, em meio à escuridão, estamos atravessando as ondas leves, a bordo de uma balsa pequena e branca, a lua sobre nós e a ilha de Stromboli atrás. Navegamos em direção a Strombolicchio: é lá que Leonardo quer me levar. Após alguns minutos, chegamos ao lugar que, até um instante atrás, para mim, era apenas um sonho, uma fantasia: a ilhazinha com os recifes íngremes sobre o mar e o farol que projeta no horizonte seu feixe de luz amarelo-claro.

Leonardo ancora a embarcação na enseada onde começa a escada de pedra que sobe como uma língua encaixada na rocha. Só precisamos de uma fonte mínima de luz para nos movimentarmos tranquilos aqui, e assim ele acende a pequena lanterna que trouxe. Leonardo pensa em tudo, e está me transmitindo uma segurança, nos últimos dias, que nunca me passou nos meses de paixão em Veneza e Roma.

De perto, o recife é muito maior do que parecia do terraço de casa e se sobrepõe a nós como uma espécie de monstro marinho mitológico surgido das águas, ameaçador e primitivo. Sinto-me minúscula, agora, e, depois de tudo o que aconteceu esta noite, não sei se ainda tenho forças para escalar essas majestosas rochas. Sem contar que, ultimamente, não sei por quê,

tenho sentido um pouco de tontura: é uma sensação destes últimos dias, e por sorte se manifestou só agora e não quando eu estava às voltas com afrescos e andaimes. Já sinto um vazio dentro da barriga.

Leonardo me olha e intuo seu sorriso na semiescuridão.

— Está preocupada com a subida?

— De jeito nenhum — respondo, decidida. — Pelo contrário, não vejo a hora. — Na verdade estou em pânico, mas não quero deixar transparecer.

— São duzentos degraus — ele me explica, indo na minha frente com a lanterna. — Mas quando eu era pequeno, sempre contava alguns a mais.

— Humm... Animador! — Um belo desafio para quem acabou de recuperar o movimento da perna! Pego sua mão para me sentir mais segura. O parapeito de ferro é tão baixo que a cada degrau eu me vejo caindo lá embaixo. E quanto mais eu subo, mais essa imagem me deixa sem ar.

— Como está sua perna? Doendo? — Leonardo me pergunta.

— Não, tudo ótimo. — Mérito da babosa milagrosa, provavelmente, e do fato de que de vez em quando eu paro para tomar fôlego. Mas agora não é a perna que me preocupa: é a distância entre mim e a superfície do mar. Num instante eu me vejo pensando que daqui de cima o impacto poderia ser mortal.

No quarto lance de escada olho para baixo e o mundo me parece minúsculo. Aperto mais forte a mão de Leonardo, tão quente e sólida, e tento manter os olhos grudados nas costas dele. No alto se delineiam dois contrafortes que parecem dragões descidos do céu.

Mais alguns degraus e chegamos, finalmente. No topo abre-se um grande terraço com parapeitos de pedra aos lados e, lá longe, solitária, destaca-se a torre branca do farol.

Estou ofegante, mas o espetáculo é fantástico, 50 metros acima do mar e a dois passos do céu.

Dou uma última olhada no vazio à nossa volta, que a essa altura me fascina. O mar é uma imensa extensão preta, e enquanto o olho um arrepio corre pelas minhas costas.

— Não é maravilhoso, aqui de cima? — Leonardo me pergunta, aproximando-se.

— É, mas também dá um pouco de medo. — Instintivamente eu me agarro ao seu quadril e ele me segura em seus braços.

Depois vamos nos sentar perto um do outro numa pedra ao lado do

farol. Leonardo tira a camisa para enxugar o suor no vento morno da noite. E meus olhos fatalmente se detêm ali, naquela tatuagem, entre suas omoplatas torneadas. E com ela o pensamento em Lucrezia reaparece, exatamente onde eu o deixara há pouco.

Minha expressão deve ter mudado, porque Leonardo me examina com ar interrogativo.

— O que foi?

Nada, eu queria lhe dizer. Mas mordo os lábios. Não tenho motivos para me esconder, no fundo, e não quero tabus ou coisas não ditas entre nós. Lucrezia é um assunto que, mais cedo ou mais tarde, deve ser enfrentado. Por isso decido fazer isso agora.

— Eu estava pensando em Lucrezia... Você falou de novo com ela? Ainda vai vê-la?

Ele respira fundo e fica na minha frente, apertando minha mão nas suas.

— Não falo com ela há muito tempo, mas acho que mais cedo ou mais tarde vai acontecer novamente — responde, com voz calma e controlada. — Lucrezia é a mulher que amei durante anos e com quem compartilhei tudo, para o bem e para o mal. Não posso e não quero tirá-la da minha vida.

— Entendo. — Meus lábios se contraem levemente.

— O que estou tentando dizer a você, Elena, é que eu estarei ao lado dela, sempre que ela precisar de mim. É uma pessoa frágil, extremamente complicada, e eu não posso abandoná-la — continua, afundando seus olhos magnéticos nos meus. Dá um longo suspiro. — Mas eu não a amo mais, se é isso que você quer saber. O que sinto por ela pode ser carinho, preocupação, dedicação... Mas o amor é outra coisa, e agora eu entendi isso.

— E o que é? — Eu o encaro.

— É você. É a possibilidade de me abrir de novo à vida que você me oferece. — Toca suavemente minha testa com um beijo. — Eu te disse, Elena. Estou começando uma fase nova e não é fácil pra mim, mas quero tentar. É você o meu renascimento.

— Tudo bem — sussurro, encostando a testa na dele. — Confio em você.

Somos dois náufragos atracados na mesma margem, dois sobreviventes que se estendem as mãos.

— Olhe. — Leonardo levanta o rosto ao céu. O Stromboli está expelindo

nesse instante, borrifando no azul-escuro centelhas de fogo vermelho vivo.

— Ele está acenando pra gente — comento. Agora não me causa mais medo como no primeiro dia.

Ele me olha, me desafiando com um sorriso.

— A próxima subida que espera você é lá em cima, na boca do vulcão.

— Eu topo — digo, e me aqueço em seus braços nus.

Eu me sinto forte, nada mais me assusta agora. Estou pronta para enfrentar novas provas, porque todos os medos se dissolveram no fogo do nosso amor.

Posso fazer tudo, se Leonardo estiver comigo.

11

Estou vivendo aqui com Leonardo dias de uma calma maravilhosa, de prazeres preguiçosos e sensuais. As horas parecem feitas de nada, ainda assim são cheias de sol, mar, comida, palavras. Mas principalmente de amor. Até trabalhar — eu nos meus esboços e ele nas suas receitas — é um privilégio neste paraíso onde o tempo parece ter parado. Mas o futuro, qualquer que seja ele, nos encontrará juntos.

De vez em quando o Stromboli chama nossa atenção com uma baforada, como um grande animal impaciente. Nós iremos embora logo, sem pressa: embora minha perna esteja completamente curada, ela ainda precisa de um pouco de repouso.

A boa notícia é que, após dias de frustração olhando o mar sem poder entrar nele, consegui dar meu primeiro mergulho: afundar na água foi uma libertação, um batismo de verão, que aqui já explodiu, apesar de ainda ser maio. Fiquei de molho por quase uma hora, nadando com cuidado por causa da perna e, então, deixando que as ondas me ninassem. Bastou o contato com essa água límpida e fresca para dar novamente vigor e certa vitalidade ao meu corpo que ficou entorpecido por tempo demais.

Ontem Leonardo também me fez descobrir outro lado de Stromboli, um lugar realmente mágico. De barco navegamos em volta da ilha e atracamos em Ginostra, um vilarejo solitário de quarenta habitantes, aonde se chega somente pelo mar, que hospeda o menor porto do mundo. Foi como mergulhar no passado: lá não circulam nem as vespas e os Ape Car, os jumentos são o único meio de transporte e o sistema de iluminação ainda é feito por lamparinas a óleo. Apenas poucas pessoas dispõem de luz elétrica, que funciona com os painéis solares.

Antes de ir embora do vilarejo, Leonardo comprou um pargo grande de um pescador que acabara de voltar de sua pescaria. Ao voltarmos para casa, nós o cozinhamos na brasa e depois temperamos com um molho de ervas e especiarias.

Há alguns dias ele está tentando me ensinar as noções básicas de culinária e eu estou tomando gosto pela coisa, estou me apaixonando. De alérgica ao fogão, estou me descobrindo, graças a Leonardo, curiosa em experimentar pratos diferentes e conhecer as matérias-primas. Ele me confessou que nunca revelou seus segredos de chef, mas que comigo decidiu fazer uma exceção à regra. Tenho que aprender praticamente

tudo, mas estou me dedicando: sou realmente uma ótima aluna. Nenhuma observação no diário de classe, pelo menos.

— Na cozinha, como no sexo e na arte, ter técnica não é suficiente, é preciso ter instinto — ele me explicou todo sério, enquanto abria o peixe e eu escolhia as ervas aromáticas para temperá-lo.

— E talvez um pouco de loucura também, o que acha? — acrescentei, espalhando no prato as flores de limão que eu tinha acabado de colher no jardim. Ele me segurou pelo avental e me puxou para si.

— Acho que nesse campo você já é uma mestra...

Nós nos beijamos, como se nossos lábios não se tocassem há anos, até a panela com a água para o macarrão começar a resmungar, exigindo com urgência a nossa atenção.

Depois do jantar chegou a surpresa. Enquanto estávamos no terraço, abraçados olhando as estrelas, Leonardo levantou-se de repente, entrou em casa e depois voltou para me entregar um embrulho. Eu o abri às pressas, curiosa como uma criança: o presente para mim era um estojo de aquarelas Schmincke Horadam, as melhores do mercado, ou seja, tintas que custam uma fortuna.

— Onde você encontrou isso? — perguntei, surpresa.

— Pedi a um amigo que ia a Messina. Demoraram um pouco para chegar, mas finalmente aqui estão — respondeu, com um sorriso tranquilo. — Assim você vai poder terminar seus desenhos.

— Obrigada, Leo. São maravilhosas... Não vejo a hora! — Eu o abracei, repleta de gratidão e de uma estranha ternura que nunca tinha sentido. E depois eu mergulhei na pintura até tarde da madrugada; por volta das quatro da manhã, senti sua respiração quente no pescoço e suas mãos fortes envolvendo minha cintura.

— Posso roubá-la das musas da arte? Preciso de você lá dentro, e não posso mais esperar...

Como sempre, não soube resistir a ele e o segui até o quarto.

Estou uma pilha de nervos nos últimos dias: acesa, criativa, cheia de energia e vontade de criar: numa palavra, feliz. Mas para a minha felicidade falta apenas uma peça: Gaia. Não nos falamos desde o dia de seu casamento e sinto uma saudade enorme dela. A Elena de algum tempo atrás, insatisfeita e agressiva, que foi capaz de vomitar veneno gratuito em

sua melhor amiga num dia tão importante, me parece a anos-luz de distância, a essa altura. O personagem que inventei para mim, agora, não tem mais sentido: relacionamentos superficiais e sem sentido, sexo com desconhecidos, aquele descontrole louco são uma lembrança desfocada, que não me pertencem mais. Eu usei tudo isso como distração para enganar os outros e a mim mesma, e, embora soubesse muito bem que acabaria mal, não conseguia parar.

Mas agora é diferente. Estou pensando em Gaia há dias, me pergunto onde está, o que está fazendo, se está feliz com Belotti. Dentro de mim eu falo com ela, imagino que lhe conto sobre os meus dias. Sou eu que tenho que dar o primeiro passo e pedir desculpa: o fato é que ainda não decidi como. Escrevo um e-mail para ela? Uma mensagem de texto? Espero encontrá-la pessoalmente, quem sabe é melhor...

Discuto a situação com Leonardo também e ele me sugere telefonar. Talvez seja até pouco poético, mas certamente é o jeito mais imediato nesse momento. Teremos tempo para nos vermos e nos falarmos.

Assim, numa manhã quente do final de maio, quando ele saiu para dar seus passeios habituais, eu me deito na cama e procuro o número de Gaia na agenda. Meu coração para por um segundo enquanto o iPhone faz a chamada. E se ela não me atender? E se não quiser mais falar comigo para o resto da vida? Seguro meu lado melodramático no mesmo instante.

— Ele? — atende. Sua voz continua a mesma, embora tenha a vibração de um leve espanto.

— Oi... — murmuro, encolhendo-me na cama.

— Nossa... Você demorou, hein!

Não sei se está mais puta da vida ou achando graça.

— Preciso te dizer uma coisa, Gaia. — Tomo fôlego. — Desculpa. — Pronto, consegui, e já me sinto melhor. — Desculpa, desculpa e mais desculpas... Aquela babaca que estragou sua festa de casamento não era eu — mio, com a voz como um sussurro.

— Ele, pare de choramingar — ela encerra o assunto. — Eu já tinha perdoado você um minuto depois da nossa briga... Bom, um minuto só talvez não, mas digamos que não demorei mais de uma horinha para me acalmar. Você se salvou porque naquele momento eu tinha outras coisas na cabeça... Aquela bobagem, eu de vestido branco... A igreja... As flores... Consegue imaginar? — Gaia solta uma risada sonora. — Só me diga que está bem agora e que voltou ao normal, por favor — diz, então, séria outra

vez.

Amo essa mulher. Sabe dar o peso certo às coisas. E sempre sabe tornar tudo mais leve.

— Sim, estou bem agora — respondo, um pouco desnorteada. Não tenho muito mais a dizer: ela já foi à essência das coisas.

— Como estou feliz por você ter me ligado. E, de qualquer maneira, eu não deveria dizer isso, mas se você não tivesse me telefonado, eu iria te procurar. Só estava ganhando tempo para entender o quanto você me faria esperar... Mas meus dedos já estavam impacientes no telefone. Você não sabe quantas vezes estive a ponto de discar o seu número...

— É que eu estava com um pouco de vergonha — é o que consigo gaguejar. Mas depois relaxo, finalmente, esticando braços e pernas na cama toda. — Como você está?

— Ainda não caiu a ficha totalmente... Mas por enquanto não estou achando a vida de casada tão ruim assim.

— A convivência com Belotti está dando certo?

— Muito, se você levar em conta que ele quase nunca está em casa.

— É verdade: está correndo o *Giro d'Italia*... Li nos jornais.

— Amanhã termina a etapa em Cortina e eu vou lhe fazer uma visita, mas ele não sabe. Quero fazer uma surpresa.

— Você está tentando boicotar a carreira dele?

— Ele tem que cumprir seus deveres conjugais — declara. E é claro que é uma ordem. — Eu já o avisei, é oficial: se fizermos amor menos de quatro vezes por mês, eu peço o divórcio.

Começo a rir.

— Pobre Samuel... Um herói trágico, dividido entre o amor por sua mulher e o amor pelo ciclismo.

— E na minha tragédia, você não pensa? — rebate, com um tom patético que não combina nada com ela. — Você me conhece: nunca fui uma garota grudenta... Mas com ele é tudo diferente. Eu queria que estivesse comigo o tempo todo, e, quanto mais ele se esquiva, mais eu o desejo! Caí no clichê puro. Você nem me reconhece mais, eu sei.

— Mas deve ter alguma coisa nele que você não suporta!

— Claro que sim. Muitas coisas... Quando fala de boca cheia. Ou o fato de querer dormir com as janelas escancaradas no quarto enquanto eu exijo escuridão total. Isso sem falar na mãe dele, que é uma tagarela espantosa. Porém, Ele, eu o amo e me casaria com ele mais cem vezes.

— Meu Deus, Gaia, você está me deixando enjoada. Pare com isso.

— Você poderia imaginar que um dia eu acabaria assim? — pergunta, resignada.

— Nunca! — debocho. — Mas onde você está agora? — Ouço certa falação em volta dela.

— No Rosso.

Uma lagrimazinha: nosso bar veneziano de drinques.

— Acabei de fazer compras com uma cliente francesa — bufa, como se tivesse ido trabalhar numa mina. — E você, como vão as coisas em Roma?

— Na verdade estou em Stromboli...

— Como?

— Isso, você entendeu direito. E estou com *Leonardo*. — Abaixo a cabeça como se me escondesse à espera da reação, como se tivesse acabado de soltar uma bomba.

— Com quem?! O senhor "te amo, mas não posso"? — grita, uma leoa pronta a dilacerar o inimigo para defender seu filhote.

— Você está um pouco desatualizada... Aconteceram muitas coisas desde aquele dia.

— Então me conte! — ela me incita.

— Também sofri um acidente...

— Como? Quando? Merda, mas por que eu não soube? — exclama. Agora está furiosa.

— Aconteceu tudo tão rápido... Pouco depois do seu casamento. Achei que minha mãe tivesse contado a você, mas ao que parece ela ficou quieta uma vez na vida, justamente quando não precisava.

— Não vi mais Betta desde aquele dia. — Sua voz está cheia de preocupação. — E você está bem, agora, não é?

— Agora sim. — Eu lhe conto por alto a briga com Lucrezia; não estou com a menor vontade de trazer aquele mau momento à tona de novo, depois o acidente e os últimos acontecimentos da minha nova vida junto com Leonardo.

— Mas você é completamente louca... — ela me diz quando termino. — Tinha todas essas novidades e esperou tanto pra me telefonar!

— Me perdoa? Sabe como é, tentei juntar um pouco para contá-las todas de uma vez.

Explodimos numa gargalhada, Gaia dá um suspiro profundo.

— Então você e Leonardo estão bem agora? Porque se esse cara fizer

você sofrer de novo, juro que vou aí e o mato.

— Nunca estive tão feliz na minha vida. — E é verdade. Eu queria gritar isso para todo mundo, e sussurrar no ouvido de Leonardo. Mas tenho certeza de que ele já sabe.

— Bom. — Parece ter se tranquilizado. — E me diga uma coisa: você já encontrou Domenico e Stefano passeando em Stromboli?

— Quem? — Arregalo os olhos.

— Como assim, você não sabe? Dolce e Gabbana... Eles têm uma casa aí. De vez em quando fazem festas e convidam todo o pessoal da moda. Valeria a pena bater à porta deles, não?

Eu estava morrendo de saudades dos comentários de Gaia sobre a vida dos famosos. Agora que se casou com Belotti, imagino que seu círculo de relações tenha aumentado ainda mais.

— Claro, *querida*. Depois eu conto — brinco com ela. — É que, sabe, eu e Leonardo temos mais o que fazer à noite.

— Ah, é? Me explique, Ele, não entendi bem qual é o compromisso de vocês... — ela me pergunta, maliciosa.

— Como eu queria que você estivesse aqui! — rio, afundando a cabeça no travesseiro. — Assim que eu voltar pra Roma temos que nos ver.

— Claro — exclama.

Então sua voz fica mais doce, quase não dá para escutar:

— Senti tanto a sua falta, Ele.

— Eu também. — Olho para a janela instintivamente, como se pudesse vê-la lá fora.

— Nos falamos logo. Um beijo.

— Um beijo pra você.

Se ela estivesse aqui agora, eu lhe daria o abraço com o qual sonho há tempos. Sinto-me maravilhosamente menos pesada e me arrependo de não ter tido coragem de dar esse telefonema antes. Finalmente, a última peça também foi para o seu lugar.

Meu coração está leve, agora.

Reencontrei uma amiga. A melhor.

Leonardo e eu decidimos subir no vulcão à tarde, a tempo de ver o pôr do sol. É um pouco arriscado, levando em conta que continuo me sentindo uma meio inválida e que na volta já estará quase escuro, mas ele me garantiu que vale a pena. Acordo por volta das 4h, após um cochilo

revigorante depois do almoço. Dormimos uma hora para recuperar as forças e agora o escuto fazendo alguma coisa na cozinha. Eu me espreguiço e vasculho no armário à procura da roupa mais adequada à missão, e já me sinto uma pequena exploradora... Justo eu, que nunca dei mais que um passeio na montanha quando era criança. Ponho short e camiseta de alcinha, depois me sento na cama para colocar as meias até a metade da panturrilha e as botas de trekking (que Leonardo conseguiu arranjar). Sacudo um pouco os cabelos e os prendo num rabo atrás da nuca. Amarro em volta da cintura meu velho casaco Adidas felpudo e saio sem nem me olhar no espelho. Gosto dos trajes esportivos por isso: não criam expectativas e não reservam surpresas. Servem para um objetivo. E é só.

Encontro Leonardo na cozinha de camiseta branca, bermuda cheia de bolsos e de botas de trekking como eu. Está preparando duas mochilas, uma para ele e outra, menor, para mim. Está de costas e não posso deixar de reparar que essa bermuda deixa seu bumbum maravilhoso. Eu o abraço por trás, escorregando com todo o meu peso em cima dele.

— Ei! Bom dia pra você também — ele me recebe. — Acabei de fazer um café, se quiser.

Eu me solto dele e vou me servir uma bela xícara, desejando que mande a preguiça embora. Depois começo a ajudá-lo com os preparativos. Noto dois bastões de caminhada reguláveis encostados na mesa.

— E aquilo ali? — pergunto.

— São pra você, assim não força demais a perna. — Pega um e o coloca na minha mão. — Vamos ver a altura — diz. Ele o estica até o chão, ajoelhando-se aos meus pés. — Pronto, a 120 centímetros é perfeito.

— Acabei de me livrar das muletas e agora você vai me obrigar a usar esse troço? — protesto, um pouco desconfiada. — Olha que eu consigo sem isso.

— Não é pra humilhar você, mas vão ser úteis na subida. Até os guias mais experientes os usam. — Ele se levanta, passando a mão pelo meu quadril esquerdo, e depois me beija na nuca.

— Você também usa? — pergunto, enquanto seu beijo desperta meu corpo ainda entorpecido pelo sono.

— Não, eu tenho que ficar com as mãos livres — e, enquanto isso, as leva ao meu seio.

— O negócio está começando a ficar interessante... — faço eco em voz baixa, levantando os braços para envolver seu pescoço e desfrutando a

sensação de sua barba na pele. Eu me encosto completamente nele, até sentir seu sexo nas minhas costas.

— Você está sexy com roupa de trilha — sussurra no meu ouvido, e ataca meu pescoço com a língua. Ai, meu Deus, o pescoço não! Eu me rendo sem opor resistência se me beija assim, e ele sabe muito bem disso. Então coloca a mão dentro do meu short e a empurra suave por baixo do tecido da calcinha, na minha carne já molhada.

— Humm... É bom você sempre estar pronta pra mim — murmura, com um sorriso que se reflete diabólico no espelho da parede.

Eu sorrio também.

— É o efeito que você faz em mim. O que posso fazer? — Seguro sua mão e a afasto do meu corpo, depois me viro de imediato e o beijo com voracidade.

Ele escancara os lábios para receber minha língua, mas de repente se solta e me obriga a parar.

— Está bom assim.

— Você vai começar de novo com a história do castigo? — bufo.

— Não — debocha. — Mas é melhor guardar as forças... Não quero que você desmaie no meio do caminho por causa de uma queda de pressão.

— Quem você acha que eu sou? Não sou uma mulherzinha! — resmungo, dando um pequeno soco em seu peito.

Ele sorri, levantando as mãos em sinal de rendição, depois me beija e dá uma palmada leve no meu traseiro.

— Vamos, pegue a mochila que temos que ir, pequena, se não vai ficar muito tarde. Vamos demorar três horas pra subir, chegaremos bem a tempo do pôr do sol.

Levo a palma da mão esticada à testa, com a clara intenção de sacaneá-lo, e coloco a mochila nas costas.

— Às ordens, chef!

Quando saímos, são quase 17h e ainda faz muito calor. Deixamos o povoado para trás e pegamos uma estradinha de terra que, depois da primeira curva, joga na minha cara uma bela subida impressionante. Vou conseguir?

— Bom começo — comento, sem esconder a minha preocupação.

— O primeiro trecho é o pior, mas depois a estrada fica plana — ele me tranquiliza, soltando os bastões presos à mochila. Então os passa para mim,

abrindo-os na altura certa. — Pegue, use isso.

Devo admitir que Leonardo tinha razão: com os bastões a subida é mais fácil. Olho para o alto, em direção ao topo do Stromboli, e um filete de suor frio desce pelas minhas costas. Não vou conseguir, eu sei, subir até lá em cima: minha perna ainda dói às vezes e, além do mais, estou completamente fora de forma. Mas não quero pensar nisso e reúno as forças para ir em frente, porque, no fundo, isso é o que desejei desde o primeiro instante em que coloquei os pés na ilha: ver de perto as bocas do vulcão.

A estrada, depois de algumas centenas de metros, vira uma trilha, e não é tão simples continuar sem tropeçar em algumas pedras. Parece que estou numa peregrinação em direção ao templo de uma divindade venerada há milênios, e à medida que subimos o ar se torna cada vez mais impregnado de fumaça e vapor, e espalha ao nosso redor um cheiro quase místico.

Força, Elena, não desista! — repito em silêncio para mim mesma, obrigando-me a nunca virar para trás. Leonardo vai à minha frente, abrindo o caminho com passo experiente, e a cada dois minutos se vira para conferir se eu ainda estou ali, inteira.

— Tudo bem? — ele me pergunta de repente, percebendo que fiquei alguns metros para trás. A culpa é toda dos bastões: um ficou preso no terreno e por pouco não me fez tropeçar violentamente.

— Sim, tudo bem — grito, acelerando o passo.

Ele me olha, inclinando a cabeça para o lado.

— Quer parar um pouco?

— Está tudo ótimo. Tenho anos de experiência em alpinismo nas Dolomitas — minto, desafiando-o com olhar seguro. Ou melhor: dois pas seios a uma casa na montanha junto com meu pai quando eu ainda era adolescente.

— Está tentando me impressionar? — pergunta, brincalhão.

— Por que, eu consegui?

— Não, de jeito nenhum — responde, seco. — Poupe o fôlego, que é melhor pra você: o caminho ainda é longo!

Ponho a língua para fora numa careta e ele começa a rir.

Não sei por quê, mas depois de ter ficado quase sem fôlego na primeira subida, agora sinto ter energia suficiente para escalar o Everest. Deve ser o efeito Leonardo: quando estou com ele, esqueço o esforço, a dor física, e

tudo me parece uma fantástica aventura.

Na metade do trajeto fazemos uma parada para beber e nos refazermos. Sentamos na beira da trilha, numa rocha lisa e ainda aquecida pelo sol.

Pego da mochila dele o recipiente com a torta de fruta que preparei esta manhã.

— Vamos ver como ficou — diz ele, assumindo um ar severo, de crítico. Estou sendo avaliada, é oficial.

Segui a receita da minha mãe. Depois de ter assistido durante anos à preparação da torta da Betta sem nunca colocar a mão na massa, finalmente resolvi arriscar.

Leonardo prova, mastiga com calma, com jeito concentrado, enquanto eu espero sua opinião, impaciente.

— Está boa! — sentencia, arregalando os olhos e sorrindo, admirado. — Talvez só um minuto a menos no forno — especifica. Claro, ele tinha que encontrar algum defeito. Mas pelo menos se vê que está sendo sincero.

Curto essa pequena injeção de orgulho e provo também.

— Humm, não está exatamente igual à da Betta, mas é uma imitação muito digna.

— Dê os parabéns a ela por mim — diz, pegando outro pedaço.

— Pensando nisso agora, já faz tempo que não falo com meus pais... Eu deveria ligar pra eles — reflito. — Quando não os vejo por muito tempo, sinto saudade. Mesmo se, depois, um dia com eles seja suficiente pra me dar logo vontade de fugir. — Sorrio, lembrando-me dos nossos teatrinhos familiares.

Leonardo me examina, apertando os olhos.

— Imagino que seus pais me odeiem por ter levado você embora. Eles queriam muito mesmo que fosse pra Veneza, não é?

— Não foi você quem me levou embora — especifico. — Fui *eu* que escolhi vir com você.

— *Touché*.

— E estou feliz por ter feito a escolha certa — sussurro, tocando suavemente seus lábios com um beijo.

Depois fico em pé de imediato e me estico.

— Vamos continuar? Estou cheia de energia!

— Ótimo... Então vamos subir, por ali. — Ele também se levanta e aponta para uma ramificação da trilha um pouco distante. — Vai ventar,

estou avisando.

Coloco meu casaco impermeável amarelo fluorescente enrolando as mangas e sigo Leonardo, apertando forte sua mão. Por um instante olho para baixo, em direção ao povoado, e reconheço as casas: parecem dados brancos minúsculos espalhados no preto da terra. Não sei em que altura estamos, mas minha cabeça roda um pouco e sinto o ar mais pesado, carregado de vento que fere. Mas não reclamo, porque vejo o destino se aproximar; tenho apenas que calibrar bem as forças.

O sol, enquanto isso, está mergulhando lentamente no mar. Assistir ao pôr do sol daqui de cima é algo extraordinário, uma festa de cores que enche os olhos.

Estamos alcançando o cume, quando Leonardo para num ponto acidentado, onde se abre uma saliência completamente sobre o mar. Dou alguns passos para trás, sentindo as pernas cambalearem. Aí estão elas. As tonturas.

— Chegue mais perto, eu seguro você. — Pega minha mão com doçura, e eu me agarro confiante ao seu braço.

— Olhe — aponta o dedo indicador —, a Sciara del Fuoco. — É uma parede de areia vulcânica íngreme e larga, onde são lançadas as erupções das crateras.

— É espetacular, vista daqui de cima — eu comento, sem fôlego. Parece a língua do deus Vulcão, percorrida por blocos incandescentes de lava que rolam até o vale e se jogam no mar entre as grossas espirais de vapor e rajadas de cinzas. Nunca vi nada parecido na minha vida.

Está anoitecendo, e quanto mais o céu escurece, mais o vermelho da lava se sobressai, vivo. Mas quando chegamos a uma das bocas ativas da cratera, sinto uma fraqueza por um instante: é como olhar no ventre da terra e sentir o vazio dentro de si, um sentimento de pânico que transtorna mente e corpo. Então, de repente, um barulho surdo, parecido com um trovão. O terreno treme, uma fonte de fogo levanta-se para o alto e cai, espalhando uma chuva de pequenos fragmentos de rocha incandescentes. É uma visão que perturba e nos deixa aniquilados.

Estou suada, eufórica, completamente arrebatada. A energia que sobe da terra se reflete no meu corpo e se transmite por debaixo da pele, das pernas à cabeça. Coloco os bastões e a mochila no chão e tiro o casaco. Observo Leonardo, à distância de alguns passos, em pé e de peito nu, com a camiseta amarrada em volta do pescoço como se fosse um cachecol. Olha

o fogo e depois o horizonte, com os olhos brilhando de reflexos vermelhos. Parece perdido em seus pensamentos. Então, talvez por se sentir observado, vira-se de imediato para mim e é como se me chamasse com o olhar. Vou até lá e ele me abraça por trás. Ficamos em contemplação durante longos minutos, enfeitiçados por esse espetáculo único. Não precisamos de palavras, agora.

De repente uma imagem atravessa minha mente, e não consigo segurá-la. Quero compartilhá-la com ele:

— Parece uma ferida aberta e nós estamos olhando o coração da terra batendo.

Leonardo me abraça ainda mais forte. A energia do solo irrompe através do vulcão e se mistura com a dos nossos corpos, aumentando-a. Todo o meu ser pega fogo quando Leonardo passa a língua no meu pescoço com toques, primeiro lentos e profundos, depois cada vez mais nervosos. Eu me agarro em seus braços e me abandono em seu peito, nu e escorregadio.

— Quero fazer amor aqui, perto do coração da terra — ele sussurra no meu ouvido, mordendo a ponta da minha orelha. Sua voz é quase um rugido que se confunde com o estrondo do vulcão.

Fecho os olhos, e os arrepios quentes que deslizam pelas minhas costas, aninhando-se rápidos no meio das minhas pernas, são os do vulcão em frente a nós. Procuro seu sexo e já o sinto duro e impaciente debaixo da bermuda.

Com uma das mãos Leonardo se insinua dentro do meu decote, acariciando-me devagar, e com a outra se enfia no meu short. Seus dedos encontram meu clitóris e começam a provocá-lo. Os lábios, enquanto isso, afundam na cavidade entre o pescoço e o ombro, chupando como fariam com um fruto maduro.

Então Leonardo me vira e pega meu rosto nas mãos. Seus olhos escuros estão cravados nos meus, ardem de desejo e de algo mais misterioso, ancestral: algo do qual, agora, não posso mais abrir mão.

— Não consigo resistir a você — diz, afastando uma alça da minha camiseta.

— Então não faça isso — digo, tirando-a toda. Fico nua da cintura para cima, com a pele acariciada pelo ar quente que sobe da cratera e de Leonardo.

Ele desfaz meu rabo de cavalo e suas mãos se afundam entre os meus

cabelos, massageando minha cabeça. Está modelando meus pensamentos com os dedos como faria com uma massa, desencadeando em mim uma sensação eletrizante que da barriga chega até os lábios.

Seus dedos, agora, deslizam pela nuca e puxam meus cabelos, obrigando-me a inclinar a cabeça para trás. Minha garganta está nua e descoberta, pronta para ser mordida. Gemo forte quando seus dentes roçam minha carne e sua língua percorre o meu pescoço. Então se insinua entre meus lábios úmidos. É um beijo carnal e violento, um beijo que sacode os sentidos. Leonardo segura minha cabeça com as duas mãos, como se não quisesse me deixar escapar, enquanto eu faço carinho em sua bunda e aperto seu quadril no meu para sentir seu desejo.

Eu me deito na terra e o recebo entre as pernas, ele se estica em cima de mim, com seu peito musculoso e suado. A terra escura arranha as costas, queima, treme e provoca vibrações que ecoam em mim como numa caixa de ressonância. Leonardo agarra minha cintura e sobe até o seio, apertando-o ferozmente. Experimento uma sensação incrível de vazio na cabeça, e depois um cheiro inebriante me invade, o cheiro dele que se funde com o do vulcão, âmbar misturado com incenso. Fecha os lábios num mamilo e o chupa com experiência, lambe, morde até quase me machucar. Gemo sob os golpes perversos de sua língua. Eu o vejo, eu o sinto. Eu o quero com toda a força.

Sem desgrudar os olhos dos meus, desabotoa meu short e o abaixa, depois sobe pelas minhas pernas com as mãos, quase até a virilha. Passa a língua em volta do meu umbigo e desce, rastejando como uma cobra. Morde minha calcinha e, como um animal faminto, a arranca. Sinto seus dentes se afundarem na minha carne que queima e sua língua se insinuar no meu sexo já pulsante de desejo. Afundo as mãos em seus cabelos e me agarro neles sem piedade, para liberar o choque do prazer que está me dilacerando. Suas mãos apertam com força as minhas coxas, como se quisessem me machucar, e depois elas também vão me provocar lá no meio delas. Seus dedos seguros e plenos se juntam à sensação macia e úmida que sua língua está me dando, colorindo meu prazer de mil tons.

Depois Leonardo surge de novo, abaixa a calça e, sem tirar toda a roupa, libera sua ereção, esfregando-a em mim, que me abro no mesmo instante para recebê-lo. Eu o quero tanto que já estou gozando.

Leonardo me penetra, afundando-se dentro de mim com um gemido rouco. Um trovão irrompe da terra e o céu se ilumina de chamas. O

Stromboli está explodindo, mas eu não tenho medo, pelo contrário: sinto seu fogo queimar dentro de mim, agora. Descargas potentes de adrenalina percorrem minhas veias. Estou no auge da excitação.

— Vamos, Elena, quero sentir você — murmura.

Solta outro gemido e afunda mais, repetidamente, até fazer com que eu me perca por completo. Começo a tremer tanto quanto a terra. O orgasmo sobe das minhas vísceras, arrebata sem controle todos os meus sentidos, irrompendo como um derramamento de lava.

Leonardo insiste com seus impulsos, segurando-me firme pelos quadris e apertando minhas nádegas. Está gozando junto comigo, agora, imediatamente. Nós nos desejamos demais, com uma força que nunca experimentamos, e que quase me assusta.

Ele me beija, suado e ofegante.

— Te amo, Elena.

Então desaba sobre o meu peito, entre meus braços, seu sexo que continua no meu. Não tenho forças para abrir os olhos nem para mexer a boca, mas um sussurro sai lá do fundo:

— Te amo, Leonardo. — E nunca tive mais certeza de nada na minha vida.

Ficamos deitados, enroscados um no outro. Não somos mais dois: nossos corpos e nossas almas se fundiram entre eles e, com o mundo ao redor, são energia vibrando. E nossos corações, agora, batem em harmonia, junto com o coração da terra.

12

— Talvez esteja na hora de sair da água — observa Leonardo, olhando as pontas dos dedos brancas e moles.

Estamos no mar há mais de uma hora, e praticamente nos desmanchamos no abraço desta água não exatamente quentíssima, mas irresistível. É um dia magnífico do início de junho, e eu não queria estar em nenhum outro lugar do mundo. Leonardo me levanta pela cintura e me sapeca um beijo no ombro. Depois me dá um pequeno empurrão no bumbum e, juntos, mergulhamos de novo para desafiar as ondas.

Ele se move ágil, com braçadas vigorosas e precisas, enquanto eu custo a ficar atrás dele com minha falta de estilo. É em momentos como esse que me arrependo de não ter aprendido a nadar melhor. Mas a água é um elemento em que, desde criança, nunca me senti muito à vontade. Embora se possa ver muito bem o fundo escuro embaixo deste mar cristalino, me afundar continua sendo, de todo modo, uma coisa que me provoca uma espécie de nervosismo. E, de fato, um dos meus pesadelos frequentes da época em que eu morava em Veneza era cair dentro de um canal e me afogar nas águas agitadas e escuras. Sonho improvável, já que em pouco mais de um metro de profundidade nem uma criança sem boias se afogaria... Mas não podemos mandar nos nossos sonhos.

De todo modo, com Leonardo não tenho medo de nada, e os banhos de mar são uma injeção de energia para a mente e para o corpo.

Chegamos à areia e deitamos nas esteiras para nos secarmos.

— Aqui é fantástico — exclamo, tirando o elástico dos cabelos molhados. — Só estamos nós dois.

Este trecho da costa, apesar de ser perto das casas, é acidentado e selvagem, de uma beleza intacta e antiga.

— É, ainda há poucos turistas — ele comenta, passando a mão nos cabelos e na barba molhados. — E os moradores de Stromboli não costumam vir muito à praia. Sabe que muitos deles nem sabem nadar? Engraçado, não é, para habitantes de uma ilha?

Inclino a cabeça sobre ele e balanço os cabelos, inundando-o de gotinhas.

— E quem ensinou você a nadar bem assim? — pergunto.

— Meu pai. Ele era uma espécie de anfíbio. Chegava a profundidades incríveis, sem respirar, para pegar os ouriços-do-mar. — Um sorriso

melancólico dobra os cantos de seus lábios. — Meu primeiro encontro com a água foi graças a ele. Eu me lembro como se fosse hoje o dia em que me pegou e me jogou no mar, onde não dava pé para mim. Eu tinha 4 anos. — Uma ruga forma-se no meio de sua testa. — Ele estava ali, ao meu lado, atento, mas ficou me olhando me debater um pouco, até eu encontrar sozinho o jeito de permanecer na superfície. "No mar e na vida você só pode contar com as suas forças", meu pai sempre dizia. E é um ensinamento que sempre levei comigo.

— Mas às vezes aceitar a ajuda dos outros é a melhor coisa que se pode fazer — observo.

Ele me olha, está me escutando.

— Eu sei, mas isso pra mim é ainda mais difícil de aprender.

Faço carinho em sua barba molhada. É verdade: Leonardo está acostumado a se virar sozinho e a tomar conta de quem está ao seu lado, mas tem dificuldade de se entregar a alguém, de deixar que os outros façam algo por ele. Sabe-se lá se um dia vai aprender. Será meu desafio lhe ensinar a ter confiança nas pessoas e a deixar seu orgulho de lado.

Levanto o olhar, perdendo-me no azul límpido do céu, e suspiro. Estou feliz, queria que tudo isso nunca acabasse. Não estou mais pensando no trabalho, em Paola, em Roma: somente o aqui e o agora me importam. Porque ele está comigo.

O sol, por mais que esteja forte, é uma carícia na nossa pele, e a brisa que chega do mar é um bálsamo para o nosso *dolce far niente*.

Leonardo agora está deitado de lado. Com uma das mãos sustenta a cabeça, com a outra faz algumas anotações sobre culinária num pequeno caderno pautado, que, manchado de tinta e de símbolos indecifráveis, parece um antigo manuscrito de alquimia. Quando está fervilhando de ideias novas, fica todo concentrado e é impossível desviá-lo de seu mundo. Mas nem com esse jeito de mais inteligente da turma deixa de ser sexy. Tenho vontade de afundar o rosto nesse peito musculoso que ele exibe, descarado, aos meus olhos.

— As ilustrações estão ficando boas — diz, de repente, soltando a caneta.

— É, com as cores ficam muito melhores. — Coloco os óculos escuros e apoio os cotovelos na esteira, reclinando a cabeça para trás. — Achei que estava fora de forma com as aquarelas, mas estou realmente impressionada comigo mesma.

— Sabe de uma coisa? — Toca docemente meu nariz com o dedo. — Adoro que você esteja se apaixonando por culinária.

— Pois é, quem diria! Cozinhar sempre me pareceu uma obrigação, uma coisa chata, mas fazer isso com você é divertido. — Eu me aproximo dele e beijo o canto de sua boca. — Mas se cuide, chef: logo, logo eu posso superar o mestre — sussurro.

Ele me dá um sorriso debochado.

— Não vá ficar metida — diz, enfiando a língua entre meus lábios.

Seus beijos profundos têm o poder de me excitar no mesmo instante. Não consigo resistir a eles.

— Amanhã quero ensinar outro prato a você — declara, decidido. — Antes, porém, vamos colher a perpétua-das-areias no recife.

— E o que é a perpétua-das-areias? — pergunto, com o tom de uma estudante curiosa.

— É uma flor selvagem, de cor amarelo-ouro, típica das ilhas do Sul — explica. — Colhemos pequenos ramos e os desidratamos. São ideais para dar sabor ao frango, aos risotos e a alguns outros pratos, têm um aroma entre o curry e o alcaçuz.

— Parece bom — comento, já sentindo seu gosto, e penso nos meus amados, inseparáveis palitinhos de alcaçuz. Desde que cheguei aqui não como. — Você sabe reconhecer as especiarias? — eu pergunto, então.

— Claro. É uma das primeiras coisas que se deve saber para se tornar um chef. Para cozinhar bem, devemos conhecer todas as matérias-primas, sem nunca perder o contato com a terra — ele me explica, pegando um punhado de areia preta.

Concordo, arrebatada. Leonardo é exatamente assim: vive perfeitamente integrado com o mundo que o rodeia, com uma harmonia que eu, desajeitada e quase sempre pouco à vontade no meio das pessoas, sempre invejei.

— Cuidado pra não queimar as costas — diz, então.

— Eu queria que você me passasse mais um pouco de filtro solar. — Dou um sorrisinho malicioso para ele, de gata.

— Se é assim... — ele me atravessa com os olhos.

Sorrindo para ele, me viro e deito de barriga para baixo. Ele vasculha na bolsa e pega o tubo de filtro fator 30. Mesmo depois de dias de mar, minha pele branquíssima precisa de uma proteção alta.

Leonardo ajoelha-se ao meu lado, coloca meus cabelos para a frente,

solta o laço do biquíni e, devagar, com uma pressão decidida dos dedos, me lambuza de protetor solar. Tem mãos de ouro; quando me toca, cada músculo do meu corpo fica tensionado e relaxa um instante depois, dando-me uma sensação magnífica.

— Leo, é fantástico — sussurro, os braços ao lado dos quadris.

— Você gosta?

— Demais.

Ele pega mais um pouco de creme e começa a espalhá-lo nas minhas pernas, partindo dos tornozelos e subindo com um movimento muito suave até as coxas. Queria que não parasse mais, mas de repente suas mãos ficam imóveis.

— Ai, meu Deus... — eu o ouço sussurrar entre dentes. — Que diabos ela está fazendo aqui?

— Ela, quem? — Levanto a cabeça, tentando sair do meu estado de inércia.

A cerca de 10 metros de nós, meus olhos focalizam Lucrezia. Tem a aparência de uma Medusa surgida da areia, imóvel e majestosa, logo penso. Usa um vestido de alcinha de renda branco acima do joelho e sua pele está morena. Os cabelos soltos nos ombros se mexem ao vento como serpentes vivas e os olhos profundos e escuros jorram raiva, ódio, espanto. Fica lá plantada, com a expressão de quem está assistindo a um espetáculo inesperado e vergonhoso. Assim que percebe que estamos olhando para ela, anda para trás.

— Lucrezia!

Leonardo fica de pé num pulo e dá um passo em direção a ela. Eu amarro às pressas o biquíni nas costas e me sento. Ela anda mais para trás, depois se vira e foge, balbuciando algo incompreensível.

— Espere! — ele grita atrás dela, mas Lucrezia começa a correr, chutando a areia como um cavalo enlouquecido.

Levanto e chego perto de Leonardo, procurando seu olhar. Se eu estou perturbada, ele está completamente transtornado.

— Não sei por que veio aqui, mas infelizmente não esperava me encontrar com você — explica, gesticulando muito.

— Você tem que ir atrás dela agora — eu o aconselho sem hesitar.

Ele segura meus ombros e me olha nos olhos:

— Vá pra casa, enquanto isso. Eu vou encontrar você assim que falar com ela. Não vou demorar muito, mas tenho que garantir que esteja bem.

— Tudo bem, mas qualquer problema me liga — digo, com a voz cheia de preocupação. Não sei por quê, mas um pressentimento triste me invadiu de repente.

— Fique tranquila. — Dá um beijo na minha testa e então vai, com passos rápidos, na mesma direção em que Lucrezia desapareceu.

Com o coração agitado, cato nossas coisas, amarro a canga em cima do biquíni ainda úmido e vou para casa.

Devo ter feito esse caminho dezenas de vezes, já o conheço perfeitamente a essa altura, mas agora parece que não me lembro direito. Ando com uma lentidão extenuante, como se tivesse dificuldade para mexer as pernas, e me pergunto o que esperar da explosão de Lucrezia. Estou transtornada pelas emoções, e não consigo entender se tenho mais raiva ou mais medo. Mas uma única, implacável pergunta ecoa na minha cabeça: por que ela voltou?

Quanto mais eu penso nisso, mais a resposta me parece evidente, inevitável em sua clareza: ela veio procurá-lo, sempre fará isso, não deixará o casamento deles naufragar. E eu nunca vou poder fazer nada a respeito.

Levanto os olhos em direção ao vulcão, que justamente neste momento se exibe em uma de suas magníficas baforadas. Quando olho para baixo, noto uma figura a distância, uma mancha branca e morena que desponta fúnebre no topo de uma rocha acima do mar: é Lucrezia. Está olhando para baixo e está perto da beira, perigosamente perto.

Meço a altura com o olhar: devem ser cerca de 5 metros. O impacto com a água dali não deve ser mortal... se é que ela sabe nadar. Um arrepio de terror percorre a minha espinha. É claro o que está prestes a fazer. Talvez eu devesse chamar Leonardo, mas não sei onde está... Não, não há tempo. Sou *eu* que tenho que detê-la, antes que seja tarde demais. Apresso o passo e escalo a rocha. Ansiosa, tropeço numa pedra e caio, uma dor lancinante atravessa minha perna recém-recuperada, mas me forço a não pensar nisso. Eu me levanto de novo e continuo, descalça, largando a bolsa grande e os chinelos de couro, que rolam para baixo com um ruído surdo.

Lucrezia ainda não me viu, mas eu a vejo. Sua figura está cada vez mais perto, consigo enxergá-la perfeitamente. Tento chamá-la daqui:

— Lucrezia!

Não me ouve. Grito de novo seu nome, com mais força.

Naquele momento ela se vira, mas não abre a boca. Seu rosto está

banhado de lágrimas e seus olhos emanam uma dor profunda e visceral. Está tremendo, tanto que parece que pode se quebrar de uma hora para a outra.

— Lucrezia... Leonardo estava procurando você — digo, sem tomar fôlego, com o tom mais tranquilizador que consigo aparentar.

— Vá embora! Me deixe em paz. — Seu grito é engasgado.

Está fora de si, um animal ferido e disposto a tudo. Fico paralisada por alguns segundos, o instinto me diz para segurá-la e afastá-la daquele precipício, mas seu estado é um muro de arame farpado. Temo que eu a leve a pular, se arriscar dar mais um passo.

— Saia daí, por favor. Vamos conversar — tento lhe dizer.

— E você quer conversar sobre o quê? Está tudo claro até demais! Imagine, eu tinha vindo pedir a ele para começarmos de novo, para que voltasse pra casa... Fui uma completa idiota! — Ela me fulmina com o olhar. — E você também é uma desgraçada idiota. Queria que tivesse morrido debaixo daquele carro!

— Sinto muito que você tenha descoberto assim, mas eu juro que Leonardo queria lhe contar. — Minhas palavras já não têm mais significado algum, assim que saem da minha boca, eu me dou conta. Não existe nada que se possa dizer para aliviar uma dor tão absoluta e desesperada. O que faço são apenas tentativas inúteis de ganhar tempo.

Mas Lucrezia continua seu desabafo, que é quase um delírio.

— Eu não sou mais nada agora. Minha vida não tem mais sentido agora, o que faço com ela? — Sua voz é cortante, dilacera meu coração. Então me olha com os olhos acesos por uma determinação louca. — E é tudo culpa de vocês. Vocês sempre vão me carregar na consciência! — Ao dizer isso, dá um passo em direção ao precipício e ameaça se projetar no vazio. Um instante longo como uma vida.

— Lucrezia, não! — Estou a poucos metros dela, mas não perto o suficiente para segurá-la. — Não faça isso! — grito com toda a força que tenho.

Mas é inútil. *Eu* sou inútil e culpada. Lucrezia se atira e num segundo depois eu a vejo sumindo nas pedras.

Corro para olhar lá embaixo. Com as têmporas martelando e as pernas tremendo, começo a examinar as ondas, chamando seu nome a plenos pulmões. Estou implorando, suplicando ao céu que a veja reaparecer, que seu instinto de sobrevivência leve a melhor e que a traga de volta à

superfície, mas não a vejo. Por um segundo a ideia de fugir e correr para pedir ajuda passa pela minha cabeça, mas minha consciência me grita que não há tempo: estou na linha de frente, tenho que me jogar, apesar do meu medo desgraçado da água, apesar de estar suando frio e uma sensação de enjoo me atormentar por dentro. Visto daqui, o mar está a uma distância sideral e é escuro, profundo, um abismo traiçoeiro e inquietante, exatamente como nos meus piores pesadelos. Em poucos minutos esse paraíso assumiu as formas de uma paisagem catastrófica. Não importa, digo a mim mesma, tenho que pular. Coragem, Elena, esse não é o momento de ter medo.

Respiro fundo, dou um passo à frente e me jogo num vazio que parece não ter fim. Acende-se uma luz azul, distante, depois cada vez mais perto: é a água que vem ao meu encontro. E então estico as pernas, levanto os braços, fecho os olhos, prendo a respiração e finalmente estou lá dentro.

A gravidade, agora, me empurra para baixo, para o fundo, e logo abro os olhos, terrivelmente assustada ao pensar no que posso encontrar. Existe um mundo sombrio e silencioso, aqui embaixo, o fundo é escuro e a visibilidade é pouca. Estou dentro do abismo, apavorada e ao mesmo tempo determinada a salvar Lucrezia. A força da água quer me levar para cima, mas eu mexo braços e pernas para me opor a ela. Com um impulso, mergulho ainda mais fundo e dou uma volta em torno de mim mesma para vigiar o fundo. Nenhum barulho, só as batidas do meu coração.

Vejo pedras, algas, peixinhos que parecem fragmentos prateados. Será possível que tenha desaparecido? Subo devagar à superfície para tomar fôlego, e depois volto a afundar. Tenho que encontrá-la, não pode estar longe. Desvio de um recife e um instante depois uma mancha branca surge diante dos meus olhos: é ela, uma medusa enorme, sinuosa e mortal. Parece desmaiada.

Deus, por favor, faça com que esteja viva!

Eu a pego pelas axilas e, o mais rápido que posso, a levo à superfície. Estou ofegante, os pulmões queimando no meu peito. Ela está imóvel, indefesa nos meus braços. Está desmaiada e parece que com algumas costelas quebradas também. Tenho que agir devagar, mas ao mesmo tempo sair rapidamente da água.

Eu a seguro por trás, envolvendo suas costas com o braço, como vi em tantos filmes. Depois reúno toda a minha força e tento nadar em direção à margem. É uma tarefa muito difícil para mim, que mal sei nadar. As ondas

me jogam para trás o tempo todo, mas eu bato as pernas como uma louca, até meu coração explodir.

Depois que contorno o recife, felizmente se abre uma enseada com uma pequena praia. Nado naquela direção, obrigando-me a manter a calma. Lucrezia é leve, parece feita de nada, e meus músculos não cederam por completo. Em dois minutos chego a tocar o fundo com os pés, e então a arrasto atrás de mim até deitá-la na arrebentação.

Sem fôlego, eu me jogo em cima de seu corpo frio para ouvir sua respiração, se ainda existir. Nada, não a escuto, deve ter bebido muita água. Levanto suas pálpebras e encontro somente o branco das pupilas, que me enche de medo. Pego sua mão, pequena e magra, pressionando meu polegar sobre seu pulso. Uma pulsação fraca. Bom. Se existe um batimento, ainda há esperança.

Coragem, Elena. Você vai conseguir. Deve apenas se recordar dos movimentos certos. Anos se passaram, mas você tem que tentar se lembrar daquela aula de primeiros socorros que assistiu entediada na escola. Repasso mentalmente como fazer a respiração boca a boca e começo.

Inclinar a cabeça para trás: é a primeira coisa a se fazer. Eu me debruço sobre Lucrezia, apoio uma das mãos sob sua nuca e empurro para cima, enquanto com a outra faço uma pressão na testa para baixo. Fecho seu nariz com dois dedos para evitar que o ar saia, inspiro profundamente, grudo meus lábios nos seus e sopro o ar para dentro com força. Então levanto a cabeça e verifico se o tórax reage. Droga, não está respondendo.

— Elena! — Um grito distante se perde pela praia. É a voz de Leonardo. Finalmente.

Eu o vejo lá em cima, no topo da rocha.

— Leonardo — grito, desesperada, fazendo um sinal para que ele acuda.

Enquanto ele desce correndo, faço uma segunda tentativa de respiração artificial, mas Lucrezia não reage e agora parece que perdeu o batimento também.

Nesse meio-tempo, Leonardo chegou: traz o BlackBerry na mão e está chamando a emergência. Demorou um segundo, ou pelo menos me parece assim.

— Não está mais respirando. — Estou exausta, com lágrimas nos olhos. — Por favor, vamos tentar a massagem cardíaca. O socorro pode chegar tarde demais.

Leonardo inclina-se sobre Lucrezia e também começa a fazer respiração boca a boca. Depois que empurrou ar para dentro, eu apoio a palma da mão entre os seios de Lucrezia e, ajudando-me com a outra, começo a compressão. Quinze vezes, depois é Leonardo que recomeça. Sopra o ar e minhas mãos, rápidas, fazem mais quinze pressões leves.

Leonardo e eu nos entreolhamos. Está perdido como nunca tinha visto. Suas mãos tremem sobre o corpo indefeso de Lucrezia, enquanto seus olhos opacos procuram uma resposta nos meus.

— Vamos continuar — eu o animo. Não sei mais se serve para algo, mas eu não saberia que outra coisa fazer.

Não posso aguentar vê-lo tão pálido e tenso. Embora eu sinta as forças me abandonando, embora eu quisesse me entregar e explodir num choro, tenho que ser forte, por ele. Resista, Lucrezia, continuo repetindo dentro de mim como um mantra. Resista.

O helicóptero da Guarda Costeira chega enquanto tenho esses pensamentos, em tempo para nos devolver um fio de esperança. Leonardo e eu levantamos o olhar ao céu. Poucos segundos depois da aterrissagem, dois paramédicos saem da cabina e correm em nossa direção com uma maca. Explicamos o que aconteceu, eles se jogam em cima de Lucrezia, a prendem na maca prestando-lhe os primeiros socorros e a levam embora. Para o hospital de Messina.

Nós ficamos ali olhando enquanto se afastam: estamos esgotados, incapazes de dizer ou fazer qualquer coisa. Leonardo está frio e duro como uma pedra. Toco suavemente seu braço e parece que toquei uma estátua. Então minha mão desce em direção à sua e a aperta forte, para lhe dar um pouco de calor.

Estou aqui com você, amor. Não vou deixá-lo.

13

Olho pela janela e, enquanto espero Leonardo, observo a rua entupida de carros. É uma noite quente, de verão. Messina acende-se de luzes e cheira a jasmim, do porto chegam os ruídos das balsas. É uma cidade que não conheço, onde nunca imaginaria estar, e me sinto estranhamente deslocada, sem motivo: uma mão caprichosa me arrancou com violência de uma ilha de areia e silêncio para me largar numa cidade lotada e barulhenta.

Estou aqui há cinco dias, desde quando o helicóptero da Guarda Costeira transportou Lucrezia ao hospital. Eu e Leonardo nos mudamos temporariamente para a casa em que eles moravam quando eram casados. Foi ele quem me pediu para vir e eu aceitei de imediato. O que mais poderia fazer? Voltar para Roma e deixá-lo sozinho num momento tão difícil? Nunca o abandonaria, apesar de ser muito duro para mim estar aqui, no apartamento *deles*.

Lucrezia está viva, mas em suspenso entre este mundo e o outro. O choque com o mar provocou um coágulo na cabeça e um edema pulmonar agudo. Entrou em coma durante o voo no helicóptero e agora nenhum médico tem coragem de prometer que se salvará.

Leonardo se divide entre casa e hospital, não sossega. Está perdido num turbilhão de dor que o afasta de tudo e de todos, uma barreira na qual nem eu consigo penetrar. Fala pouco e na maior parte do tempo está angustiado, pensando sozinho. Em seu rosto leio que se sente responsável e culpado pelo que aconteceu: não se perdoa por ter magoado Lucrezia e tê-la levado àquele gesto extremo. Eu queria abraçá-lo, livrá-lo daquela aflição, mas não sei como: ele guarda para si todas as emoções e, principalmente, me mantém distante. Por isso tenho medo: se ele me afastar, eu poderia perdê-lo de novo. Mas tenho que ser forte, sem me entregar a dúvidas e egoísmos estúpidos em que às vezes escorrego. Existem outras prioridades, para mim, agora: Leonardo precisa de um refúgio em que possa encontrar abrigo de si mesmo e de sua dor. E esse lugar sou eu.

A porta da entrada abre-se atrás de mim. Leonardo voltou do hospital, pálido e rígido como uma máscara de cera, o rosto chupado, a expressão abatida. Viro-me e corro ao seu encontro.

— Como está Lucrezia? — pergunto, no tom mais doce e discreto que

consigo. Isso já é um ritual, e sua resposta é a mesma há dias.

— Como sempre. — Vejo a preocupação se apertar entre as rugas de sua testa. — Nenhuma melhora.

— O que dizem os médicos?

— As mesmas coisas. — Levanta os ombros. — Que pode acordar daqui a uma hora, como daqui a um ano ou a dez, ou até nunca mais.

— E você fala com ela, não é, quando está lá? Dizem que, em casos como o dela, o som de uma voz familiar pode estimular a pessoa.

— Mas é claro, Elena. — Balança a cabeça. — Falo com ela, seguro sua mão, mas tenho a impressão de que não adianta nada. — E sente raiva enquanto diz isso, frustrado com a sua impotência.

— Não pense isso. — Pego seus ombros, procuro seu olhar. — Tenho certeza de que ela ouve você.

Leonardo ergue as sobrancelhas e estica os lábios em um amarguíssimo sorriso.

— Como eu gostaria de ter a sua confiança. Mas só tenho vontade de gritar, agora. E nem isso eu consigo fazer.

Estou me esforçando para ser positiva, pensar no melhor, mas para mim também não é fácil. Estou tentando por ele.

— Você tem que acreditar, Leo, não desista, faça com que ela sinta que você ainda a quer aqui.

Ele me olha impassível, como se as minhas palavras passassem ao seu lado sem encostar nele. A angústia o domina completamente.

Então, de repente, acaricia meu rosto, olhando-me com uma doçura que me dilacera.

Sem dizer nada ele me abraça. E dentro desse abraço finalmente sinto toda a gratidão, o cansaço, a necessidade de se abandonar e, pelo menos uma vez, de se entregar a alguém. Leonardo encosta sua testa na minha e suas lágrimas silenciosas molham meu rosto.

— Obrigado pelo que você fez, pela coragem que teve. E obrigado por estar aqui, pelo que ainda está fazendo. É difícil ficar ao meu lado, eu sei. Não sou bom com as palavras quando se trata de mim, mas você me conhece e...

— Shhh. Chega — sussurro, tapando sua boca com os dedos. — Você não tem que me agradecer. Só fiz o que era certo. Não poderia estar em nenhum lugar, a não ser ao seu lado.

— Você é a primeira pessoa em quem consigo confiar completamente,

com quem sinto que posso contar.

— Eu te amo. E ficar perto de você é o único jeito que conheço para demonstrar isso.

Roça minha testa com um beijo que tem gosto de dor e gratidão. Então, devagar, afasta-se de mim.

— Agora vou pra cama, Elena. Nem sonho em dormir, mas queria pelo menos tentar descansar.

— Aquele pouco que você comeu mais cedo foi suficiente? — pergunto, preocupada. Nos últimos dias fui eu que cuidei do almoço e do jantar, ele perdeu até a vontade de cozinhar. E de comer também, ao que parece. — Fiz um doce, se estiver com vontade — arrisco.

— Desculpe, mas não estou mais com fome — responde, e a voz some num sussurro. Eu o deixo ir, não faz sentido insistir, mas fico muito comovida. — Mas se depois você vier pro quarto dormir comigo, vou ficar feliz — acrescenta.

— Dou um jeitinho na cozinha e vou.

Eu o olho desaparecer depois da porta, com os ombros tão largos e musculosos curvados de dor.

Esta casa fala de Lucrezia em cada canto: suas roupas, os CDs de música clássica, as joias étnicas, até seus cigarros. Às vezes quase parece que sinto seu cheiro, a voz, os passos leves, e é uma presença que me perturba, mas com a qual tenho que aprender a lidar. Afinal, é como se eu estivesse invadindo seus espaços: lembranças, imagens, momentos que pertencem somente a ela e a Leonardo. Na sala ainda estão as fotos do casamento deles: são tão jovens, ele sem barba mas de bigode e com os cabelos penteados para trás; ela com um coque romântico e aqueles olhos que jorram sensualidade e magia, mesmo cobertos pelo véu.

Ter que me deparar todos os dias com um passado que parece indestrutível é muito duro, mas neste momento o que eu sinto não conta.

Depois de ter limpado a cozinha às pressas — ainda não sou capaz de trabalhar sem fazer sujeira como os grandes chefs — vou até Leonardo no quarto. Está deitado na cama sem camisa, os olhos fechados, as mãos cruzadas embaixo da cabeça. Ainda não está dormindo, intuo pelo modo como respira: seu peito se levanta e se abaixa de um jeito ritmado e seus olhos parecem se mexer sob as pálpebras.

Tentando não fazer barulho, tiro a roupa, colocando-a na cadeira. De

calcinha e camiseta de alça subo na cama e me aninho ao seu lado.

— Finalmente você está aqui — sussurra, procurando minha coxa com a mão.

Viro-me para o lado dele e toco seus cabelos com doçura.

— Se virar de barriga para baixo, faço uma massagem em você.

— Ótimo — ele suspira. — Minhas costas estão quebradas — confessa e, rápido, se vira.

— Eu sei — percorro sua nuca com o dedo —, toda a sua tensão se acumulou aqui.

Eu me ajoelho, encaixando sua cintura entre as pernas e começo a massagem pela cabeça, seguindo o ritmo da minha respiração. Abro os dedos como um leque e acaricio seu couro cabeludo com movimentos lentos e circulares, como se quisesse acalmar o fluxo dos seus pensamentos. Sinto que está se entregando. Então apoio as palmas abertas no topo de sua cabeça, cruzo os polegares e pressiono levemente, contando até três, depois relaxo. Continuo assim, seguindo uma linha imaginária que vai da cabeça à raiz dos cabelos. Leonardo solta alguns resmungos fracos, seus músculos cedem. Está se abandonando e eu me alegro ao pensar que posso lhe dar o que o faz se sentir bem, mesmo que somente por um instante.

— Tente relaxar, esvazie a mente — sussurro em seu ouvido e, com a ponta dos dedos, desarrumo seus cabelos. Quero libertá-lo, fazer com que esqueça por alguns minutos o caos lá fora.

Deslizo com as mãos por seus ombros fortes e movimento os polegares, pressionando e amassando sua carne como se fosse argila. Então percorro suas costas com as palmas abertas e, usando os antebraços também, massageio primeiro com toques leves, depois mais vigorosos. Desço e subo, vou para seus braços, minhas mãos dançam e se entrelaçam às suas num fogo de energia palpável. Amo este homem e faria tudo o que pudesse para fazê-lo esquecer a dor que carrega dentro de si.

Leonardo aperta minhas mãos com doçura.

— Eu estava precisando — murmura no travesseiro.

Eu faço carinho em suas costas desenhando um grande círculo, então me deito de lado e deixo que ele se vire para mim: seus olhos estão nos meus, agora. Não é um olhar carregado de atração sexual, mas de algo que nos une ainda mais, algo que corre invisível entre nós e nos faz sentir como átomos de uma mesma molécula.

— Aquele quadro é muito bonito — observo, de repente, indicando com o queixo a parede atrás dele. É uma *Anunciação* que tem o estilo de uma pintura do período pré-Rafael, uma daquelas esplêndidas telas sonhadoras e sensuais de Dante Gabriel Rossetti.

Ele vira levemente o rosto, olha o quadro por um instante e, quando se vira de novo para o meu lado, um sorriso se desenha em seus lábios.

— Meus pais que me deram — explica, comovido.

— Gosto muito dele. Parece quase mágico — comento, fascinada.

Ele me abraça, fazendo carinho no meu ombro com a ponta dos dedos, como se estivesse pensando em alguma coisa e, depois de um instante, sentencia:

— Quero que o leve com você quando voltarmos para Roma.

— Mesmo? — Eu me sinto embaraçada.

— Sim, Elena. — Ele me abraça forte. — Vamos pendurá-lo na *nossa* casa.

Essa declaração, feita com tanta naturalidade, carrega um significado que quase tenho medo de considerar. Eu afasto essa ideia com um leve movimento da cabeça. Agora não, Elena.

Ficamos grudados como conchas e um pouco depois pegamos no sono, ninados pela música das nossas respirações.

Quando Leonardo está no hospital, eu fico em casa pintando ou vou fazer compras no mercado de peixe ou de fruta. Messina é uma cidade muito dinâmica, há sempre o cheiro de maresia e algo de antigo e decadente ao qual é impossível não se entregar. Entrei na catedral duas vezes, e não apenas para visitá-la com olhos de restauradora. Embora eu tenha cortado relações com a fé há bastante tempo, comecei a rezar para que esse pesadelo termine logo e Lucrezia se recupere e viva melhor do que antes. Por ela, por Leonardo, por mim.

Esta manhã, com grande dificuldade, estou pintando uma das ilustrações para o livro de receitas: *penne all'eoliana*, que Leonardo preparou para mim muitas vezes durante nossa estada em Stromboli.

Uma luz bonita passa pelas portas da varanda, perfeita para pintar, mas não estou inspirada, minha mão não está estável, a tinta borra, as formas me escapam. Estou com preocupações demais e, considerando que ele não cozinha o prato há dias, custo a me lembrar, a não ser de um modo desfocado, da apresentação que ele fazia.

Mergulho o pincel no copo d'água e faço menção de sair para tomar um pouco de ar, quando meu telefone toca. É ele.

— Leo — atendo.

— Elena, tenho novidades. — Consigo captar um tom de alívio, mas não sei bem o que esperar.

— Fale, estou ouvindo.

— Lucrezia acordou. — Sua voz, agora, vibra de uma emoção profunda. E ele está sorrindo de novo, eu sei, eu sinto, mesmo sem vê-lo.

— Jura?

— Sim, Elena. Abriu os olhos há uma hora, mas eu queria falar com os médicos antes de ligar pra você.

— Meu Deus, estou muito feliz! — exclamo, eufórica e comovida, enquanto sinto uma lágrima involuntária descer pelo meu rosto. — Mas como está agora?

— Está fora de perigo, está bem. Vou ficar aqui mais um pouco e depois volto pra casa. Nós nos vemos à noite.

— Tudo bem, até a noite.

Desligo e sorrio. Sinto-me leve, transparente. E sinto uma repentina vontade de dançar.

Nos dois dias seguintes Leonardo parece ter renascido. Continua indo e vindo do hospital, mas com um espírito totalmente diferente. É uma alegria para os olhos vê-lo voltar a viver.

Eu continuo me informando sobre a saúde de Lucrezia: é estranho, eu sei, mas gostaria de ir visitá-la, embora não me atreva a pedir isso.

Uma noite, porém, Leonardo me anuncia que é ela que quer me ver:

— Perguntou por você, disse que quer falar com você. Está disposta?

No início fico um pouco perplexa, mas depois, de repente, sinto que nosso encontro é inevitável, e era o verdadeiro motivo pelo qual resisti aqui ao lado de Leonardo todos esses dias.

— Está bem — respondo. — Amanhã vou ao hospital com você.

A sala de espera do setor de terapia intensiva tem as paredes pintadas de amarelo e poltronas verdes de plástico, muito desconfortáveis e um pouco pobres. Estou sentada aqui há alguns minutos, aguardando, e já comecei a suar frio. Leonardo entrou para avisar a minha chegada. A ideia de ter que encontrar Lucrezia me deixa muitíssimo agitada. É verdade, eu

a salvei e rezei para que acordasse, mas estou com medo: não quero mais sofrer as consequências de todo o mal que cerca sua alma. Pego da mesa um jornal que alguém deixou ali; é de ontem, mas começo a folheá-lo mesmo assim, mais para me distrair do que para realmente ler as notícias. Não dá certo. Na minha cabeça há um redemoinho de pensamentos contraditórios que não consigo controlar. Por que ela quer me ver? Não posso continuar me perguntando isso, e as respostas possíveis são sempre cada vez mais angustiantes.

Leonardo chega à porta.

— Venha, Elena. — Faz um gesto para que eu me levante. — Lucrezia está esperando você.

— Ela quer me ver sozinha? — pergunto, indo em sua direção.

Ele concorda com a cabeça.

— Os médicos não querem mais de uma pessoa no quarto — explica. — E Lucrezia quer falar só com você nesse momento.

— Tudo bem — digo, hesitante.

Leonardo abre a porta do quarto e me dá um tapinha nas costas, como se quisesse me encorajar. Respiro fundo e entro na ponta dos pés.

— Com licença — digo em voz baixa.

O lugar está na penumbra, envolvido num silêncio pesado. O único ruído é o do monitor que controla os batimentos cardíacos, e é suficiente para preencher o vazio.

— Entre, Elena. — Lucrezia levanta o braço livre do soro e, com um gesto, me convida a chegar mais perto.

Parece outra mulher. Não há mais sombra de arrogância em seu rosto, não há mais maldade nem rancor, mas uma estranha imobilidade que dá um aspecto trágico e contido aos seus traços.

Eu chego perto da cama. Não sei o que dizer nem o que fazer, então aguardo que Lucrezia fale primeiro. No fundo, foi ela quem me quis aqui.

— Espero que você não esteja esperando um obrigada — ela me diz, de cara, com voz fraca, mas firme. Os lábios formam uma linha dura e tenho quase a impressão de captar um indício de reprovação em seu tom. Eu me atrapalho procurando uma resposta, mas antes que eu resolva falar é ela quem continua. — Sabe, quando pulei daquela rocha, estava realmente decidida a morrer, nunca pensaria que alguém, muito menos você, quisesse me salvar. Você estragou meus planos, Elena.

— Espero que você não espere um pedido de desculpas.

Ela sorri, talvez surpresa com o meu descaramento. É uma mulher que conservou o senso de ironia intacto, mesmo depois de tudo que passou.

— Não, claro que não.

— Bom, porque sei que fiz a coisa certa. Queria que você também pensasse assim, mas não cabe a mim convencê-la.

— Por quê? — ela me pergunta, fincando em mim aqueles olhos pretos como a noite. — Por que fez aquilo? Por que arriscou a vida por mim? Por que quer que eu viva? — Não há sinal de gratidão ou simpatia, agora, nem em sua voz, nem em seus traços duros: quer entender.

— Não sei. Acho que a vida de Leonardo, e, portanto, a minha também, seria muito pior se você tivesse conseguido se matar.

— E era justamente isso que eu queria: arruinar a vida de vocês. Quando os vi juntos naquela praia, foi mais forte que eu. Eu me senti prisioneira de um instinto louco e pensei que o único jeito de castigar o amor de vocês seria me matar. — Seu olhar se fixa num ponto imaginário, muito distante daqui.

Ficamos em silêncio por um longo momento, então Lucrezia volta dos lugares obscuros nos quais se refugiara e me observa. Estuda meu rosto, minhas mãos, minha roupa. Parece estar procurando algo. Em poucos segundos mudou, tem um olhar intenso e vivo, como se seus olhos estivessem aquecidos por uma nova esperança.

— É estranho — diz, de repente, distraída. — Eu achava que odiava você, mas percebo que não consigo. E é quase mais difícil assim, porque sem esse ódio eu me sinto perdida, esvaziada.

— Sinto muito. Eu...

— Deixe isso pra lá, Elena — ela me interrompe, brusca. Esta mulher é imprevisível, em seus humores e em suas escolhas, e não sou capaz de imaginar como pode ter sido para Leonardo ficar ao seu lado. — Não quero ser consolada, não quero que ninguém tenha pena de mim. — Engole, depois contrai a testa numa expressão dolorosa. — Sabe de uma coisa, Elena? Há anos eu faço análise e me submeto a tratamentos psiquiátricos e finalmente entendi que não são nem você nem Leonardo a causa do meu mal: eu tenho esse mal dentro de mim e ninguém pode fazer nada a respeito. Às vezes perco o controle, às vezes não consigo controlar as emoções e descarrego a minha energia de um jeito violento. Sinto a necessidade de fazer mal a mim mesma e aos outros. — Para de falar e curva os lábios numa espécie de sorriso cheio de dor, amargura,

resignação. — Essa é a versão dos médicos, pelo menos. Já eu não vejo problema em me definir “louca”. Não são as palavras que me dão medo.

Eu a escuto, incrédula e intimamente comovida. Lucrezia, tão pequena, pálida, dura, nessa cama, parece estar carregando um peso grande demais, desproporcional à sua magreza.

— Também entendi outra coisa nos últimos dias, depois que abri os olhos e me dei conta do que fiz: isso tudo não tem nada a ver com o amor. O que sentia era egoísmo, sentimento de posse, talvez: não amo mais Leonardo há tempos, como ele não me ama. Embora um fio invisível nos una pra sempre — admite, e respira fundo, como se quisesse restabelecer um equilíbrio dentro de si. — Tive que ir ao fundo do poço, em todos os sentidos, chegar a um ponto sem volta. E realmente às vezes acho que teria sido melhor se você tivesse me deixado ali, no abismo. Minha vida daqui por diante não será nada fácil, não foi até agora, e vai continuar sendo uma grande dificuldade. Mas tenho que levar adiante minha batalha, e tenho que conseguir sozinha, não posso mais me iludir que Leonardo lute por mim. Ele já fez muito e agora merece descansar, ser feliz. E, quem sabe, junto com você ele poderá ser.

Abaixa os olhos, como se sentisse vergonha do que acabou de dizer. E eu também deixo meu olhar vagando, perturbada, quase incapaz de acolher suas palavras.

— E você, vai conseguir ser feliz sem ele? — pergunto, com voz entrecortada.

— Não sei. — Encolhe os ombros. — Mas tenho que tentar.

— Você sabe, não é, que pode contar sempre com Leonardo? — eu pergunto, um instante depois.

— Sim, eu sei.

Eu a vejo levantar um pouco a mão na minha direção, eu a seguro e aperto. É seu jeito de fazer as pazes comigo, firmando um pacto silencioso: somos duas mulheres reunidas pelo destino e que se chocaram, mas que agora pararam de se machucar.

Vou até a porta e antes de sair me viro mais uma vez. Ela se despede de mim com um gesto da cabeça.

— Se cuide, Elena, e cuide dele também.

Eu a olho e não acho voz para responder. Antes que ela veja meus olhos brilhando, eu lhe sorrio e saio.

Fora do quarto, encontro Leonardo me esperando. Está em pé, encostado ao corrimão, o olhar intenso e os lábios esboçando um sorriso, como se já soubesse o que aconteceu.

Abre os braços e eu deslizo em sua direção, abandonando-me em seu peito. Finalmente posso chorar, e são lágrimas de angústia e alívio ao mesmo tempo.

Acabou tudo. A nossa nova vida agora pode começar.

14

É o primeiro dia de verão e o céu de Roma, visto do terraço da nossa casa, parece uma cúpula azul infinita.

Antes ainda de voltar de Messina, Leonardo pediu para eu me mudar para o loft dele em Trastevere. Este é o nosso primeiro apartamento de verdade juntos e ainda não consigo acreditar: agora somos oficialmente um casal. Quase tenho medo de pronunciar essa palavra. Não deixamos de ser amantes que desafiam as regras, com Leonardo essa opção nem existe, mas a coisa fantástica é que agora não temos mais que nos esconder, nem de nós mesmos. Podemos dizer "te amo" para o mundo inteiro ouvir, finalmente, e é isso que estamos fazendo nos últimos dias, numa espécie de ritual de libertação.

Esta noite vamos dar uma festa para todos os nossos amigos mais queridos. Passei a tarde inteira cozinhando com ele e arrumando o terraço como se fosse um grande evento: por todo o lado há ramalhetes de flores e tule, guirlandas de ervas aromáticas, luminárias que acenderemos quando escurecer e o céu estiver cheio de estrelas.

Estou conferindo se está tudo no lugar certo, quando ouço o estrondo inconfundível da Ducati. Coloco o vaso que pretendia mudar de lugar no chão e me debruço no parapeito para acenar ao meu Leo. Ele estaciona em frente ao prédio, tira o capacete e me olha, dando-me um de seus sorrisos estonteantes. Parece incrível, mas quanto mais o tempo passa, mais eu gosto desse homem. E o desejo cada vez mais.

— Abre o portãozinho pra mim? — grita, descendo da moto e descarregando algumas sacolas de papel.

— Comprou o vinho? — eu pergunto, como resposta.

— Claro... — Daqui não consigo enxergar direito, mas intuo um sorrisinho misterioso em seus lábios. O que será que está me escondendo? Vou correndo abrir.

Leonardo entra, coloca as garrafas de bebida no chão e, pegando-me pela cintura, me dá um beijo gostoso nos lábios.

— Tenho uma surpresa pra você.

Então eu estava certa! Ele me solta um pouco e tira algo do bolso de sua jaqueta de motociclista. É um livro.

— Meu Deus! — exclamo. — Seu livro de receitas!

— *Nosso* livro — ele me corrige. — Esta é só uma amostra, uma prova,

como me disseram na editora: daqui a um mês estaremos na livraria, amor.

— Está lindo. — Eu o seguro como se fosse um manuscrito medieval precioso, sem conseguir acreditar, observando-o por todos os lados, em cada detalhe.

A capa é simples, mas chama a atenção: num fundo claro, a imagem de uma romã com um corte vermelho vivo, de onde caíram algumas sementes. O símbolo da nossa história, o fruto do qual tudo começou, naquele dia de um ano e meio atrás, que agora me parece tão distante.

Eu o abro e vejo que na folha de rosto, embaixo do nome de Leonardo, o autor, aparece o meu:

— Com ilustrações de Elena Volpe — leio em voz alta, com os olhos arregalados de surpresa.

Ele me aperta nos braços, pegando-me por trás e apoiando o queixo em meu ombro.

— Suas ilustrações estão lindas — ele me convida a olhar.

Folheio as páginas e confiro meus desenhos um a um, as cores ficaram ainda mais vivas por causa da ótima impressão. Ao lado de cada um, a descrição do prato que representam.

— Nossa... Nós fomos ótimos mesmo. — Sorrio.

— Parece mais um catálogo de arte do que um livro de receitas — comenta.

Ele me beija outra vez, empurrando-me para a mesa da cozinha, onde até um momento antes eu estava preparando um tiramisù com coco. A essa altura já não dependo dele na cozinha. Depois se solta de mim e passa o olho na confusão de frigideiras e utensílios que estão na bancada.

— Elena, você foi muito má — sussurra no meu ouvido. — A regra da cozinha sempre arrumada não entra na sua cabeça de jeito nenhum... Vou ter que colocá-la de castigo por isso — ele me repreende.

Encolho os ombros com um sorrisinho culpado. Ele mergulha dois dedos na taça de creme que sobrou e os leva à boca para provar.

— Vamos ver como está o resto — diz, arqueando a sobrancelha.

— Não suporto quando você dá uma de sabichão — rebato, colocando as mãos nos quadris.

— Nada mal — sentencia, depois de lamber os dedos. Como posso me irritar diante de um juiz tão sexy? — Você o colocou na geladeira?

— Claro.

— Muito bem. — Dá um tapinha no meu bumbum. — E em que ponto

está com as outras coisas? — pergunta, olhando ao redor. A cozinha está um caos completo.

— Estamos superatrasados — confesso. — As entradas e o segundo prato estão quase prontos, mas falta preparar a massa. — Levanto os olhos para o céu, exibindo um sorriso brincalhão. — Eu estava contando com a chegada do chef pra isso.

— Você sabe que o chef só dá o toque final — ele me provoca, beliscando meu quadril.

— Acho que desta vez você terá que cuidar das operações *preliminares* também — esclareço, cutucando seu quadril com o dedo.

Enquanto isso do rádio se espalha pela casa um tango emocionante do Gotan Project. Leonardo inclina a cabeça, me dá um sorriso diabólico e me estende a mão. Eu a seguro, me apoio em seus ombros musculosos, envolvidos pela camiseta branca, e me deixo levar por seu corpo sinuoso. Não sei onde aprendeu a dançar, mas sabe fazer isso muito bem, tanto que, guiada por ele, tenho a impressão de que também sou menos desajeitada. Ele me faz fazer um *ocho*, depois me acompanha num *casqué* e, levantando-me, me beija. Nossas línguas se entrelaçam, enquanto nossas mãos se apertam com força. Sorrimos um para o outro, depois nossas bocas se afastam e ele me faz rodopiar mais uma vez, sussurrando no meu ouvido a letra da música. Tem um sotaque espanhol perfeito e irresistível.

De repente a canção acaba, deixando-nos sem fôlego. Um silêncio cheio de erotismo cai sobre nós. Leonardo me empurra até eu me encostar à ilha de mármore no meio da cozinha. Olha nos meus olhos e não precisa falar para que eu entenda o que tem a me dizer: ele me quer e eu o quero.

— Agora? — pergunto num sopro, enroscando-me em seu pescoço. — Nossos amigos chegarão daqui a pouco. — E eu também tenho que trocar de roupa, porque nesse estado, o vestido manchado de chocolate e os cabelos sujos de farinha, não estou apresentável.

— Isso quer dizer que terão que nos esperar um pouco — murmura. Então mergulha novamente o dedo no creme do tiramisù e o espalha na minha boca, pintando uma linha horizontal que logo apaga, passando a língua por cima.

Meus lábios impacientes se abrem para receber os seus. No céu da boca sinto o sabor doce do creme junto com o dele, selvagem. Leonardo me levanta pelas coxas e me coloca na bancada. Ergue meu vestido, mostrando a calcinha. Depois, pressionando minhas costas com a mão, me puxa para

si. Engancho as pernas em seus quadris e sinto sua ereção perto do meu sexo, já molhado de desejo.

Nós nos beijamos de novo, desta vez com mais força, como dois amantes que se conhecem há muito tempo, mas ainda têm infinitas coisas para contar através do corpo. Uma alça do vestido escorrega para baixo e Leonardo agarra meu seio, o chupa, apertando docemente o mamilo com movimentos leves, de língua e dentes ao mesmo tempo. Solto o cinto de sua calça jeans e abro o fecho, liberando sua ereção. Depois reclino a cabeça para trás, arrebatada por essa agonia, até me abandonar de costas sobre o mármore. Com a mão empurro para longe o cesto de laranjas vermelhas, que quicam no chão, rolando como bolas de fogo. Leonardo está em cima de mim, seus olhos pretos em brasa me encaram diretamente. Sua mão se insinua debaixo da minha calcinha e afunda, segura, no meu sexo, enquanto sua língua continua lambendo meu mamilo. Sinto um desejo incontrolável, agora, e pego sua cabeça, apertando-o a mim.

Ele sopra sua respiração ofegante em mim e me tortura sem parar com a renda da calcinha, segurando-a e depois a esfregando na minha vagina.

Solto um pequeno grito.

— Arranca! — exijo, mordendo meu lábio.

— O quê? — Leonardo puxa a renda com mais força, fingindo não ter entendido.

— Arranca, por favor — repito, agora gemendo.

Um sorrisinho diabólico desenha-se em seus lábios, enquanto o tecido rasga em suas mãos e a calcinha cai no chão.

Leonardo tira a cueca e a calça com um único gesto e, puxando-me pelos joelhos, entra lentamente em mim. Estou molhada e quente como ele quer, e como não posso evitar estar cada vez que se aproxima.

Voltamos a nos beijar. Coloca a mão debaixo da minha bunda e, com um impulso, me puxa da bancada. Eu o mantenho dentro de mim e, agarrando-me ao seu pescoço, deixo que me pegue nos braços. Ele me segura um pouco assim, cravando o olhar no meu, seu sexo no meu. Agora seus beijos ficaram mais doces, delicados, de uma ternura comovente.

— Você é linda, Elena.

Então, de repente, me empurra na pia. Meu traseiro desliza sobre o aço frio, mas não me importo, minha carne sente só o seu calor.

Com um impulso ele sai de mim.

— Me chupa, sente o seu gosto — ele me suplica. E é impossível não me

ajoelhar e recebê-lo na minha boca: o que chupo é ele e meu próprio desejo. Desejo por esse homem que adoro mais do que tudo.

Eu o lambo com ardor, até ele sair dos meus lábios e voltar para dentro de mim outra vez. Ele envolve minha cintura por trás com uma das mãos e apoia a outra na bancada, como se quisesse dar estabilidade ao nosso equilíbrio precário. As investidas aumentam, seguras e vigorosas. Tento me segurar na pia, mas de repente minha mão bate no abridor da torneira. O jato de água fria atinge as minhas costas. Sou arrepios e paixão.

— Ahhh! — gemo alto por causa dessa sensação inesperada que percorre meu corpo. Frio que se mistura com calor, água na pele, fogo queimando por dentro.

Com a mão Leonardo pega a água e a espalha no meu rosto e nos meus seios, me proporcionando uma emoção celestial. Não vou conseguir resistir por muito tempo. Eu o afasto de mim um instante e escorrego para baixo.

— Agora por trás — digo, decidida, virando de costas para ele, e me apoio com as mãos à superfície da pia, arqueando as costas como uma gata.

— Oh, isso, Elena, é assim que eu gosto — grunhe, puxando-me para si. Sua voz atravessa meus ouvidos e chega direto ao meu coração.

Rápido, levanta meu vestido encharcado e entrelaça sua mão com a minha, pressionando-a no mármore. Depois corre a língua pelas costas, arranhando minha pele com o brinco, e me penetra: molhada e aberta.

— Me morde — imploro, segurando um gemido. Preciso sentir na pele seu desejo.

Então ele afunda os dentes no meu pescoço, depois no ombro, e aumenta o ritmo.

Grito, sem conseguir mais me controlar.

— Estou quase gozando — digo num sopro.

— Ainda não é o momento — ele diz, saindo de mim de repente e me deixando atordoada e insatisfeita.

Acaricia de novo a minha bunda, depois arranca meu vestido, me pega nos braços e me leva para o nosso quarto. Depois de poucos instantes me deita sobre os lençóis de seda. Esta é a primeira cama realmente nossa e, aos meus olhos, ainda tem aquela espécie de aura sagrada que envolve todas as coisas importantes.

Agora Leonardo está deitado em cima de mim, os olhos entreabertos e um desejo incontrolável para libertar. Ele me penetra com um impulso brusco, mas perfeito.

Eu o olho, seu rosto tão bonito, depois olho a *Anunciação* pendurada na parede, o quadro que trouxemos de Messina. E depois não vejo mais nada, fecho os olhos e deixo que os nossos sexos se enfrentem numa luta que é só amor. Nós nos beijamos intensamente. Leonardo pressiona, desliza para dentro e para fora, para cima e para baixo, depois mais fundo, cada vez mais forte. Geme. Sinto seu pau bater na minha pele e depois naufragar dentro de mim. Não resisto mais. E então um orgasmo chega como uma onda misteriosa que parte de longe, alcança minha cabeça e me faz tremer toda. Sua semente se espalha quente na minha carne molhada e eu explodo, me despedaço sob seus braços em partículas invisíveis de êxtase.

Leonardo desaba sobre mim, grudando seu corpo suado no meu.

— Te amo, Elena — sopra nos meus lábios.

Respiro.

— Te amo, Leo. — Dizer isso não dá mais medo, mas é sempre algo imenso, algo que cada vez me faz pequena e me deixa sem fôlego.

Ficamos na cama um pouco, no meio do frescor e do perfume dos nossos lençóis, desfrutando o barulho que sobe da rua e a música das nossas respirações. Então nos procuramos de novo, com as mãos, com a boca, e enfim com o sexo: a paixão que corre entre nós é um fogo vivo, que nunca se apaga. Estamos quase fazendo amor de novo, mas o toque de uma mensagem de texto nos detém. Pego meu iPhone na mesinha de cabeceira e leio em voz alta:

Estamos no táxi!
Chegamos daqui a 15 minutos.
Beijos

— Gaia e Samuel — comunico a Leonardo. Depois olho a hora no telefone e me dou conta de que são quase oito horas. Tenho que me arrumar (ainda não escolhi que roupa usar!) e, além disso, ainda temos que preparar a massa. Por que quando fazemos amor sempre perdemos a noção do tempo?

— Leo, está supertarde! — digo com uma expressão desesperada, colocando o iPhone em frente aos seus olhos.

Ele parece achar graça.

— Relaxe, Elena... Nada de pânico! Você parece Ugo, um assistente meu, sempre apavorado — debocha. — Vamos lá, vá se arrumar. — Seu tom é o

mais tranquilizador do mundo. — Eu cuido do resto. — Pisca para mim, como se dissesse "você é um desastre, mas te amo por causa disso também".

Corro para o banheiro, tomo um banho voando e tento secar de qualquer jeito o cabelo, que obviamente não quer saber de ficar liso. Dadas as circunstâncias, tenho que optar por um visual "efeito molhado", assim também economizo tempo. Enquanto Leonardo sai do outro banheiro, já vestido, barbeado e cheiroso — por que os homens são tão rápidos? — eu me jogo no closet em busca de uma roupa adequada e, no fim, escolho um minivestido Lacoste de listinhas brancas e azuis. Será uma noite informal, a única que sempre se apresenta com um visual elegantíssimo é Gaia. Mas a estilosa foi avisada:

— Não apareça de salto alto, ou não deixo você entrar — eu a intimei por telefone outro dia.

— Ele, vou de salto 15! — ela me respondeu. E então explodimos numa gargalhada. Não vejo a hora de vê-la de novo.

Estou passando um fio de delineador, quando o interfone toca. Já? O casalzinho veio rápido.

— Leo, você atende? Por favor — grito do banheiro.

— Tudo bem — diz, e ouço um barulho de pratos e panelas ao fundo. Sabe-se lá o que está inventando...

Quando abre a porta, reconheço uma voz feminina, mas não é a de Gaia: dou uma olhada e vejo Paola junto com Monique, sua namorada — sim, agora é oficial! Há outra garota com elas também, mais nova. Poderia ser a irmã de Monique, pela semelhança.

— Chegamos um pouco adiantadas — Paola se desculpa. — Espero não termos interrompido nada — ela me diz, me estudando com olhar malicioso.

Será que minha cara de quem acabou de fazer amor está tão clara assim?

— Claro que não, estávamos no fogão. — Escondo o embaraço com um sorriso.

— Esta é Valérie — ela diz, me mostrando a menina que não conheço.

— Minha irmã — explica Monique.

Valérie dá um passo à frente e aperta minha mão.

— *Bonsoir* — ela me cumprimenta. Deve ter 20 anos ou um pouco mais. É uma morena muito bonitinha de pele clara, traços finos, cabelo

estilo Joãozinho assimétrico e brincos em forma de caveira.

— Chegou hoje de Paris e vai ficar alguns dias aqui em Roma — continua Monique. — Não queria deixá-la em casa sozinha, espero que não seja um problema...

— Você está brincando? É um prazer tê-la conosco. — Não sei se Valérie entende italiano, mas acho que captou o significado da minha frase, e, de fato, um sorriso tímido surge em seus lábios.

— Venham, fiquem à vontade. — Abro caminho até o terraço.

Deixo as três garotas à mesa que arrumei do lado de fora e o interfone toca de novo. Desta vez com certeza é Gaia: minha amiga ainda não perdeu a pequena mania de largar o dedo no botão por dez segundos seguidos.

Vou abrir, preparando-me psicologicamente para o grande evento. Quando penso que da última vez que nos vimos ela usava o vestido de noiva, eu o de madrinha e quase arruinei a amizade de uma vida inteira, parece que vou desmaiar. Ainda assim, depois do telefonema em que fizemos as pazes, parece que aquele dia — ou melhor, o meu comportamento imperdoável daquele dia — foi totalmente esquecido e que tudo voltou a ser como nos velhos tempos. Somos as melhores amigas de sempre. E vamos continuar a ser.

Escancaro a porta e deixo o ciclone me atropelar. Aperto Gaia com toda a força que tenho: neste abraço está o que não dissemos uma à outra nos últimos dois meses. Nós nos olhamos, emocionadas como duas garotinhas, quase começamos a chorar de alegria. Então ela me dá um tapinha no ombro:

— Nada de cenas melosas, está bem? Minha maquiagem não é à prova d'água! — Começamos a rir imediatamente e qualquer traço de comoção desaparece na euforia do reencontro.

Cumprimento Samuel com dois beijos no rosto. Eu os observo juntos, admirada: estão lindos. Ele, de bermuda até o joelho e camisa polo branca, está com mais jeito de um jogador de golfe que um campeão de ciclismo. Ela, de tênis baixos, calça jeans justa cortada acima do tornozelo, camiseta de alcinha listrada tamanho grande e óculos Ray-Ban rosa fluorescentes encaixados nos cabelos, parece uma dessas modelos de ensaios fotográficos feitos em locais underground que ela conhece bem, já que assina todas as revistas de moda que se possa imaginar.

— Venham, entrem. Não fiquem aí parados na porta — convido.

— Meu Deus, Ele, que casa bonita! — comenta Gaia.

— Mérito de Leonardo, que tem um ótimo gosto.

— Ah, aí está o nosso chef! — ela diz, vendo-o debruçado sobre o fogão. — Acho que não nos encontramos há mais de um ano!

Leonardo abaixa o fogo e vem até nós. Beija Gaia na mão e faz uma reverência:

— Senhora... — diz, com o tom das ocasiões importantes. Depois aperta a mão de Samuel: — Parabéns! É uma honra ter um campeão para o jantar! É o primeiro vencedor do *Giro d'Italia* que recebo à minha mesa.

— Obrigado. — Belotti sorri, um sorriso de capa de revista. — Você também é bastante famoso, chef. E acho que entendo por quê — acrescenta, avistando a fileira de entradas na mesa.

— Bem, essas aí fui eu que preparei — especifico, com uma ponta de orgulho.

Gaia arregala os olhos.

— Não acredito... Você está cozinhando agora?!

— Digamos que tentei me meter um pouco no trabalho dele. — Dou uma olhada cúmplice para Leonardo, que imediatamente retribui. — E você, sua coitadinha, ainda não decidiu fazer o papel da esposa exemplar? — brinco, beliscando seu quadril.

Samuel balança a cabeça, desanimado.

— Da última vez que ela tentou fazer um assado, por pouco os vizinhos não chamaram os bombeiros!

— Exagerado! — Gaia o repreende. — Só estava bem passado.

— Claro, querida — diz ele, conciliador, colocando o braço em volta de seus ombros e dando um beijo em sua testa. Então me faz uma careta para eu não acreditar nela.

— Eu vi isso, hein! — ela o ameaça. Mas sua atenção já foi atraída por outra coisa. — Ele, posso dar uma olhadinha por aí? — e já foi em direção à porta do quarto.

— Claro, eu acompanho você — respondo. — Mas rapidinho, daqui a pouco está tudo pronto na mesa, vamos comer ao ar livre.

Depois de conhecerem o apartamento, Gaia e o marido saem para o terraço e começam a conversar com as meninas. Nesse meio-tempo também chega Antonio, o sócio de Leonardo, junto com sua nova namorada, Marina, uma loira que à primeira vista parece muito simpática.

Instantes depois, o interfone outra vez: é Martino, meu herói romântico.

Vê-lo de novo me dá uma alegria imensa. Está um pouco diferente do normal, se preocupou mais com o visual: cortou o topete, mas deixou a barba crescer um pouco e colocou um novo piercing na sobrancelha que, tenho que dizer, combina muito com ele. Martino é uma dessas pessoas que raramente encontramos na vida e depois carregamos para sempre no coração. Se estou morando nesta casa agora, junto com Leonardo, é por mérito dele também. Talvez as coisas tivessem sido diferentes se ele não tivesse lhe telefonado, no dia do acidente. Ou talvez o destino de qualquer maneira tivesse encontrado um jeito para os nossos caminhos se cruzarem de novo. Quem sabe... De todo modo, Martino sempre será meu amuleto, e Leonardo sabe e respeita isso.

Entra com seu andar desengonçado que me enlouquece, cumprimenta Leonardo com um aperto de mão e a mim com dois beijos tímidos nas bochechas. Desajeitado como sempre. Jogo os braços em seu pescoço e ele então se solta um pouco, abraçando-me e levantando-me um pouco do chão. Quando me solta, já parece mais relaxado.

— Venha, me faça companhia na cozinha! — digo, puxando-o pela manga, e o acomodo num dos bancos.

— Incrível, você virou uma cozinheira de mão cheia — comenta, mordendo o bolinho de arroz que lhe dou.

— Acho que o que faço melhor são os doces. Você vai provar o tiramisù de coco, é incrível!

— Não vejo a hora de experimentar...

Depois de ter me contado os últimos acontecimentos de sua vida, que infelizmente no plano sentimental ainda está em branco, vou pegar o livro de receitas e mostro a ele, toda orgulhosa.

— Vamos, seja sincero... O que você acha? — pergunto. Estou curiosíssima para saber sua opinião sobre as ilustrações. No fundo, ele é da área.

Martino analisa as páginas e está sinceramente admirado.

— Foi você mesma que fez?

— Sim. Comecei quando estava em Stromboli, quase de brincadeira, e tomei gosto pela coisa... E aí, estão boas?

— Não tenho palavras... Você é realmente ótima nisso, Elena.

— Posso ver também? — diz Gaia, vindo do terraço até nós. Essa garota é incrível: consegue rebolar até de tênis... Quanta coisa eu ainda tenho que aprender com ela!

— Esta é Gaia, minha melhor amiga. — Mal consigo segurar um sorriso.

— A que se casou em Veneza? — Martino me pergunta.

— Eu mesma — ela me antecipa. — E você deve ser Martino, certo? — pergunta a ele, mas enquanto isso olha para mim e pisca. "Gato", leio em letras garrafais em sua testa. E depois: "Se é esse o motivo pelo qual você chegou tarde ao meu casamento, tudo bem, baby!" Ela está pensando isso, não tenho dúvidas.

— Sou, prazer — Martino apresenta-se, beijando-lhe o rosto.

Gaia belisca meu bumbum.

— Escute, estão pedindo mais entradas lá fora — ela me informa. Então, para Martino: — É melhor você ir se chegando, antes que acabem com tudo.

— Se é assim, vou voando! — E corre para o terraço, onde a primeira a cumprimentá-lo é Valérie. Os tímidos se dão bem. Foi o que pensei no dia em que eu e Martino nos conhecemos.

— Quer me dar uma mão com as entradas? — pergunto a Gaia.

— Se você fizer muita questão...

— Faço! — e soa como uma ameaça.

Ela levanta os braços em sinal de rendição e se aproxima da ilha de mármore.

— Vamos, pare de dar uma de tímida porque não combina com você, e me conte alguma coisa — eu a pressiono, e enquanto isso divido a berinjela à parmegiana em pequenas porções.

— O que você quer que eu diga?

— Não sei... Como é estar casada com um campeão, por exemplo!

— O dia da premiação final do *Giro d'Italia* foi incrível... Você tinha que ter visto Samuel chorando de alegria no pódio, vestindo a camiseta rosa de vencedor! Até eu, que tenho um coração de pedra, fiquei emocionada. — Sorri, comovida. — Mas desde aquele momento a paz acabou: começou o pesadelo das entrevistas, das festas, dos encontros com os patrocinadores. Olhe, você sabe que eu não sou nem um pouco tímida... Mas cheguei ao meu limite, e não aguento mais, juro! — ela me conta com ar sofredor, mas logo depois um sorriso volta a iluminar seu rosto. — Mas não vai durar muito, daqui a uma semana vamos para uma ilhazinha na Grécia, só ele e eu, curtir um pouco de tranquilidade. Não vejo a hora. — Faz aqueles olhos de apaixonada. — Agora que as competições terminaram e posso estar um pouco mais com ele, eu juro, Ele, me sinto a mulher mais feliz do mundo.

Pisco para ela e então me inclino para conferir o forno. Retiro a assadeira e entrego a ela.

— Vamos, corte este *sfogghiu* pra mim.

— Este o quê? — Gaia arregala os olhos. — Virou siciliana, agora? — ela zomba de mim, com um péssimo sotaque da ilha do Sul.

— Boba, é o nome do prato: é uma torta de queijo!

— Humm, tem um cheirinho bom...

— Também é obra minha — especifico e bato no peito para destacar minha autoria.

— Ele, mas nós não tínhamos que levar adiante a causa das feministas alérgicas ao fogão? Você é uma traidora, e escondeu tudo de mim até agora!

— Sacrifiquei os grandes ideais em nome do amor — eu me justifico, com ares de uma perfeita atriz.

Quando entramos no terraço com as bandejas das novas entradas, há uma atmosfera mágica de festa de verão: no céu de Roma apareceram as primeiras estrelas, e Leonardo acendeu as luminárias. Está batendo papo com Samuel — sabe-se lá o que estão conversando com aquele jeito de conspiradores — enquanto Martino está servindo vinho para Valérie; falam sem parar em francês e sinto um clima entre eles. Paola e Monique, seguidas por Antonio e Marina, me dão os parabéns pelo livro de receitas, e, depois de terem me prometido que vão comprá-lo na livraria, me pedem desde já que eu faça uma dedicatória personalizada para eles.

É tão bom estar aqui, entre eles e junto ao meu Leo: quase tenho vontade de cantar, mas é melhor poupar todo mundo da minha voz desafinada.

— Temos que fazer um brinde! — propõe Gaia. Como sempre, ela está lendo meus pensamentos.

Os aplausos do público me dizem que ela teve uma ótima ideia, então Leonardo abre a garrafa das ocasiões importantes, um Feuillatte Palmes d'Or, e dá a volta na mesa para encher as taças.

— Ao verão, que seja fantástico e cheio de surpresas pra todos nós! — exclama, levantando sua taça.

— E a vocês, que são sempre fantásticos! — exclamo, piscando o olho.

Enquanto os cálices se encontram tilintando, olho meus amigos, um a um: Gaia, que agora sorri e rouba um beijo do marido; Paola, que olha uma

estrela no céu e abraça forte Monique.

E depois Martino, que finalmente encontrou coragem para olhar nos olhos de Valérie e toca suavemente sua mão. A felicidade de cada um deles transmite amor e se mistura com a minha.

Dizem que, quando uma pessoa está feliz, vê tudo mais bonito e seu olhar sobre o mundo reflete as cores de sua alma.

É verdade, agora tenho a prova disso.

Olho Leonardo. Nossas bocas se tocam e nossos olhos sorriem.

Minha felicidade está toda aqui.

Não tenho mais nada para pedir à vida.

15

Já é tarde da noite, e a festa acabou de terminar. Gaia e Samuel foram os últimos a ir embora, há alguns minutos, e estou exausta. Mas queria pelo menos arrumar o terraço antes de dormir, porque de manhã estou sempre atordoada, e encontrar a casa de pernas para o ar com certeza não é o melhor jeito de acordar.

Mal tenho tempo de pensar como uma dona de casa e Leonardo surge da sala com as jaquetas e os capacetes.

— Você ainda tem um pouco de energia pra mim? — pergunta, com uma expressão fresca no rosto, como se tivesse acabado de despertar.

Eu o olho, perplexa:

— Pra fazer o quê? — São quase quatro e estou caindo de sono, mas tenho que admitir que a ideia de dar uma volta de moto a essa hora me atrai.

— Quero levar você a um lugar — diz.

— É longe?

— Não, não se preocupe. É mais ou menos a uma hora daqui.

— E imagino que seria inútil pedir mais detalhes...

— O que você acha? — Ele me lança um olhar sugestivo e sorri.

— Acho que sim.

O sol está nascendo quando chegamos a Terracina. Nunca tinha vindo a esse lugar de sonho, e a emoção que sinto agora é metade admiração, metade gratidão pelo espetáculo maravilhoso que tenho diante dos olhos: o antigo templo romano de Júpiter está protegido no topo de um penhasco e o panorama que se tem daqui é um dos mais bonitos do mar Tirreno. De uma só vez podemos abraçar todo o litoral de Ulisses, do Circeo a Gaeta.

A rocha em que estamos sentados tem 2 mil anos. Parece incrível, quase provoca tonturas. O cheiro da pedra mistura-se ao do mar, das ervas aromáticas, dos arbustos, da nossa pele. E agora as luzes da madrugada se apagam para dar espaço às luzes do dia.

— Este é o momento perfeito — sussurra Leonardo, olhando ao redor com os olhos entrefechados e uma expressão satisfeita.

Concordo. Desde que voltamos para Roma tudo foi uma sequência de momentos *perfeitos*: a nossa casa, acordarmos juntos, esperá-lo voltar à noite, o livro de receitas que fizemos... E, por último, a nova restauração

mencionada por Paola esta noite, na qual ela quer que eu trabalhe de qualquer maneira.

Leonardo me abraça, fazendo com que eu apoie a cabeça em seu ombro. Observa o céu, e é como se pensasse em voz alta:

— Sabe, Elena... Ultimamente tenho pensado muito em como a minha vida mudou desde que nos conhecemos. Nunca tive muitas certezas, sempre vivi um dia depois do outro. Mas agora, se penso no futuro, não me parece tão estranho me imaginar ao seu lado. — Um sorriso aberto e sereno surge em seus lábios.

Então procura no bolso da jaqueta e tira dele um saquinho de cetim azul- escuro, do qual pega dois anéis de ouro branco. Eu levanto a cabeça e o olho calada: não consigo acreditar que esteja realmente acontecendo. Leonardo coloca um anel, com o nome "Elena" gravado em itálico, na minha mão; o outro, com o nome "Leonardo", ele segura firme na sua.

— Elena, nunca te disse isso e quero que você saiba agora. — Respira fundo, como se quisesse se preparar para dizer uma coisa grandiosa. — Eu, em você, encontrei a mim mesmo. Enxerguei tudo o que nunca quis ver a meu respeito: minhas fragilidades, meus sentimentos de culpa, minha luxúria descontrolada que magoa os outros e me consome. Através dos seus olhos, porém, também consegui olhar além de todos os meus limites. — Respira fundo. — Quero passar todos os dias da minha vida junto de você — diz, de um fôlego só. — E, se você também quiser, deixe que meu nome fique pra sempre sobre a sua pele.

É claro que eu quero. Quero com toda a força. É uma declaração inesperada que me deixa sem palavras, tenho vontade de rir e chorar ao mesmo tempo. As mãos começam a tremer. Nunca coloquei um anel no dedo de alguém e, pensando bem, nunca ninguém colocou um anel no meu. Estamos nos casando? Em certo sentido sim, e estamos até fazendo isso diante de Júpiter, o senhor do Olimpo. Nosso compromisso é firmado com o coração e, por isso, ainda mais indissolúvel.

Coloco o anel no dedo dele.

— Eu quero. Sou tua, Leo. Pra sempre. — Então lhe estendo a mão.

Ele a pega com doçura e, num instante, seu nome envolve a minha pele. Seu gesto é muito mais firme que o meu.

— Pra sempre teu. — Ele me beija na boca. — Pra sempre nós.

Eu me aperto nele, meu rosto no dele. Nossos dedos se entrelaçam, os anéis se tocam.

Somos realmente *nós*, agora.
E, aonde quer que formos, estaremos juntos.

Três anos depois

Às 10h da manhã a praia do Lido de Veneza ainda está silenciosa. Da cabine na área em frente ao Excelsior, deitada nesta espreguiçadeira branca, totalmente relaxada, consigo ouvir o barulho do mar e os gritos fracos das gaivotas que agora brigam na beira da água. Uma melodia difusa se espalha do terraço do hotel, enquanto uma brisa suave acaricia minha pele.

Leonardo e eu vamos ficar aqui uma semana. Meus pais o adoram, principalmente minha mãe, embora ainda tenha dificuldade em aceitar o fato de um homem se sair melhor que ela na cozinha. Nas últimas noites saímos com frequência: Veneza em julho é tão bonita e cheia de vida que temos vontade de passar o tempo todo na rua. Reencontramos muitos amigos que não víamos há tempos. Até Filippo. Foi um encontro tranquilo, sincero: ele continua sendo uma daquelas pessoas de quem vou gostar sempre e sei que esse carinho é recíproco. Só precisávamos de tempo para que a ferida cicatrizasse: foi doloroso para os dois, mas era o único jeito de nos libertarmos e permitir que nossas vidas continuassem. Filippo está realmente feliz por mim e eu também estou por ele. Sei que agora está morando com Arianna, a garota com quem o vi na noite da despedida de solteira de Gaia, e me parece que existe um amor de verdade entre eles.

Já Gaia vai nos encontrar daqui a dois dias com seu marido: no momento estão na Argentina, onde Samuel tem uma competição. Não vejo a hora de chegarem.

— Michele, deixa a mamãe sossegada... — A voz de Leonardo, pouco mais que um sussurro. E, então, a mão pequena e forte do nosso filho cutucando meu quadril. Michele, 2 anos, feitos no dia 19 de março. De acordo com os nossos cálculos, foi concebido na noite do jantar no terraço, a noite em que Leonardo me deu o anel que uso. Não nos casamos, pelo menos não no papel. Talvez um dia façamos isso, mas por enquanto não é fundamental: essas alianças, para mim, valem mais que qualquer promessa.

E, além do mais, existe ele, nosso filho, a testemunha viva do nosso amor. Abro os olhos e o admiro com o olhar de quem está em frente a uma criatura única e preciosa. Levanto-me da espreguiçadeira e o pego no colo. Michele luta um pouco com as minhas mãos, faz cara de emburrado e depois sorri para mim. É um pequeno Leonardo: cabelos escuros, olhos pretos e profundos, pele morena, mas tem uma pequena mancha em forma de coração no peito, e isso ele herdou de mim.

Penso na mulher que me tornei, na vida que estou vivendo e no quão intensamente eu a desejei.

— Acha que ele está queimando as costas? — Leonardo me pergunta. Tem um cuidado com nosso filho que eu não conhecia. Tornar-se pai o transformou: não perdeu nada do seu fascínio e da sua vitalidade, mas adquiriu aquela ternura da qual sempre fugiu.

— Claro que não, Leo... — eu o tranquilizo. — Não é, Michele? — E olho nosso filho, beijando seu narizinho. — Diz ao papai que você não tem medo do sol. Porque o sol está dentro de você.

FIM